

Universidade Federal do Paraná
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Letras

Fundamentos para uma Filosofia da Linguística: A Controvérsia sobre a Natureza do
Componente Semântico e o Conceito de Estrutura Profunda em Gramática Gerativa
Transformacional

Rodrigo Borges de Faveri

Curitiba
2011

Rodrigo Borges de Faveri

Fundamentos para uma Filosofia da Linguística: A Controvérsia sobre a Natureza do Componente Semântico e o Conceito de Estrutura Profunda em Gramática Gerativa Transformacional

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos. Linha de pesquisa: História e Filosofia da Linguística.

Orientador: Prof. Dr. José Borges Neto

Curitiba

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS
BIBLIOTECA CENTRAL – COORDENAÇÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS

- F273f Favéri, Rodrigo Borges de, 1970-
 Fundamentos para uma filosofia da linguística [manuscrito] : a
 controvérsia sobre a natureza do componente semântico e o conceito de
 estrutura profunda em gramática gerativa transformacional / Rodrigo
 Borges de Favéri. – 2011.
 147 f. : il. [algumas color.] ; 30 cm.

 Impresso.
 Tese (doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências
 Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Letras, Área de
 concentração: Estudos Lingüísticos, Linha de pesquisa: História e Filosofia
 da Linguística, 2011.
 “Orientador: Prof. Dr. José Borges Neto”.
 Bibliografia: f. 141-147.

 1. Lingüística - Filosofia. 2. Gramática gerativa. 3. Discussões e
 debates. I. Universidade Federal do Paraná. II. Borges Neto, José, 1951-.
 III. Título.

CDD: 410



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

PARECER

Defesa de tese do doutorando RODRIGO BORGES DE FAVERI para obtenção do título de **Doutor em Letras**.

Os abaixo assinados JOSÉ BORGES NETO, ANNA CAROLINA KREBS PEREIRA REGNER, MARCELO DASCAL, RODRIGO TADEU GONÇALVES e BRUNO DALLARI argüiram, nesta data, o candidato, o qual apresentou a tese:

A CONTROVÉRSIA SOBRE A NATUREZA DO COMPONENTE SEMÂNTICO E O CONCEITO DE ESTRUTURA PROFUNDA EM GRAMÁTICA GERATIVA TRANSFORMACIONAL

Procedida a argüição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que o candidato está apto ao título de **Doutor em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADO Não APROVADO
JOSÉ BORGES NETO		A
ANNA C. KREBS PEREIRA REGNER		A
MARCELO DASCAL		A
RODRIGO TADEU GONÇALVES		A
BRUNO DALLARI		A

Curitiba, 11 de julho de 2011.

Prof.ª Dr.ª Teresa Cristina Wachowicz
Vice-Coordenadora

EPIGRAFE

... je vois de plus en plus à la fois l'immensité du travail qu'il faudrait pour montrer au linguiste ce qu'il fait ...

Ferdinand de Saussure (em carta a Antoine Meillet, 1894)

La constitution d'une terminologie propre marque dans toute science l'avènement ou le développement d'une conceptualisation nouvelle, et par là elle signale un moment décisif de son histoire.

Emile Benveniste (1969) "Genèse du terme 'scientifique'".

Logicians are concerned with *arguments*, logicians of science with *scientific arguments*. Their enquiries presuppose answers to worries about the conceptual 'stuff' of arguments: unless you know *what is being argued* you cannot determine the argument's soundness.

Norwood Russel Hanson (1962) "The Irrelevance of History of Science to Philosophy of Science".

I will be very surprised if in a similar review several years from now, or perhaps next week, I will not want to present a rather different picture –surprised, and not a little disappointed as well.

Noam Chomsky (1972) "Some Empirical Issues in the Theory of Transformational Grammar".

The essential properties of the human mind will always escape such investigation. And if I can be pardoned a final 'nonprofessional' comment, I am very happy with this outcome.

Noam Chomsky (1968 [2006]) "Form and meaning in natural language".

The future of linguistics is likely to be determined by methodological issues [...]

András Kertész & Csilla Rákosi (2008) "New Approaches to Linguistic Evidence: Pilot studies".

Biology taught me that a field undergoing development should be investigated always from the viewpoint of its past development.

Ludwik Fleck (1979 [1935]) *Genesis and Development of a Scientific Fact*.

AGRADECIMENTOS

A Clara Dornelles (linguista aplicada e professora dedicada, além de minha companheira, parceira e interlocutora preferida durante todos esses anos); à Professora Marli Borges (minha mãe, aquela que me introduziu nas primeiras letras e a quem dedico este trabalho); a Claudia Borges de Faveri (professora, linguista, literata e tradutora, além de minha irmã, que tantas vezes se dispôs, como sempre, a me ouvir, em minha impaciência); a Sarita Borges de Faveri (professora, bióloga, além de minha irmã, e quem frequentemente também me ouviu nas minhas tentativas de impor o relativismo linguístico à biologia. Gostaria ainda de poder agradecer ao meu pai, a quem não sou de todo ingrato.

A José Borges Neto, meu orientador e quem me introduziu na teoria das controvérsias e me apresentou à obra de Marcelo Dascal, pela paciente sutileza com que me conduziu neste processo (além do possível interesse inconfessável, porém muitas vezes demonstrado, neste meu trabalho); ao próprio Marcelo Dascal, pelo seu interesse inquebrantável, paciência e impaciência, gentileza, generosidade, amizade, além de ter me recebido e introduzido incondicionalmente em seu vasto grupo de relações e de trabalho na Universidade de Tel Aviv e em todo o mundo; a Anna Carolina Regner, que me recebeu em seu grupo de pesquisa em controvérsias, me apoiou e incentivou a prosseguir com o trabalho, e pela leitura detalhada da primeira versão deste texto durante o processo de qualificação; a todo o pessoal da UFPR, especialmente ao Programa de Pós-Graduação em Letras, com quem travei relações durante estes anos, pela paciência em me aceitar como um *legal alien* e por todo o apoio concedido.

Suponho que eu devesse agradecer à CAPES e ao CNPQ que financiaram não só este meu período de doutorado, mas toda minha formação acadêmica. Apesar de me sentir grato por ter tido esta oportunidade, acredito que estes órgãos não fizeram mais do que a sua obrigação com a educação no país. Também sou grato pela oportunidade de ter um emprego como professor em uma universidade federal, na Unipampa, o que me parece um resultado condizente com o investimento que recebi. Agora tenho a oportunidade de retribuir o investimento e de dar continuidade à tarefa educacional a que me referi acima.

Agradeço ainda a todos aqueles, amigos e conhecidos, em Florianópolis, em Curitiba, em Tel Aviv, em Porto Alegre e aqui em Bagé, que participaram direta ou indiretamente deste processo que me ocupou durante vários anos, contribuindo com sugestões e opiniões de toda natureza, além do apoio, impossível de nomeá-los por completo. A todos, muito obrigado.

RESUMO

Os debates a respeito de questões polêmicas, sejam de natureza conceitual, metodológica, ou outra, constituem, ao longo da história do desenvolvimento do conhecimento linguístico, um dos motores da inovação conceitual e da mudança teórica em linguística. Estes eventos de mudança podem ser interpretados e compreendidos a partir da análise das práticas argumentativas dos indivíduos envolvidos nas atividades de investigação e de elaboração de teorias linguísticas devidamente situadas em seus contextos históricos, socioculturais e epistemológicos.

Sob esta perspectiva, o trabalho científico sobre a linguagem se constitui, fundamentalmente, pela elaboração, aplicação, desenvolvimento e avaliação de propostas teóricas e analíticas, as quais, por sua vez, irão constituir os programas de investigação, as tradições e as tendências de pesquisa. Os eventos de inovação conceitual e mudança teórica são, para fins analíticos, reconstruídos, em parte, pela interpretação histórica e cultural do contexto em que ocorrem e, em parte, pela interpretação dos usos dos argumentos utilizados pelos participantes em suas estratégias argumentativas de proposta, justificativa, crítica, avaliação e defesa de suas teorias. Toda proposta teórica/analítica é, sempre, em maior ou menor grau, uma resposta a uma teoria anterior já sedimentada.

O método analítico utilizado para a identificação, descrição e avaliação destes eventos polêmicos é a teoria das controvérsias. Este método se fundamenta em uma tipologia que orienta a interpretação das estratégias argumentativas utilizadas pelos participantes em um debate. As práticas argumentativas implementadas nestes debates são, por sua vez, estruturadas pragmaticamente, sendo que, devido à sua forma de funcionamento, caracterizam-se como eventos linguísticos dialógicos. A interpretação pragmática da interação comunicativa que estrutura os debates científicos funciona como modelo e instrumento de análise das interações polêmicas concretas. Em grande parte das vezes, o modo de expressão do conhecimento teórico é tão importante quanto aquilo que é efetivamente dito sobre o objeto de investigação em questão.

O objetivo específico da proposta é a reavaliação da polêmica da semântica gerativa, a qual, muitas vezes, tem sido caracterizada, simplesmente, como um evento irracional. Ou, ainda, em alguns casos, do ponto de vista historiográfico, por exemplo, a semântica gerativa tem sido considerada como uma tendência de pesquisa concorrente a qual, no contexto do debate sobre o conceito de estrutura profunda, teria sido refutada pelo programa oposto, a chamada semântica interpretativa. Pelo contrário, como todos os outros eventos polêmicos na história da linguística, esta polêmica possui sua racionalidade específica, característica comum a todos eventos de desacordo teórico. Esta reavaliação possibilita, além da reconstrução do percurso de desenvolvimento do conceito de estrutura profunda, a reinterpretção da história da reflexão semântica em gramática gerativa. O objetivo geral da investigação é o de introduzir o estudo dos debates científicos na atividade de interpretação metateórica em linguística, a fim de contribuir - dado a carência de reflexão sistemática desta natureza em linguística - para o estabelecimento dos rudimentos de um programa de investigação em história e filosofia da linguística.

Dentre as tentativas de elaboração de uma abordagem sistemática de estudo a respeito dos fundamentos da mudança teórica e conceitual em linguística, muitas

das abordagens meta-analíticas propostas - seja de natureza historiográfica ou metodológica - têm se mostrado ineficientes na resolução de determinados impasses teóricos e metateóricos que resultam da polarização de posições metodológicas estritas. A teoria das controvérsias fornece a possibilidade de uma interpretação despolarizante em relação a estas alternativas metodológicas.

Os resultados alcançados apresentam-se na forma de um ganho cognitivo complexo. Este envolve desde a percepção da influência e do valor da reflexão metateórica para a teoria e análise linguísticas até a compreensão de dois dos fatores fundamentais na mudança teórica e conceitual em linguística, a saber, a interação dialógica e a argumentação dialética. A compreensão destes conduz ainda à elucidação da natureza, forma e funcionamento dos argumentos utilizados na construção de teorias linguísticas.

Palavras chave: controvérsias, gramática gerativa transformacional, mudança do conhecimento em linguística, história e filosofia da linguística, componente semântico, estrutura profunda, argumentação dialética,

ABSTRACT

Debates on polemical topics are one of the motives of conceptual innovation and theoretical change in linguistics. These debates may concentrate over conceptual, methodological or other kinds of problems, and they take place along the actual history of the discipline. Those events of change may be interpreted and comprehended from the analytical perspective over the argumentative practice of the people involved in the practice of research, of theory construction. That kind of practice being adequately contextualized both historically and epistemologically.

From that perspective, the scientific work on language is understood as being basically formed by the development and evaluation of theoretical and analytical models proposed as explanation to the linguistic phenomena. Those, in their turn, will constitute the research programs and the research traditions. These events of change and innovation are, for analytical purposes, partially reconstructed through the historical interpretation of their context of occurrence, and, partially, through the interpretation of the uses of the arguments by the participants during their scientific work of theoretical construction and evaluation, as well as on the defense of their perspectives. Every theoretical or analytical proposal is, in itself, an answer to another proposal of the same nature, previously stated and well established.

The analytic method used here for the identification, description, and evaluation of those polemical events is the theory of controversies. It is based upon a typology which directs the interpretation of the argumentative strategies used by the participants in a debate. This argumentative practice is pragmatically structured and characterized as dialogical linguistic events. The kind of pragmatic interpretation that characterizes scientific debates works as a model and a tool for the analysis of actual polemics. Most of the time, the way that scientific knowledge on language is expressed is as much important as that which is eventually said about the object of research.

The main objective of this work is to reevaluate the polemics on generative semantics, which is frequently characterized simply as an irrational event. In some cases, as the historiographic viewpoint, for instance, the generative semantics has also been considered a disputing research tendency which, on the lights of the debate on the deep structure, would have been refuted by the opposing program, the so called interpretive semantics.

On the contrary, as all the other polemical events on the history of linguistics, this polemics has its own rationality, which is a common characteristics to all events of theoretical disagreement. In addition to the reconstruction of the trajectory of the development of the concept of deep structure, this reevaluation makes it possible the reinterpretation of the history of the semantic reflection on generative grammar. The general objective of the investigation is to introduce the study of the scientific debate into the activity of meta theoretical interpretation in linguistics, in order to contribute – on the grounds of the lack of systematic reflection of this nature in linguistics – to the establishment of the fundamentals of a program of investigation on the history and philosophy of linguistics.

Many of the meta-analytical frameworks that propose to elaborate a systematic framework to the study of the foundations of the theoretical and conceptual changes in linguistics – either of historiographical or methodological nature – has demonstrated to be inefficient on the resolution of specific theoretical or meta-

theoretical mismatches that result from the polarization of methodological strict positions. The theory of controversies presents a possibility of an interpretation that might be considered de-polarizing comparing to the mentioned methodological alternatives.

Through this framework of interpretation, the results accomplished present themselves as a complex cognitive gain, from the perception of the influence and the value of the meta theoretical reflection to linguistics theory and analysis to the comprehension of two of the fundamental factors on the theoretical and conceptual changes in linguistic, that is, the dialogical interaction and the dialectical argumentation. The comprehension of these processes conducts to the elucidation of the nature, form and functioning of the arguments used on the construction of linguistic theories.

Key words: controversies, transformational generative grammar, theoretical change in linguistics, history and philosophy of linguistics, semantic component, deep structure, dialectical argumentation,

SUMÁRIO

1	_Toc308363220Introdução / Contextualização.....	13
1.1	Motivações, Justificativas, Direcionamentos.....	13
1.1.1	Motivações (para uma investigação em história e filosofia da linguística)	13
1.1.2	Justificativas (para uma investigação em história e filosofia da linguística)	17
1.1.3	Direcionamentos (a que pode conduzir uma investigação em história e filosofia da linguística).....	20
1.2	Problemas e Objetivos da Pesquisa	21
1.2.1	Problemas de Pesquisa	21
1.2.2	Objetivos de Pesquisa	22
1.3	Organização da Tese.....	23
2	Proposta para uma história e filosofia da linguística como base metodológica para uma metateoria linguística	31
2.1	A (ir)relevância da história para a filosofia da ciência	32
2.2	A utilidade da historiografia para a teoria e análise linguísticas	39
2.3	A necessidade de uma ‘verdadeira’ filosofia da linguística	42
2.4	O problema da “migração de proposições” no modelo de “desenvolvimento” teórico em linguística	47
2.5	Por um programa de pesquisa autônomo em filosofia da linguística	55
3	As controvérsias como objeto de estudo.....	66
3.1	Uma consideração histórica.....	66
3.2	A Teoria das Controvérsias.....	67
3.2.1	O surgimento da versão dialógico-pragmática da Teoria das Controvérsias: Alguns aspectos historiográficos	71
3.2.2	Outros aspectos característicos das controvérsias: A sua função desdicotomizadora e o seu tipo específico de racionalidade	73
3.2.3	Tipologia (tipos de debates).....	77
3.2.4	Ganhos cognitivos	78
3.2.5	Teoria das controvérsias e argumentação: Instrumental analítico- metodológico	79
3.3	Conclusão do capítulo [síntese e conclusões parciais]: A história da linguística como uma tradição de controvérsias [indicações para o próximo capítulo] ..	84

4 O debate da semântica gerativa vs. semântica interpretativa considerado do ponto de vista da teoria das controvérsias	86
4.1 Um capítulo na história do conceito de estrutura profunda: O debate da semântica gerativa vs. semântica interpretativa	89
4.1.1 Pontos polêmicos do debate (o estado de controvérsia)	97
4.2 A polêmica sobre o conceito de estrutura profunda	103
4.3 Apresentação da reconstrução de uma estrutura proposição/oposição (popo) e justificativa para a sua escolha	106
4.4 Reconstrução da estrutura proposição/oposição (popo) mínima a partir do contexto primário do debate sobre a estrutura profunda.....	112
4.4.1 O início informal do debate	116
4.4.2 O conceito de 'estrutura profunda' e a significação no modelo da teoria padrão.....	119
4.4.3 O argumento sobre a correta formulação do conceito de 'estrutura profunda' e sua comprovação empírica	127
4.4.4 A reformulação do modelo da teoria padrão	130
5 Considerações finais	139
Referências Bibliográficas	143

1 Introdução / Contextualização

1.1 Motivações, Justificativas, Direcionamentos

1.1.1 Motivações (para uma investigação em história e filosofia da linguística)

Resumo dos tópicos da Introdução

(i). [**Motivações**] A ampliação do espaço de interlocução promovido pelo número crescente de pesquisas e publicações tratando a respeito do conhecimento metateórico em linguística:

- A necessidade de escolha de uma teoria para o tratamento de determinados fenômenos linguísticos impõe o estabelecimento de algum mecanismo que seja capaz de determinar esta escolha da teoria adequada, dentre a variedade de abordagens que se apresentam para tratamento dos fenômenos linguísticos;
- Geralmente este mecanismo é assumido implicitamente (ou, intuitivamente), uma metateoria geral do conhecimento linguístico é este mecanismo;

(ii). [**Justificativas**] O crescente reconhecimento da importância da reflexão metateórica para o desenvolvimento da teoria e análise linguísticas:

- Torna-se cada vez mais evidente que direta ou indiretamente, explícita ou implicitamente, toda escolha teórica pressupõe uma escolha metateórica.

(iii). [**Direcionamentos**] A necessidade de definição de um campo de investigação metateórico e da elaboração de programas de pesquisa relativos a este campo, tanto de caráter geral (por ex., uma metateoria geral) quanto específico (por ex., metateorias específicas sobre os níveis linguísticos/gramaticais) para o tratamento de problemas como:

- A avaliação do fenômeno da mudança teórica;
- A avaliação do fenômeno do pluralismo teórico e conseqüente reflexão sobre a unificação teórica;

Variadas são as motivações que põem este trabalho de investigação em andamento, que o movem em certa direção e com um certo alento. Entretanto, a principal motivação diz respeito, justamente, ao questionamento da necessidade, relevância e utilidade de um trabalho de investigação que se volta para o nível metateórico de existência de um campo de investigação. Acredito que o investigador dos fenômenos linguísticos possui algumas opções quanto à tomada de decisão que poderá decorrer deste questionamento: (i) pode ignorá-lo por completo e ter que lidar com as conseqüências desta decisão, mesmo que ele acredite que elas não existam - um dos objetivos desta proposta é mostrar que estas conseqüências são reais e atuantes nas decisões teóricas e analíticas na atividade do linguista; (ii) pode admitir sua existência e seu valor epistêmico, porém situar a relevância da investigação metateórica em um outro campo de investigação, por exemplo, a história da ciência ou a filosofia da ciência; (iii) pode reconhecer a importância e a relevância da investigação metateórica e admitir a influência e a relação direta que

este nível de reflexão possui para a elaboração do trabalho teórico e analítico que realiza. Neste último caso, o linguista pode ou se engajar na pesquisa metateórica e aproveitar de seus resultados ou fazer uso da pesquisa de outro investigador, seja ele linguista, filósofo, historiador, ou outro nas suas próprias análises. O que importa é que este questionamento sobre a relevância da reflexão metateórica para as ciências -tanto em geral quanto em específico- não é nenhuma novidade e, ainda hoje, divide a comunidade científica, especialmente na linguística. Contudo, um dado torna-se inquestionável: o maior interessado nesta questão, se ainda não o for, deveria ser o próprio linguista. Relegar o interesse pela reflexão metateórica exclusivamente ao filósofo da ciência é um risco que se enquadra na decisão (i), apontada acima. A história da linguística mostra que aquilo que mantém valor de relevância ao longo da sua história diz respeito a questões desta natureza, isto é, questões metateóricas. Explícita ou implicitamente, direta ou indiretamente a escolha de uma metateoria sempre é feita quando o linguista toma a decisão de optar por uma teoria específica para a análise de seu objeto. Esta é também a opinião de Devitt e Sterelny:

Há controvérsias e indefinições não apenas a respeito dos problemas pelos quais precisamos de teorias sobre a língua, mas também a respeito da condição destas próprias teorias. Esta questão de condição é altamente abstrata: ela exige uma teoria das teorias sobre a língua, uma 'metateoria'. Seria bom se pudéssemos evitar a metateoria e continuarmos apenas com a teoria, mas isto é um luxo que não podemos manter. Acreditamos que muitos dos erros que as teorias sobre a língua contêm devem-se a uma metateoria errada. Além disso, achamos que estes erros são frequentemente cometidos por uma falha em se ser explícito a respeito da metateoria: quando a metateoria implícita é exposta, ela pode ser considerada implausível e insustentável. (Devitt e Sterelny, 1999, p. 9)¹

Duas subdivisões se apresentam mediante à admissão da relevância da reflexão metateórica para o trabalho de análise e construção teórica em linguística²:

¹ No original: "There is obscurity and controversy not only over the problems for which we need theories of language but also over the status of the theories themselves. This issue of status is highly abstract: it requires a theory of theories of language, a 'meta-theory'. It would be nice to ignore the meta-theory and get on with the theory, but that is a luxury we cannot afford. We think that many mistakes in the theory of language arise from a mistaken meta-theory. Further, we think that these mistakes are often facilitated by a failure to be explicit about the meta-theory: once the implicit meta-theory is exposed, it can be seen to be implausible and unsupportable". Daqui em diante, todas as citações traduzidas são de minha autoria, caso contrário o autor da tradução será indicado em nota de rodapé.

² Perceba-se que a questão da relevância da investigação metateórica se coloca de modo diferenciado quando confrontado com o trabalho preponderantemente analítico (isto é, uma certa

uma delas diz respeito à natureza e à forma desta reflexão; a outra à construção de um instrumento metodológico capaz de auferir o grau de influência, ou o nível de intensidade, da reflexão metateórica sobre a teoria e análise linguísticas. No presente trabalho de tese, a proposta de investigação metateórica é, neste sentido, duplamente motivada: por um lado, no que diz respeito à natureza e à forma da reflexão que pretendo realizar, posso adiantar que se trata de uma investigação que se enquadra na tradição da história e filosofia da ciência – considerando seus desdobramentos como filosofia de uma ciência específica, no caso a linguística -, e que a forma como esta investigação é conduzida se apoia em uma orientação que poderia ser dita ‘informal’³, baseada nos aspectos dialógicos e dialéticos como instrumento de descrição; por outro lado, o instrumento metodológico que será apresentado e contextualizado para utilização na tarefa de avaliação da relevância da reflexão metateórica em relação à teoria e análise linguísticas é a chamada teoria das controvérsias⁴. À conjunção das opções metateórica e metodológica apresentadas acima eu denomino pelo rótulo de filosofia da linguística. Isto é, no presente trabalho a expressão ‘filosofia da linguística’ (FL, daqui em diante) representa a reflexão metateórica geral sobre a atividade de construção e avaliação de teorias em linguística.

No contexto mais amplo do interesse geral pela história das ideias linguísticas, o que motiva este trabalho de investigação é a necessidade de compreender e expor, da maneira mais explícita possível, a estrutura do modo de argumentação na prática de construção de teorias em gramática gerativa (GG, daqui em diante). A GG, devido à disposição confrontacional da atitude teórica de Chomsky, implementou e estimulou, repetidamente, desde seu início, a polarização das tendências de investigação na linguística. Assim, inicialmente em oposição ao chamado estruturalismo - ora taxado de taxonômico (puramente descritivo), ora de

forma exclusiva de ‘aplicação’ de um certa teoria a um conjunto de dados) e com o trabalho de elaboração de teorias, isto se for possível separá-los desta maneira. No primeiro dos casos, do trabalho majoritariamente preocupado com a descrição dos dados empíricos, sempre vai existir a questão da escolha da teoria por parte do analista, e neste ponto é que a influência da consciência metateórica irá se mostrar. Se o próprio linguista não tiver condições de fazer tal escolha, fundamentando-a racionalmente, ele terá que tomar partido por uma, correndo os riscos implicados neste tipo de decisão arbitrária sobre o seu trabalho científico.

³ ‘Informal’ possui, neste caso, o seu sentido em oposição a ‘formal’, como pode ser visto na expressão ‘lógica informal’. Neste sentido, ‘informal’ significa ‘plausível’, ‘cancelável’ ou ‘revisável’ (*defeasible*) (ver Walton et al, 2008).

⁴ Ver Dascal (1989, 1990, 1995, 1998, 2005, 2007, 2008, etc.).

comportamentalista (*behaviorista*) -, a GG instaurou em relação à investigação linguística a dicotomização epistemológica, desde o nível de seus detalhes conceituais – como na dicotomia ‘competência’ e ‘desempenho’ – até o nível da orientação metodológica – como no debate sobre a forma correta de descrição e explicação dos fenômenos linguísticos. Esta forma de orientação da investigação reforçou a tendência em impor a escolha entre ‘ser a favor’ e a adotar o modo de investigação preferido (ditado, geralmente, por Chomsky), ou ‘ser contra’ e a fazer outra coisa diferente da GG. Quer dizer, como veremos adiante, esta forma de abordagem metodológica instaurou a dicotomia ‘discussão’/‘disputa’ no contexto da GG. Isto é, ou compartilhava-se uma forma de racionalidade investigativa que conduzisse a um resultado comum predeterminado (geralmente idealizado pela cabeça de Chomsky), ou optava-se por outra forma de investigação (geralmente considerada irracional). Para alguns poderia parecer que se estava reproduzindo na atividade científica a conhecida opção “ame-o ou deixe-o” (*love it or leave it*), mas isto não é exatamente verdade. É verdade que a posição centralizadora de Chomsky estimulou em alguns esta postura do ser a favor ou, se não, ser contra, sem nenhuma outra possibilidade de escolha. Porém, curiosamente, isto não é exatamente verdade em relação ao próprio Chomsky e aqueles menos afoitos em determinar, de uma vez por todas, a única e exclusiva verdade sobre a língua. Veremos mais adiante como isto se materializava e ainda se materializa na postura científica de Chomsky na investigação de seu modo de argumentação.

Como já disse, as motivações que movem este trabalho são variadas. A preocupação com os princípios e os fundamentos do desenvolvimento de teorias é uma tarefa relevante para um tipo de investigação que transcende o interesse pela análise de dados pura e simples. É verdade que a linguística propicia e exige dos seus praticantes um elevado grau de consciência metodológica, em relação a outras disciplinas científicas. No entanto, o grau de consciência metateórica ainda não foi atingido caso a preocupação se limite ao nível metalinguístico de primeira ordem, que caracteriza, como veremos mais adiante, o nível teórico analítico.

Por motivos de delimitação, escolhi focalizar no debate da semântica gerativa vs. semântica interpretativa, ocorrido no contexto da gramática gerativa entre os anos 60 e 70. Este é um debate bem documentado historiograficamente, mais até do

que é possível sistematizar em uma proposta de investigação com uma proposta metodológica, como a desta tese.

Para concluir estas motivações gostaria de citar uma longa passagem retirada das “conclusões sobre o que não foi feito” de Borges Neto (1991):

A opção por uma abordagem extensiva e superficial impediu-me de aprofundar – como seria desejável – uma série de pontos nessa história, que ficam a solicitar estudos complementares. O período do confronto gramática gerativa transformacional x semântica gerativa, por exemplo, não recebeu nesta tese a atenção que merece. Embora julgue essencialmente correta a abordagem que utilizei, creio que o período é mais complexo do que minha abordagem deixa entrever. O ‘*affair* semântica gerativa’ criou uma discussão de fundamentos no interior do Programa que repercutiu - e ainda repercute – em praticamente todas as áreas dos estudos linguísticos, da fonologia à semântica, do léxico ao discurso, das regras sintáticas às concepções gerais da linguagem humana. As ‘dissidências’ que se formam a partir das discussões realizadas no período do confronto (...) ⁵ merecem um estudo detalhado que exponha tanto os pontos de contato quanto os pontos divergentes que apresentam com relação ao enfoque chomskiano: talvez se possa obter desses estudos um ‘quadro geral’ dos pressupostos que são geralmente aceitos e dos pressupostos polêmicos, permitindo a obtenção de uma certa ‘ordem’ nesse caos aparente. (p. 258)

O presente trabalho de investigação pretende ser um destes estudos complementares, propiciando um pouco mais da merecida atenção a alguns dos aspectos do debate da semântica gerativa vs. semântica interpretativa.

1.1.2 Justificativas (para uma investigação em história e filosofia da linguística)

Poderíamos, por exemplo, afirmar que a história e filosofia da linguística – enquanto reflexão metateórica - não precisam mais se justificar para que sejam consideradas relevantes para a teoria e análise linguísticas, isto é, que elas seriam inquestionavelmente necessárias para a construção de teorias em linguística - mesmo que o termo ‘filosofia da linguística’ pareça arbitrário para representar a reflexão metateórica em linguística? Tanto a história quanto a filosofia da linguística fazem parte, enquanto linhas de pesquisa, de departamentos de linguística pelo

⁵ Aqui Borges Neto menciona a ‘teoria léxico-funcional’ (J. Bresnan), a ‘arc-pair grammar’ (P. Postal), a ‘gramática cognitiva’ (G. Lakoff). Ver ainda a passagem na entrevista de Lakoff, em Huck e Goldsmith (1995, p. 118), em que ele menciona alguns dos desenvolvimentos decorrentes tanto da semântica gerativa quanto da semântica interpretativa. Para Lakoff a semântica gerativa deu origem a um número muito mais variado e interessante de abordagens do que a semântica interpretativa.

mundo e são objeto de publicações das mais variadas - o número de trabalhos publicados no campo da reflexão metateórica e historiográfica cresce ano a ano. A importância da história da linguística e da investigação dos seus fundamentos metodológicos para a construção de teorias e para a análise linguísticas é atestada inclusive para um programa de investigação como a gramática gerativa⁶. Poderíamos, então, afirmar finalmente que a reflexão metateórica, independente de sua forma e orientação, tornou-se parte indispensável da consciência do linguista? Acredito que tenho como fornecer, pelo menos parcialmente, uma resposta positiva a esta questão, como veremos nos capítulos seguintes.

Para um campo de investigação como a filosofia da ciência, as teorias científicas são os objetos de interesse, e que lhes fornecem sua matéria de análise. À filosofia da linguística, em uma relação análoga, interessa saber - dentre outras preocupações - quais os procedimentos argumentativos utilizados pelos linguistas na busca pela obtenção de justificativas para o que se alega saber a respeito da propriedades – forma e função – da capacidade linguística em geral, ou a respeito de uma determinada língua em particular.

É preciso esclarecer, também, como se estabelece e se justifica a relação entre a história da linguística e a filosofia da linguística – os dois campos imediatamente relevantes para uma metateoria geral para a linguística. Para a elaboração de uma resposta a esta questão, me apropriei de uma reflexão análoga existente na filosofia da ciência em geral (ver abaixo). A construção do conhecimento histórico e historiográfico em linguística encontra-se bastante amadurecida. Numerosas investigações e publicações atestam esta afirmação⁷.

⁶ É evidente, no princípio da GG os esforços por parte principalmente do próprio Chomsky não só de reconstrução de um certo 'estruturalismo linguístico' mas também de sua justificativa enquanto programa de investigação válido, como por exemplo com a publicação de *Cartesian Linguistics* (Chomsky, 1966). Ver, também, "Conhecimento da história e construção teórica na linguística moderna" (Chomsky, 1997).

⁷ Ver, por exemplo, o periódico *Historiographia Linguistica* publicado desde 1978, além das diversas coleções, como a 'Studies in the History of the Language Sciences' (John Benjamins, com 115 volumes publicados). Além do mercado editorial, numerosas associações existentes relativas ao campo de investigação histórica em linguística e seus relativos congressos. Talvez o nome de Konrad Koerner seja o de maior expressividade na área. Além deste, Sylvain Auroux e o periódico *Histoire, Épistémologie, Langage* também merecem destaque. No Brasil estes dois representantes e suas respectivas tradições estão bem representadas, por exemplo pelos grupos de Cristina Altman (USP) e Eni Orlandi (Unicamp).

O que justifica uma proposta metateórica de orientação histórica e filosófica? Primeiro e antes de mais nada por se pretender que ela seja de caráter geral, servindo de base metodológica para outras propostas de caráter específico, as quais poderão assumir orientação de outra natureza, conforme o seu objeto de interesse⁸.

No quadro de investigação deste trabalho, posso dizer que interessa elaborar um modelo analítico para a interpretação e a compreensão da inovação conceitual e mudança do conhecimento em linguística. Isto pressupõe a investigação do modo como se dá a produção do conhecimento na disciplina. Este interesse não é exclusivo desta proposta. Borges Neto (1991)⁹ afirma na apresentação das motivações que o levaram à investigação dos fundamentos históricos e filosóficos da gramática gerativa a fim de buscar uma resposta ao questionamento mais geral da produção do conhecimento em linguística:

Interessa-me saber, de maneira geral, como se produz conhecimento em linguística e, de maneira específica, no contexto da Gramática Gerativa Transformacional. Interessa-me saber qual a relação entre os procedimentos utilizados pelos linguistas na obtenção do conhecimento científico e aqueles utilizados pelos praticantes de outras ciências. Interessa-me, em resumo, estabelecer uma filosofia da Gramática Gerativa Transformacional, como parte de uma filosofia da linguística e de uma filosofia da ciência em geral. (p. 3)

Mesmo situando-se a presente proposta em lugar muito próximo ao do trabalho de investigação citado acima, suas semelhanças resumem-se ao contexto historiográfico e teórico do objeto de investigação, sendo a proposta metodológica bastante diferenciada. Enquanto a proposta de Borges Neto propõe situar metodologicamente a tarefa de investigação metateórica – isto é, a filosofia da linguística – no contexto da filosofia da ciência, a presente proposta tem a intenção de mostrar que o trabalho de investigação metateórico está intimamente relacionado aos níveis teórico e analítico da investigação linguística.

⁸ Por exemplo, conforme os níveis linguísticos – como o nível fonológico, o sintático, o semântico, etc. - ou, ainda, conforme os campos de interseção da linguística com outros campos de investigação – como a sociolinguística, a psicolinguística, a neurolinguística, etc.

⁹ Tese inédita.

1.1.3 Direcionamentos (a que pode conduzir uma investigação em história e filosofia da linguística)

Um dos direcionamentos que se mostra promissor para a presente proposta de investigação é o de compreensão da história da linguística como uma ‘tradição de controvérsias’ (ver, Dascal e Chang, 2007). Neste sentido, seria igualmente promissor realizar o mapeamento dos debates que constituem a história da linguística. A linguística surge como disciplina autônoma entre o final do século XVIII e início do século XIX. Constituindo-se à época, de acordo com seu contexto histórico, como uma disciplina de orientação histórica¹⁰, se estabelece entre um acirrado debate com a tradição filológica. A partir da segunda metade do século XIX, influências advindas do desenvolvimento da biologia e das ideias de Darwin fazem com que a linguística sofra uma nova transformação, dessa vez de orientação naturalista. É bem conhecida a controvérsia que dominou o período, a das leis fonológicas – a respeito da regularidade da mudança fonológica das línguas (ver *The Lautgesetz-Controversy: A new documentation 1885-86*, Wilbur, 1977). Sucessivamente, até os dias de hoje, a linguística parece não poder existir sem a presença de uma acirrada disputa que a acompanhe.

Mas o que é, afinal, uma teoria linguística, sendo que esta é o objeto privilegiado desta investigação? Qual é o papel da metateoria na construção de teorias linguísticas e sua utilização como instrumento analítico? Kertész e Rákosi (2006), em sua proposta de uma metateoria para a solução de contradições na formação de teorias em linguística, chamam a atenção para o pluralismo teórico em linguística¹¹ e a correspondente condição, também pluralista da reflexão metateórica. Os autores então citam a afirmação de Ringen (1975) em que este apresenta o fundo comum assumido como pressuposto pelos linguistas na construção de teorias, isto é em seu aparato metateórico. Os linguistas, ele diz, “(...) apparently take for granted the standard view of the structure, function, and methods for evaluation of explanatory theories in empirical science” (p. 387). Para Kertész e

¹⁰ Para uma boa apresentação do contexto histórico e epistemológico do início da linguística ver Davies (1992).

¹¹ Sobre a questão do pluralismo teórico em linguística ver, ainda, Borges Neto (2004, cap. 3).

Rákosi esta ‘visão padrão’ (*received view*, ver Suppe, 1977)¹² representa a perspectiva adotada pela tradição da filosofia analítica da ciência. Na passagem citada afirma-se que os linguistas assumem a ‘visão padrão’ implícita e acriticamente e que esta se constitui pelos métodos (estrutura e função) para avaliação de teorias explicativas no contexto das ciências empíricas. Para Suppe, teorias científicas são o veículo do conhecimento e, da perspectiva da teoria das controvérsias, este veículo só pode avançar em uma marcha dialógica. Ainda assim, ficamos com poucos elementos para afirmar que tipo de ‘veículo’ é este. Sabemos que é um veículo ‘padrão’. E que padrão é este, como se define e constitui? Vimos que ele é relativo aos métodos de avaliação utilizados para as ciências empíricas, e sendo a linguística, uma destas – em um sentido bastante idiossincrático – parece ser a ela apropriado. O problema não está na natureza da ‘visão padrão’, o problema se encontra no fato dele ser admitido acriticamente. Assim, assumiremos que uma teoria se define pelo conjunto de seus argumentos, pela natureza destes argumentos (como se estruturam) e as funções que executam, seja em processos de avaliação ou de justificação.

1.2 Problemas e Objetivos da Pesquisa

1.2.1 Problemas de Pesquisa

A história/historiografia da linguística é, hoje, uma disciplina bem estabelecida. Muito tem-se escrito e publicado sobre os mais diversos períodos na história da linguística. Os seus desenvolvimentos no século XX não são exceção, o chamado estruturalismo linguístico e o movimento que o sucedeu, a linguística gerativa, por exemplo, têm recebido atenção intensiva. Sob a perspectiva da filosofia da ciência, este capítulo na história da linguística tem sido abordado dos mais variados ângulos: do ponto de vista do valor revolucionário do movimento (ao modo de Kuhn) e, também, enquanto um dos poucos senão o único programa de

¹² Suppe (1977, p. 3-4) apresenta a seguinte definição para sua interpretação da visão padrão como modelo da ciência: “In consideration of, and in response to, recent developments in physics, in the 1920s it became commonplace for philosophers of science to construe scientific theories as axiomatic calculi which are given a partial observational interpretation by means of correspondence rules. This analysis, commonly referred to as *The Received View on Theories* (Putnam, 1962), has been widely assumed by philosophers of science in dealing with other problems in the philosophy of science”. (Suppe, 1977, p. 3-4)

investigação (ao modo de Lakatos), porém nenhum estudo foi ainda a ele dedicado da perspectiva que será aqui abordada.

A questão, relativamente polêmica, mas ao meu modo de ver de menor relevância, - a saber, o aspecto revolucionário do movimento gerativista - não é o meu foco de atenção neste trabalho. O fato de se constituir como um dos poucos, possivelmente o único – ou o primeiro, considerando o período a que é aqui delimitado - programa de investigação definido, também não é questão para esta tese. O que aqui será ressaltado é o caráter agonístico do movimento. Isto significa que o objeto de interesse será o conjunto das práticas argumentativas, tanto na construção de teorias que o constituem quanto na sua exposição, justificativa, questionamento e defesa.

Um dos problemas mais gerais desta proposta é o da construção de um modelo de interpretação em história e filosofia da linguística – isto é, uma reflexão metateórica - tendo como arcabouço metodológico a teoria das controvérsias. Um dos maiores riscos da proposta se deve ao caráter experimental da proposta, sendo que uma interpretação desta natureza, a partir da teoria das controvérsias, não foi ainda tentada. Isto significa atacar principalmente dois aspectos do problema da mudança do conhecimento em linguística: sua característica polêmica e sua característica dialógica. A partir desta problemática geral, outros problemas dão forma aos objetivos de investigação, como apresento a seguir.

1.2.2 Objetivos de Pesquisa

Elaboração de um parecer preliminar a respeito da racionalidade da mudança teórica em linguística. Este é o objetivo mais geral desta proposta de investigação. Uma das principais motivações desta proposta de investigação é o de compreender como as teorias linguísticas se transformam (mudam e/ou evoluem) no decorrer da sua história. A realização deste trabalho deverá mostrar de que forma a filosofia da linguística em conjunção com a teoria das controvérsias é a disciplina adequada para a realização deste objetivo.

Na busca por alcançar os objetivos aqui estabelecidos, isto é, o de elaboração de um modelo de interpretação metateórico que consiga dar conta da racionalidade da transformação do conhecimento em linguística, a teoria das controvérsias será a

ferramenta metodológica e analítica que fornecerá elementos conceituais e analíticos para a elaboração da proposta metateórica e servirá como instrumento para análise do estudo de caso.

O objetivo específico da proposta é o estudo de caso como exemplo para a justificação empírica da proposta geral: a reavaliação da polêmica da semântica gerativa, a qual não pode, simplesmente, ser caracterizada como um evento irracional. Pelo contrário, como todos os outros eventos polêmicos na história da linguística, esta polêmica possui sua racionalidade específica, característica comum a todos eventos de desacordo teórico. Esta reavaliação possibilita, além da reconstrução do percurso de desenvolvimento do conceito de estrutura profunda, a reinterpretção da história da reflexão semântica em gramática gerativa.

1.3 Organização da Tese

O presente trabalho se organiza a partir de um eixo principal, a saber, a proposta de sistematização preliminar de uma interpretação metateórica geral para a análise do fenômeno da mudança teórica em linguística. A partir deste eixo central os outros aspectos da proposta são contemplados. Os rudimentos para a proposta que constitui o eixo principal são apresentados no capítulo 1. Ali é explicitada a posição principal deste trabalho, a ideia de que uma interpretação metateórica é tarefa do linguista – não exclusivamente – e não do filósofo da ciência – exclusivamente. Primeiro é apresentada e discutida a versão da filosofia da ciência a partir do ponto de vista de Norwood R. Hanson, apresentado principalmente em seu artigo “The irrelevance of history of science to philosophy of science”, de 1962. Nele, Hanson defende que a forma como a história da ciência pode contribuir para a filosofia da ciência não se apresenta, como se pensava então – e em muitos casos ainda se pensa -, como ilustração de problemas epistemológicos. O autor também apresenta uma reflexão da influência no sentido contrário, isto é, a (ir)relevância da filosofia da ciência para a história da ciência. A intenção da discussão deste artigo como norteador do problema da relação entre a história e a filosofia da ciência se concentra no problema levantado pelo autor da chamada ‘falácia genética’, isto é, a afirmação de que uma sucessão de eventos de natureza histórica pode servir como

justificativa para a explicação de uma relação causal entre eventos daquela natureza¹³.

Em seguida, ainda no capítulo 1, procurando complementar a proposta do eixo principal do trabalho, passo a uma discussão sobre a justificativa para um reflexão metateórica autônoma em linguística, isto é, uma filosofia da linguística que seja, ao mesmo tempo, necessária e justificada. Esta discussão se concentra em torno do artigo de Sylvain Auroux e Djamel Kouloughli “Why is there no ‘true’ philosophy of linguistics”, de 1991. Nele, os autores procuram justificar a inexistência de uma filosofia da linguística legítima, em oposição à filosofia da linguagem e à filosofia linguística. O eixo principal é ainda ilustrado pela apresentação de outros artigos de outros autores, como Ketel (1991), que complementam a proposta principal.

O capítulo 2 apresenta o fenômeno das controvérsias, situando-o historicamente e em relação ao contexto de produção do conhecimento científico. Historicamente o estudo das controvérsias experimentou um de seus momentos altos durante a antiguidade e a idade média, juntamente com o estudo da retórica. No seu período romano a controvérsia era definida como um tipo – juntamente com a suasória - do gênero ‘declamação’ (*declamatio*) e se caracterizava como um dos pontos altos do estudo e da prática da retórica. Em seu período grego, a controvérsia estava geralmente associada ao gênero ‘*stasis*’ - redução do problema em questão a questões fundamentais. Nas duas tradições tratava-se de relacionar um problema em questão a algum tipo de regra que o deveria justificar e explicar, podendo ser representado do ponto de vista de duas partes em oposição ou simplesmente de um ponto de vista individual (ver Sloane, 2006, p. 176-179).

Outro momento que vale destacar na história das controvérsias é o período que tem seu ponto alto no século XVII, com os trabalhos de Leibniz sobre o gênero. Esta parte do estudo das controvérsias não será abordada nesta tese, que se concentrará sobre o período atual, com a retomada dos estudos das controvérsias em suas várias formas - inclusive no pensamento de Leibniz. Para uma abordagem sobre o estudo das controvérsias no período do século XVII e na forma como foi concebido por Leibniz, ver Dascal (2006, 2008, 2010).

¹³ Por exemplo, no nosso caso, a afirmação comum de que o desaparecimento do interesse pelas pesquisas em semântica gerativa significa que esta foi refutada pelo modelo interpretativista.

Contemporaneamente, o estudo das controvérsias resurge com força, principalmente no terreno da investigação da teoria da argumentação, retomando uma antiga tradição do estudo da dialética. Não seria possível deixar de mencionar os trabalhos principalmente de Perelman e Olbrechts-Tyteca e de Stephen Toulmin¹⁴. O interesse pelas controvérsias se estende a uma variedade de setores da atividade humana, sendo reconhecidamente um fenômeno disseminado socialmente¹⁵. O campo da produção de conhecimento e dos estudos de investigação sobre a ciência não são exceção. Existem várias propostas de investigação do fenômeno das controvérsias a partir do ponto de vista da estrutura e uso dos argumentos e que remetem a uma retomada do estudo da antiga tradição dialética. Uma em particular se volta para a produção do conhecimento como evento pragmático e dialógico, é a esta que me limito nesta proposta. Trata-se do modelo conhecido por Teoria das Controvérsias (ver nota 3, acima, para uma relação de referências relevantes).

A teoria das controvérsias estabelece uma tipologia que serve como ponto de partida para identificação dos eventos polêmicos que ela pressupõe como sendo o motor essencial da produção do conhecimento. Na presente proposta, em que tratarei especificamente da produção do conhecimento científico sobre a linguagem na linguística, me detenho sobre o debate da semântica gerativa como estudo de caso para exemplificação do fenômeno epistemológico que pretendo destacar, a saber, a mudança conceitual e teórica na linguística.

O simples fato da identificação de publicações que exibem um caráter polêmico – isto é, que contestam as afirmações de teorias rivais – não garante nem

¹⁴ Ver, respectivamente, o **Tratado da Argumentação: A nova retórica e Os Usos do Argumento** ambos de 1958 e ambos traduzidos para o português.

¹⁵ Ver, por exemplo, o grande número de publicações dedicadas ao fenômeno das controvérsias e dos discursos e interações polêmicas em geral. O número de publicações e de investigadores atuando no campo das polêmicas em todos os setores da produção do conhecimento – e não só, mas também onde a tomada de decisões é imprescindível – é de fato enorme. Bastaria mencionar como relevante neste ponto a coleção *Controversies* (editada por Marcelo Dascal e publicada pela John Benjamins, atualmente em seu nono volume). Além desta há outras, e outros pesquisadores que desenvolvem linhas de investigação diferenciadas. Vale mencionar o projeto *Mapping Controversies*, um projeto entre universidades europeias e estadunidenses, idealizado por Bruno Latour e que pretende investigar o fenômeno das controvérsias enquanto produção de conhecimento não estabelecido e contextualizado socialmente. Vale mencionar ainda a International Association for the Study of Controversies (IASC). Se eu fosse listar aqui exaustivamente todos os recursos disponíveis para o estudo das controvérsias haveria material suficiente para um trabalho de investigação à parte. Ao meu ver, isto comprova que o fenômeno das controvérsias é mesmo algo disseminado contemporaneamente.

justifica a afirmação de que a história da linguística se define como uma tradição de controvérsias, ou que o seu aspecto dialético implica na produção e mudança do conhecimento. Um outro elemento está estreitamente relacionado a estes outros dois e representa uma das características contemporâneas das controvérsias, a saber, o pluralismo teórico. O pluralismo implica necessariamente em um mecanismo de relação entre suas partes, as quais precisam de algum modo estabelecer uma forma de controle sobre esta relação.

Uma interação polêmica do tipo controvérsia, mesmo se estruturando de maneira dialógica, possui uma forma de troca de turnos muito mais complexa do que uma interação dialógica comum. Isto significa que o dialogismo implicado em uma interação polêmica - do tipo controvérsia em especial - necessita, a fim de ser analisada, de um instrumental um tanto mais complexo do que aquele disponível para a análise pragmática de interações face a face tradicionalmente pensadas para o modelo pragmático.

A análise de uma interação polêmica implica na análise de outros elementos envolvidos, como por exemplo, a racionalidade característica dos tipos de interpretação polêmica e suas respectivas formas de construção de inferências. Estes elementos são essenciais na produção de conhecimento.

Qual tipo de inferência caracteriza a ciência? A tradição normativa atribui maior valor ao tipo de raciocínio inferencial caracterizado pela forma dedutiva. Este tipo de raciocínio está associado a um tipo de racionalidade normativa, chamada no contexto da teoria das controvérsias de racionalidade dura (*hard*). Porém, outros tipos de racionalidade constituem a racionalidade científica como um todo e a elas outros tipos de inferências estão associados (como veremos adiante).

É bastante comum se admitir, a partir da tendência historiográfica-descritivista em filosofia da ciência – Kuhn, por exemplo -, que a oposição de opiniões é um elemento que promove a transformação do conhecimento científico em direção a uma aproximação cada vez maior a um conhecimento estável -pelo menos temporariamente. Um conhecimento estável, neste caso, -e em algumas propostas teóricas, um que avança em direção ao conhecimento da verdade- seria caracterizado por sua estrutura inferencial dedutiva, sua racionalidade estrita, dura, e sua forma geral que poderia ser definida pelo tipo de interação caracterizado, em teoria das controvérsias, pelo tipo 'discussão'. Isto é, os interesses dos proponentes

de uma determinada teoria convergem para um resultado comum que precisa ser ‘desvendado’, na busca de uma solução, através do uso de fórmulas e procedimentos pré-estabelecidos de interação entre os membros de uma determinada comunidade de investigadores.

Na tradição normativa, também se acredita que o resultado na solução de problemas é perfeitamente alcançável através de uma racionalidade estrita, do tipo dura. Assim, mesmo que o tipo de inferência que caracteriza o processo de elaboração de conjecturas e refutações – o modelo de funcionamento da ciência de Popper, por exemplo – esteja aberto à forma de inferência plausível, a natureza da racionalidade que a preside é de caráter duro.

Em outro extremo, nos deparamos com o fenômeno da incomensurabilidade, de racionalidades incompatíveis - ou, então, entendido como puramente irracional. A este modelo corresponde o debate tipo disputa, com sua racionalidade ‘frouxa’ (*loose*). Aqui não há modelo de inferência compatível, sendo que à cada uma das partes corresponderia individualmente um modelo de inferência compatível com o modelo dedutivo, ‘duro’.

Uma terceira alternativa, entretanto, geralmente ignorada, é o modelo da controvérsia. A esta corresponde um modelo inferencial que se caracteriza pela estrutura pragmática de inferência, isto é, um modelo plausível, abduutivo, sendo que a este modelo, por sua vez, está associada uma racionalidade ‘macia’ (*soft*)¹⁶. Este é o modelo fundamental para o desenvolvimento da proposta de uma metateoria linguística¹⁷. Na análise que realizarei como piloto para a demonstração da minha hipótese principal, a saber, a da explicitação de um dos fatores de mudança teórica em linguística, veremos como este tipo de inferência se manifesta nos argumentos que constituem as trocas polêmicas.

¹⁶ Para os tipos de racionalidade em teoria das controvérsias ver, entre outros, Dascal (20xx, 20yy, e 20zz). A racionalidade ‘frouxa’ (*loose*) é uma inovação introduzida no presente trabalho de tese, e será justificada no capítulo 2 em que tratarei do fenômeno das controvérsias.

¹⁷ Kertész e Rákosi (2006) em seu modelo de uma metateoria linguística procuram resolver a contradição que identificam na prática de construção de teorias em linguística, prática esta que, segundo os autores, não corresponde às justificativas a ela associada. Os autores afirmam – e demonstram através da análise de uma proposta explicativa para as fricativas no alemão – que apesar do modelo dedutivo ser o modelo inferencial privilegiado em linguística, enquanto modelo para a construção de argumentos teóricos, este de fato não é utilizado como se afirma, havendo a preferência explícita por um modelo que se utiliza de inferências do tipo plausível.

O capítulo 3 introduz o conceito principal na polêmica da semântica gerativa e que é o foco da presente investigação: o conceito de estrutura profunda. De fato, o debate da semântica gerativa vs. semântica interpretativa é um capítulo na história do conceito de estrutura profunda. Situado historiograficamente como surgindo por volta do início do renascimento¹⁸, o conceito de estrutura profunda possui um aspecto em sua definição que é bastante intuitivo. A ideia de que a manifestação superficial de uma sentença, em qualquer uma das línguas humanas existentes, representa a organização estrutural de um reflexo de uma outra estrutura a ela subjacente, chamada estrutura profunda. Assim, uma sentença como “Deus invisível criou o mundo visível” – sentença esta retirada do contexto da tradição dos gramáticos de Port-Royal – seria a manifestação superficial de uma estrutura subjacente, de natureza mental e lógica, composta por elementos fundamentais que se combinariam após sofrerem os efeitos da aplicação de determinadas regras de transformação, e que resultaria na sua manifestação superficial. A esta estrutura subjacente, Chomsky chamou de estrutura profunda e no caso do exemplo em questão seria composta por elementos gramaticais formativos de três sequências mais básicas, a saber, (i) “Deus que é invisível”; (ii) “Deus criou o mundo”; (iii) “O mundo é visível”.

A chamada polêmica da semântica gerativa tem início com o questionamento da arquitetura gramatical em dois níveis, superficial e profundo, como esquematizado acima. Na verdade se questionava a natureza e a função do nível de estrutura profunda. Se ele teria uma função meramente interpretativa dos dados sintáticos (incluindo a significação) ou se ela seria a própria representação semântica profunda, que organizaria, em última instância, a estrutura sintática da língua. Questionou-se, desta forma, também a natureza do nível de estrutura profunda e chegou-se a se propor que ela deveria ser muito mais abstrata do que se supunha, aproximando-se de uma ordem lógica que fundamentaria a organização da competência linguística. Esta ideia, de fato, não se distanciava, como veremos, da ideia original existente desde Port-Royal, a ponto de muitas das propostas adiantadas pelos defensores da semântica gerativa serem desenvolvidas

¹⁸ Ver a polêmica entre Robin Lakoff e Chomsky a respeito da origem do conceito de estrutura profunda na suposta tradição cartesiana da gramática de Port-Royal – conforme defende Chomsky - e a identificação de uma forma prototípica do conceito de estrutura profunda já na obra intitulada *Minerva* de Sanctius (ver R. Lakoff, 1969).

posteriormente no contexto da gramática gerativa de orientação sintática, como a defendida por Chomsky e os defensores de um componente semântico meramente interpretativo.

O capítulo 4 apresenta, finalmente, o núcleo da polêmica. O grande número de trocas entre os participantes me obrigou a determinar um recorte nas trocas de argumentos entre os participantes e também selecionar um certo número e orientação para o foco de análise, auxiliando na reconstrução do debate. O recorte proposto foi então dividido em dois blocos: o primeiro, representa o início da polêmica e concentra o foco sobre a teoria padrão, o primeiro modelo a propor a necessidade de uma estrutura profunda, e que tem como marco inicial a publicação de *Aspects of the Theory of Syntax*. A organização dos recortes não é exatamente cronológica, mas procura, porém, manter uma certa sequencialidade na apresentação das trocas entre os participantes.

O segundo bloco procura direcionar a análise para as trocas finais do debate, as quais tiveram lugar antes da conclusão da primeira metade da década de 1970, quando o conceito de estrutura profunda passa por uma transformação.

O último capítulo procura sintetizar todos os elementos apresentados ao longo da investigação e tenta sintetizar uma conclusão a respeito da proposta de elaboração de uma metateoria para a linguística. A isto somam-se os resultados obtidos com a aplicação da teoria das controvérsias à reflexão metateórica sobre a linguística, a saber, uma proposta de interpretação da mudança e inovação teórica em linguística tendo como modelo a história do conceito de estrutura profunda.

Estou convencido que a relação diferencial, assim como a relação complementar, ambas existentes entre teoria e metateoria, mais do que uma relação relativa à natureza do objeto que cada um dos níveis teóricos constrói, trata-se de uma relação quanto ao tipo de metalinguagem que estes dois níveis analíticos estabelecem. A seguir apresentarei o percurso até a constituição da reflexão sobre a metateoria linguística – ou como também é chamada, a filosofia da linguística. Na

presente proposta, esta pretende ser de natureza geral, sem se limitar a nenhum dos níveis da estrutura linguística¹⁹.

¹⁹ Estou me referindo ao fato de que seria possível desenvolvermos um nível de reflexão metateórico para cada nível da estrutura gramatical, e também para além dela. Assim, poderíamos ter uma 'filosofia da sintaxe (ver, por exemplo, Talasiewicz, 2010), ou uma 'filosofia da pragmática', etc. Ou, ainda, uma 'filosofia da sociolinguística' (ver Figueroa, 1994).

2 Proposta para uma história e filosofia da linguística como base metodológica para uma metateoria linguística

Este capítulo trata da relação entre a filosofia da linguística e a filosofia da ciência; da autonomia da primeira em relação à segunda; da importância e do lugar da filosofia da linguística, enquanto metateoria, em relação à teoria e análise linguísticas; da importância da história/historiografia da linguística para a filosofia da linguística – analogamente à importância da história da ciência para a filosofia da ciência.

Methodology, the bread-and-butter of a scientist working in any given field, is usually spinach to those outside.

(MILLER, George A., 1971/1967, "Empirical methods in the study of semantics")

Construindo uma paráfrase sobre a afirmação de Miller, acima, eu diria que a reflexão metodológica – a qual é um modo de reflexão metateórica – é o 'feijão com arroz' do investigador que se interessa pela natureza e funcionamento da linguagem. Assim, como ficou dito nos objetivos, nesta proposta de tese, trato deste aspecto da reflexão linguística, o seu 'feijão com arroz'. O presente capítulo tem como objetivo a construção de um contexto e sua justificativa para que tenha validade a paráfrase elaborada por mim, acima.

A relação entre a história da linguística (HL) e a filosofia da linguística (FL) é aqui tomada como análoga à relação entre a história da ciência e a filosofia da ciência²⁰. A condição incerta da FL - enquanto reflexão metateórica - em relação à teoria e análise linguísticas (TAL), torna a tarefa de propor uma defesa do estreitamento desta relação entre dois níveis metalinguísticos complementares em algo mais complexo de se encontrar uma solução do que se poderia imaginar para um trabalho de tese de doutorado.

Hanson (1962) aborda o problema da interdependência entre o conhecimento histórico e o conhecimento filosófico de maneira a se considerar a forma e o uso dos argumentos que constituem as práticas de construção do conhecimento histórico e epistemológico. A reflexão que elaboro a seguir procura estabelecer as bases para justificar a analogia entre a relação de interdependência apontada por Hanson entre

²⁰ A estrutura e funcionamento desta analogia será tratado adiante".

a história da ciência (HC) e a filosofia da ciência (FC) analogamente em relação à hipótese de interdependência entre a história da linguística (HL) e a filosofia da linguística (FL). Elaboro o argumento de que não basta estipular que a interpretação e compreensão histórica dos fenômenos científicos complementa a interpretação e compreensão epistemológica, e vice-versa. Argumento com o apoio da reflexão de Hanson que a HL e a FL não podem incorrer nos mesmos riscos que, como aponta Hanson, ameaçam a relação entre a HC e a FC, principalmente na forma do argumento conhecido por falácia genética. Neste ponto, farei uso da reflexão fornecida por Ketel (1991) de que o conhecimento histórico é útil, porém não indispensável. O capítulo discute ainda a respeito da necessidade e a inexistência de uma filosofia da linguística de fato, elaborada por Auroux e Kouloughli (1991), e conclui com a avaliação e subsequente rejeição da proposta de Tomalin (2010) de um programa de investigação para a filosofia da linguística.

2.1 A (ir)relevância da história para a filosofia da ciência

Philosophy of science is, like all philosophies, not simply a rehearsal and recitation of what is done and said; it is also an analysis and an appraisal of the rationale and logical justification of scientists doing and saying what they do.

Norwood Russel Hanson

A relação entre a história da ciência e a filosofia da ciência, apesar de parecer, nos dias de hoje, como pacífica e indispensável, não foi sempre assim considerada. O reconhecimento da importância dos argumentos históricos para a reflexão epistemológica apenas passa a ser relevante a partir de um determinado período dos estudos da ciência, durante o século XX. No modo como pretendo construir meu argumento a favor de uma reflexão metateórica de natureza geral para a linguística, é preciso iniciar com uma justificativa para o fato de que uma filosofia da linguística – entendida como metateoria – pode usufruir com a consideração, em suas reflexões de natureza metodológica, ou outra, do conhecimento histórico e historiográfico – isto é, da reflexão metodológica sobre a história da linguística – e sua influência sobre a produção do conhecimento linguístico. Esta relação poderia, talvez, ser tomada como dada, justificada com uma citação do famoso dito de

Lakatos a respeito da importância de uma para a outra e suas consequências²¹. Mas não é assim que pretendo demonstrar a relevância da reflexão metateórica para a teoria e análise linguísticas. Justamente, o argumento de que se trata de uma relação necessária mostra-se muito frágil para meus propósitos (ver a análise de Ketel abaixo).

Assim, retrocederei até um determinado ponto na história da filosofia da ciência em que acredito que a importância desta relação ficou estabelecida em bases firmes, para então, posteriormente, partir para a discussão desta mesma relação, transportando-a, de maneira análoga, para o contexto de uma filosofia da ciência específica, no caso a linguística.

O papel de Norwood Hanson na transformação da relação entre a HC e a FC é fundamental. É dele uma das primeiras abordagens do fenômeno da relevância histórica para a reflexão epistemológica. O elemento principal na inter-relação entre as duas áreas de investigação sobre os acontecimentos científicos é o uso de argumentos. Seu modo de abordar o problema foi, em certo sentido, revolucionário, ao contribuir para desfazer-se a crença de que a validade dos acontecimentos históricos ou eram dados, evidentes, ou então que eram completamente

²¹ Atribui-se, com frequência e equivocadamente a Lakatos (1970), a sentença “A filosofia da ciência sem a história da ciência é vazia, a história da ciência sem a filosofia da ciência é vazia”, e pouco se faz para se explicar o que significa de fato aproximar o conhecimento histórico do conhecimento epistemológico. Como veremos nesta seção, esta sentença foi inicialmente forjada por Hanson (1962). Porém, Hanson também fez uso de outra referência, como esclarece Lund (2007):

The maxim is generally attributed to Imre Lakatos (Lakatos 1978, p. 102), and sometimes to Herbert Feigl (Feigl 1970, p. 4), and both Lakatos and Feigl give credit to Kant as the inspiration for their nearly identical maxims. However, the maxim was originally expressed by Hanson, who credits John Maynard Keynes as its inspiration, in 1962 in his introduction to Keynes’s *Treatise on Probability*. (p. 14)

Porém, um pouco diferente da explicação de Lund, encontramos em Kadvaný (2001) outro depoimento historiográfico a respeito da famosa sentença:

One of Lakatos’s best-known aphorisms, which he credits to Norwood Hanson, is “Philosophy of science without history of science is empty; history of science without philosophy of science is blind” (“History of Science and Its Rational Reconstructions”, 1970, p. 102). This historicized paraphrase of Kant’s aphorism, “Concepts without intuitions are empty. Intuitions without concepts are blind,” means also in *Proofs and Refutations* (1976) that the value of method is proportional to the history it informs, and that worthwhile history needs to be guided by a philosophically grounded conception of mathematical proof. (KADVANY, John. (2001) **Imre Lakatos and the Guises of Reason**, p. 324, nota 23)

irrelevantes. Em seu artigo de 1962, “The irrelevance of history of science to philosophy of science”, Hanson estabelece a validade da reflexão histórica para a filosofia da ciência chamando a atenção para os perigos de uma forma de argumento conhecida por ‘falácia genética’, que nada mais é do que a afirmação de que um determinado evento histórico é a causa de uma certa formação epistemológica. Nas palavras de Lund:

De acordo com Hanson, [a filosofia da ciência] diz respeito, primordialmente, à interpretação do grau de adequação dos argumentos; (...) Comete-se a chamada falácia genética quando se propõe que a validade de um argumento depende de sua origem. Hanson afirma que a *validade* de um argumento não pode, de modo algum, depender de fatos históricos. (Lund, 2007, p. 19)²²

Apresento, a seguir, uma análise dos principais argumentos de Hanson para a solução do problema da relação entre história da ciência e filosofia da ciência em que o autor propõe que se atente para os riscos e as consequências da atribuição de uma função que cada uma das partes não tem condições de fornecer. Isto é, a HC é logicamente irrelevante para a FC, a menos que se volte para a reconstrução da racionalidade de seus próprios argumentos, passando a exercer a função de premissas válidas na elaboração do argumento epistemológico; enquanto a FC apenas se torna relevante para a HC quando fornece para esta as condições necessárias para a construção destes mesmos argumentos. A analogia que elaborarei no presente capítulo em relação a esta reflexão e à relação entre a HL e a FL se apoia nos mesmos pressupostos.

Hanson inicia seu artigo com a pergunta: “... can a philosopher utilize historical facts without collapsing into the ‘genetic fallacy’?” (p. 574). A resposta à questão será o assunto do referido artigo e sua forma será elaborada de acordo com a citação apresentada acima, isto é, sim, é possível recorrer ao conhecimento histórico sem incorrer no erro da falácia genética desde que não se admita um fato histórico como justificativa para um argumento filosófico²³. Isto é, na forma como Hanson concebe a ‘falácia genética’ na relação entre história da ciência e filosofia da

²² No original: “[A]ccording to Hanson, [philosophy of science] is primarily concerned with assessing the adequacy of arguments; (...) One is guilty of the genetic fallacy when one holds that the validity of an argument depends on its source. Hanson claims that the *validity* of an argument can by no means depend on historical facts”.

²³ A falácia genética é uma forma de argumento causal que conclui, a partir da relação de causalidade entre dois acontecimento históricos próximos, uma consequência. Ver nota 126.

ciência, é possível explicar ou justificar a relevância de fatos históricos para a análise de argumentos científicos sem recorrer ao equívoco de supor que fatos históricos justificam, explicam ou refutam argumentos epistemológicos. Hanson entende que a justificativa para a validade de determinado tipo de argumento deve ser recíproca entre a HC e a FC. Ele diz:

Failure to answer this question [a pergunta sobre a possibilidade de se incorporar argumentos históricos na análise epistemológica sem que se recorra à falácia genética] has vitiated many discussions concerned with the role of historical facts within philosophy of science, as well as the role of logical analysis within history of science. (Hanson, 1962, p. 574)

O próximo passo na argumentação de Hanson é o de apresentar três tipos de relação que marcam a interdependência entre a HC e a FC. O primeiro é o de mostrar que o historiador da ciência necessita de um arcabouço filosófico (*Weltphilosophien*) para apoiar intelectualmente suas suposições históricas. Caberá ao historiador da ciência, neste caso, redescobrir na forma das teorias científicas por ele considerada todos aqueles elementos que estiveram presentes no contexto de sua elaboração: as doutrinas prevalentes, a tradição daqueles que antecederam o período de sua elaboração, os hábitos adquiridos pelo cientista durante sua atividade científica e o treinamento que lhe servirá de guia em sua carreira de investigação²⁴. Hanson chegará, então, à primeira de suas conclusões a respeito da relação de interdependência entre a HC e a FC: “The conclusion is that *history of science without philosophy of science is blind*” (p. 575)²⁵.

A segunda forma de relação é caracterizada pela apropriação, por parte da HC, das construções conceituais elaboradas na FC:

A more modern plea for the use of philosophy of science within history of science has concerned (...) the conceptual details making up that [historian's] work; not the philosophical architecture, but the conceptual bricks and beams constituting the structure of particular histories of science. (p. 575)

Para Hanson, o uso ingênuo de conceitos e construções conceituais da ciência, incorporados acriticamente, possui apenas o papel de tornar as histórias da ciência mais interessantes, atribuindo-lhes um aspecto instigante, curioso. Em geral

²⁴ Hanson menciona estes elementos em uma citação de Duhem (1893).

²⁵ “A conclusão é a de que a *história da ciência sem a filosofia da ciência é cega*”.

estes conceitos são combinados com quantidades de dados historiográficos, como datas, títulos de publicações, relações pessoais e curiosidades do gênero. Mas há, porém, aqueles historiadores que elaboram relatos históricos sem recorrer a estes subterfúgios – e ele menciona trabalhos de Mach, Duhem, Koyré e Rosen – que seriam exemplos de exatidão filosófica que dão origem à história da ciência de qualidade, mas que ao final, servem para confirmar a regra da mediocridade geral. E ele conclui:

Thus the indisputable suggestion that closer attention to the logical structure and deductive consequences of key 'philosophical' concepts within the history of science would help most historians immeasurably; *ergo* philosophical insight is what historians of science need more of! (p. 575).

Por fim, a terceira e última forma de inter-relação entre a HC e a FC proposta por Hanson: a exploração das formas dos argumentos utilizados por cientistas, filósofos e historiadores da ciência:

Logicians are concerned with *arguments*, logicians of science with scientific arguments. Their enquiries presuppose answers to worries about the conceptual "stuff" of arguments: unless you know *what is being* argued you cannot determine the argument's soundness. (p. 576)

Hanson afirma que a análise dos argumentos é o modo pelo qual a inter-relação entre história e filosofia da ciência pode se dar da maneira mais produtiva. Para ele a análise dos argumentos históricos - análise lógica dos argumentos, pois Hanson entende a lógica dos argumentos como pertencendo à tradição dialética – é a forma mais elevada que pode assumir a história da ciência (p. 579). E é neste interesse comum pelos argumentos que estruturam as teorias científicas que o historiador e o filósofo da ciência (o lógico) conjugam da melhor maneira seus interesses:

The historian of science and the logician are both concerned with the structure of scientific ideas. These concerns fuse into one when the scientific *argumentation* of the past takes the spotlight (p. 579-580).

E o autor chega, então, à elaboração da segunda parte do seu aforismo a respeito dos perigos da cegueira e da vacuidade quando história e filosofia da ciência não estão voltadas para o interesse mútuo sobre os argumentos científicos,

e que guiará a segunda parte do artigo: “I must now undertake to show that philosophy of science without history of science is empty” (p. 580).

Na segunda parte do artigo, Hanson irá então explorar o argumento de que a história da ciência não possui relevância lógica para a filosofia da ciência. Fatos históricos não justificam a validade de um argumento científico²⁶. É neste sentido que a HC é irrelevante para a FC, como afirma o título do artigo, com o detalhe de que esta irrelevância é de natureza lógico-argumentativa. E, então, Hanson apresenta a consequência deste condição para a perspectiva que historiadores (preocupados com a fatorialidade dos acontecimentos) e filósofos da ciência (preocupados com os aspectos formais do conhecimento) possuem respectivamente entre si: “For the historian formal philosophical analyses are often empty. For the philosopher the historian’s factual compendia seem blind” (p. 582). Para Hanson, há apenas um modo de superar esta dificuldade, e ele elabora uma sugestão metodológica para que a análise dos desenvolvimentos do conhecimento científico possa usufruir tanto da sua história quanto de sua organização lógica:

The “hard” way - the *only* way - is to begin with an accurate description and delineation of some experimental or theoretical perplexity, one with which no historian of science could quarrel. This then would be subjected to a philosophical analysis characterized by a rigor that any logician might respect. As an ideal this may be unattainable. But it does possess maximum heuristic value. (p. 585)

Este ideal guia também a presente investigação. Hanson conclui sua reflexão com a afirmação do seu credo quanto à inter-relação entre a HC e a FC, não sem antes deixar claro que a ignorância da história do problema científico sobre o qual o filósofo da ciência irá se debruçar implica na completa estagnação da investigação:

So, history of science and philosophy of science are not logically related: to claim that they are would be either to underestimate or to misunderstand the genetic fallacy. But the risk of inferring that there is thus no connection at all between the two is the risk that philosophers of science may not know what they are talking about, a verdict none of us can accept silently (p. 586).

²⁶ A este respeito é importante chamar a atenção, mais uma vez, para o fato de que historiadores e filósofos da ciência têm a intenção de utilizar o acontecimento histórico do fim da semântica gerativa como a justificativa lógica para a validade científica do modelo interpretativista, cometendo assim o equívoco da falácia genética. Como afirma Hanson: “Staring at novel facts has never made old arguments invalid, new arguments valid (or vice versa)” (p. 585).

A apresentação da reflexão de Hanson sobre os modos de inter-relação entre a história da ciência e a filosofia da ciência, serve de modelo para a reflexão análoga sobre a relação entre a história da linguística e a filosofia da linguística²⁷. Isto nos obriga a justificar, de algum modo, não só a relevância da história da linguística para a filosofia da linguística, mas também a relevância do resultado desta conjunção em relação à teoria e análise linguística – visto que uma das propostas desta tese é a de justificar a importância e de avaliar a necessidade desta relação.

É importante chamar a atenção para o fato de que existe, pressuposto no argumento de Hanson, a ideia de que de alguma forma a história e filosofia da ciência pode ser determinante para o desenvolvimento do conhecimento científico. Mas não podemos esquecer que este suposto ‘conhecimento científico’ não está especificado e esta HFC - que seria relevante para este conhecimento científico não especificado – possui caráter geral, isto é, é uma história e filosofia da ciência em geral, supostamente válida para toda e qualquer ciência específica. O caso é que, primeiro, esta validade geral não é certa, pois disciplinas científicas específicas elaboram modelos dos fenômenos específicos, a partir de seus objetos que são percebidos sob uma perspectiva específica²⁸. Segundo, a história e filosofia da linguística, como aqui discutida, pretende ser um modelo geral de uma disciplina específica que é plural em seus modelos e que não pressupõe a redução a nenhum modelo em questão. Então, na minha presente análise de caso, mesmo que a gramática gerativa transformacional tenha assumido, por um período, aspectos de paradigma dominante, ao final do debate que aqui analiso, ela começa a perder esta característica. Este problema da relação entre ciência em geral e ciência específica será também apresentado abaixo, na discussão sobre a proposta de Aurox e Kouloughli para uma filosofia da linguística.

Apresento, a seguir, o argumento de Ketel sobre a validade da historiografia²⁹ linguística para o conhecimento teórico e analítico sobre a linguagem. Este argumento possui algumas características semelhantes à reflexão de Hanson, como

²⁷ Ver a discussão, abaixo (parte 1.3), da proposta de Aurox e Kouloughli para uma compreensão da natureza desta analogia.

²⁸ Note-se que, neste ponto, vem à cabeça o debate sobre o problema da unificação das teorias e da pluralidade de perspectivas.

²⁹ Aqui, e ao longo desta tese, entendo a expressão ‘historiografia linguística’ como o conhecimento sistematizado, com suas metodologias específicas de acordo com cada modelo teórico proposto, a respeito da história da linguística.

ficará claro. Ketel defende que apesar de o conhecimento histórico não ser necessário para o desenvolvimento do conhecimento teórico, ele não é dispensável visto que possui valor heurístico. Quer dizer, o conhecimento histórico possui um certo valor metateórico no desenvolvimento do conhecimento teórico em linguística.

2.2 A utilidade da historiografia para a teoria e análise linguísticas

As a linguist I am often asked what is the benefit of doing historiography of linguistics for linguistics itself. Probably many historiographers of linguistics feel more sure about the immediate utility of their efforts for linguistics than I do. (...) Nevertheless I do believe that linguists can benefit by an understanding of the history of their discipline, in a less essentialistic and more heuristic way.

Els Elffers-van Ketel

No epílogo de seu *The Historiography of Grammatical Concepts*, Ketel (1991)³⁰ elabora três perguntas fundamentais a respeito da utilidade, ou relevância ('benefícios', nos termos da autora) da historiografia linguística para a teoria e análise linguística que são as seguintes³¹:

1. "Quais benefícios teóricos podem ser alcançados a partir do conhecimento da história da linguística?"
2. "Quais características precisa ter este conhecimento histórico para que estes possíveis benefícios sejam alcançados?"
3. "Quais os tipos de conhecimento histórico produzem benefícios para o conhecimento teórico analítico em linguística e qual é a natureza (como se caracterizam) destes benefícios?"

(Ketel, 1991, p. 327)

Sendo que a segunda e terceira questões dependem de uma resposta satisfatória à primeira questão, Ketel (a partir de Kragh, 1989) elabora três tipos de respostas que podem ser elaboradas para a primeira questão no contexto da historiografia da linguística:

³⁰ "Epilogue: Linguistics and its historiography" (p. 327-333).

³¹ O excelente estudo de Ketel a respeito da mudança conceitual em linguística (sobre os conceitos gramaticais de sujeito e predicado) trata destes 'benefícios' partindo da perspectiva da filosofia da ciência em geral, ampliando sua discussão sobre a reflexão a respeito da validade do conhecimento histórico na linguística para o desenvolvimento do conhecimento teórico em linguística.

1. “O conhecimento a respeito da história da ciência (linguística) produz, de maneira direta, descobertas científicas relevantes para o desenvolvimento das teorias no presente”.
2. “O conhecimento a respeito da história da ciência (linguística) permite a construção de instrumentos analíticos para a avaliação de teorias científicas atuais”.
3. “O conhecimento a respeito da história da ciência (linguística) possibilita o desenvolvimento de uma ‘atitude’ de investigação que amplia o alcance na tarefa de investigação”.

(p. 327)

A primeira e terceira respostas são as que representam maior importância para o argumento que pretendo desenvolver aqui a respeito dos usos e da utilidade da história e filosofia da linguística (HFL) para a teoria e análise linguística (TAL) com base no argumento de Ketel. Vamos a elas.

Em relação à primeira resposta, Ketel elabora uma dicotomia entre variantes do tipo ‘forte’ e ‘moderada’. Segundo ele, a primeira variante “*automaticamente* produz conhecimento válido para o presente de uma teoria”, enquanto a segunda variante apenas “ênfatisa a *possibilidade* de produção de conhecimento válido a partir do conhecimento do passado” (p. 327). Ketel localiza o primeiro tipo de variante em uma série de argumentos que são encontrados principalmente em uma certa primeira geração de historiadores/historiógrafos da linguística³². A segunda variante é encontrada, com mais frequência, em uma geração posterior. Para esta, a investigação do passado de uma disciplina deve ser tomado como pressuposto para o desenvolvimento atual³³.

A terceira resposta diz respeito ao desenvolvimento de uma atitude investigativa meticulosa e não sectária (antidogmática) em relação às várias formas de tentativa de explicação dos fenômenos linguísticos. Ela diz respeito a uma atitude pluralista e moderada em HFL e em TAL sem abrir mão, é claro, dos princípios de coesão que uma determinada perspectiva teórica impõe àquele que faz uso dos instrumentos que esta mesma teoria proporciona. A este respeito, Ketel cita Robins

³² Aqui Ketel cita um trabalho de Schmitter (1982) que faz uso de pesquisas desenvolvidas entre a segunda e primeira metades dos séculos XIX e XX, respectivamente, por autores como Hermann (1865), Van Hamel (1945). Além destes, Ketel cita Koerner (1978) como representante desta variante ‘forte’.

³³ Aqui ele cita Brekle (1985), Van Hamel (1974), Klifman (1983), Van Calcar (1971) e Van Driel (1988). Estes autores representam as escolas alemã e holandesa de historiografia da ciência e da linguística.

(1969) que afirma, neste sentido, que a atitude pluralista “... would enable the investigator to study future movements and controversies with a greater sympathy, tolerance and insight” e que esta atitude contribui ainda “... to lead to more balanced judgements and less intemperate enthusiasms” (p. 329).

A conclusão a que chega Ketel, no entanto, é a de que esta atitude não é ‘automaticamente produzida’ a partir do interesse pelo conhecimento histórico e historiográfico. Existe uma certa dependência de determinados fatores que pertencem a um nível de abstração mais geral. Ela diz: “(...) whether and how this [attitude] occurs depends on the *kind* of historiography, which is determined by the historian’s *meta-historical viewpoints*” (p. 329-330). Como resultado, a autora complementa sua conclusão afirmando que o conhecimento histórico não é nem necessário ou suficiente para qualquer que seja a atitude favorável para a investigação linguística. A constante transformação de seus pressupostos que constitui o conhecimento científico torna o conhecimento do passado irrelevante, mas ele pode, contudo, servir como fonte inspiradora. E a autora complementa: “In general I believe that linguists should not overestimate the *general* relevance for present research of ideas of a past farther removed than a few decades” (p. 331)³⁴.

Ketel não descarta por completo o valor que o conhecimento histórico possa ter ou não valor para o desenvolvimento do conhecimento teórico e analítico. Ela reconhece que há um valor heurístico, isto é, valor metodológico relativo ao procedimento de descoberta, na utilização do conhecimento histórico para o desenvolvimento teórico na linguística. Ela conclui:

Se a historiografia linguística levar a sério sua tarefa de interpretação racional, ela deverá, obrigatoriamente, adotar a forma de explicação comportamental produzindo a versão historicamente apropriada dos conceitos que se mostram favoráveis também para a análise linguística. Isto significa que os linguistas *são obrigados a envolverem-se* com a análise

³⁴ Há uma corrente na historiografia linguística que atribui uma valor um pouco maior à relevância do estudo historiográfico para a teoria e análise linguísticas. Andresen (2010), por exemplo, propõe que o método historiográfico possa servir como ferramenta para a unificação teórica em linguística. Ela diz:

We historiographers are uniquely positioned to provide some much needed theoretical integration for the discipline in these post-Chomskyan times. This is where we leverage our understanding of the discipline’s past in order to open a path to the discipline’s future. This is where we shift from practicing historiography as a subdiscipline to deploying it as a method of theoretical intervention. (p. 444)

historiográfica a fim de obterem esta forma dos seus conceitos relevantes? A resposta é não. (Ketel, 1991, p. 333)³⁵

Passo agora à exploração da perspectiva defendida por Auroux e Kouloughli a respeito da necessidade e a impossibilidade (por enquanto) de existência de uma ‘verdadeira’ filosofia da linguística.

2.3 A necessidade de uma ‘verdadeira’ filosofia da linguística

A leitura de Auroux e Kouloughli (1991) fortalece a convicção a respeito da necessidade de um programa de investigação forte para a reflexão metateórica em linguística. Quais são os elementos naquela proposta que possibilitam este sentimento?

Abordando o artigo de Auroux & Kouloughli (1991) em busca de elementos para a elaboração de uma resposta para a questão “O que é a filosofia da linguística e qual é a sua função em relação à teoria e análise linguísticas?”, a que tipo de resposta conseguimos chegar? Os autores concluirão que nem os filósofos são capazes de fornecer respostas positivas a problemas linguísticos - isto é, responder a questões relativas à língua como objeto natural -, nem os linguistas são capazes de fornecer respostas a problemas filosóficos sobre a linguagem.

Os autores iniciam apresentando a conhecida divisão entre ‘filosofia linguística’ (FLgtca), ‘filosofia da linguagem’ (FLggem) e ‘filosofia da linguística’ (FL)³⁶. Para eles, a primeira é uma tarefa eminentemente filosófica - associada à chamada virada linguística - para a qual o objetivo seria que todos, ou quase todos, os problemas filosóficos pudessem ser reduzidos a problemas linguísticos. A

³⁵ No original: “If linguistic historiography takes its task of rational interpretation seriously, it is forced to adopt the type of behavioural explication³⁵ yielding the historically adequate version of concepts that appears favourable to linguistic analysis as well. Does this mean that linguists *are obliged to engage* in historiography in order to attain this version of their relevant concepts? The answer is no”.

³⁶ Ver também, sobre esta divisão, Borges Neto (2004), Auroux & Kouloughli (1991) e Katz (1985). O título do livro de Katz é, na verdade, bastante enganador à medida que o livro é uma coleção de artigos em fundamentos da linguística e em filosofia da linguagem. O livro faz parte ainda da perspectiva que pretende desenvolver o pensamento filosófico sobre a linguagem a partir dos resultados linguísticos. Não é isto que estamos chamando aqui de FL. Para nós, a FL é o pensamento linguístico a respeito dos fundamentos e modos de elaboração do conhecimento linguístico em todos os seus níveis. Katz, aliás, deixa bem claro que para ele a FL é um ramo da filosofia.

segunda, pode ser considerada, ao mesmo tempo, sinônimo da primeira e da terceira. Esta, de certo modo, ambiguidade da FLggem se deve ao fato do projeto filosófico naturalista - surgido no século XIX —, o qual supunha que o conhecimento filosófico poderia ter acesso direto a entidades e fenômenos no mundo, e acabar por produzir um modo de interpretação que não deixa esperanças de que se resolvam problemas filosóficos tradicionais a respeito da linguagem (p. 156). Isto leva os autores à conclusão de que “...the only possible and relevant philosophy of language should be a philosophy of linguistics” (p. 152).

Os autores afirmam, já no início do artigo: “A ‘true’ philosophy of linguistics would be the study of the historically attested practice of linguistics” (p. 151); e concluem: “... when working in the field of the ‘philosophy of linguistics’ philosophers should have linguistics, not language, as their sole object of investigation” (p. 152). Aqui porém é importante chamar a atenção para uma nuance que caracteriza de maneira um pouco mais precisa o que vem a ser a FL. A questão é que a linguística, enquanto uma disciplina científica, conforme descrita pelos autores³⁷ e enquanto constituída pelas práticas de “... investigação da natureza da linguagem através do estudos das línguas existentes...” (p. 151), é formada por teorias (sistemas de interpretação) elaboradas por ‘proposições’ - argumentos, eu diria - e estes argumentos são formados com e pela linguagem³⁸.

Sendo assim, como já ficou dito mais acima, uma boa parte da FL se sobrepõe à teoria e análise linguística (TAL), por motivos que deveriam, agora, estar

³⁷ Eles definem o campo linguístico de investigação da seguinte maneira:

(...) we will start from the admission that linguistics is an actual field of scientific knowledge with specialized objects, methods, scholars and institutions. Linguistics deals with natural language, its structure, nature, and evolution. It investigates *the nature of language through the study of actual languages*, that is, linguistic data from the past or present-day performances of speaking humans. Propositions (scientific assertions) in the field of linguistics refer to some kind of reality. They can be formulated (separately and taken as a whole) as empirical assertions, and they have to be tested, confirmed or infirmed. Perhaps it is too much to consider linguistic knowledge as purely empirical, as there is undoubtedly a normative dimension in part of that knowledge. But in any case linguistics is a historically attested practice”. (p. 151)

³⁸ A construção de teorias não é entendida aqui com uma prática natural, ou naturalizada. Entretanto, seria possível propor uma filosofia da linguística naturalizada, nos moldes daquelas que é possível de se conceber a partir da proposta de uma ‘capacidade de formação da ciência’ (*science forming capacity*) de Chomsky. Então, ao se naturalizar a prática da ciência a partir da suposição da existência de uma capacidade natural para o comportamento teórico, uma metateoria que se debruçasse sobre este tipo de teoria assumiria um caráter igualmente naturalizado.

evidentes. Por exemplo, a relação entre ‘linguagem’ e ‘metalinguagem’ e ‘teoria’ e ‘metateoria’ é um bom instrumento de auferição para se mostrar como este problema surge. Por um lado, enquanto investiga a natureza da linguagem, a linguística se constitui como uma metalinguagem - na forma da TAL, fazendo uso da linguagem em um nível específico, isto é, teórico. Por outro lado, enquanto investiga a natureza da metalinguagem teórica da linguística, a filosofia da linguística também se constitui como uma metalinguagem, porém com uma diferença fundamental, na forma de uma metateoria, fazendo uso de uma metalinguagem de outro nível. Assim, a FL precisa, a fim de justificar a validade de sua hipóteses a respeito da natureza (empírica e teórica) da TAL, se constituir como uma extensão do pensamento linguístico; precisa, portanto, ser uma atividade realizada e avaliada a partir do ponto de vista da linguística, e não da filosofia, como defendem alguns autores (ver nota acima).

Vai se tornando cada vez evidente que nos encontramos diante de duas formas antagônicas (talvez complementares) de FL, enquanto metateoria. De maneira geral, uma delas entende que o trabalho analítico metateórico pertence, epistemologicamente falando, à linguística - desde que por linguística entendamos aqui não apenas o estudo da natureza da linguagem (como fazem A&K), mas também como o estudo da manifestação empírica desta mesma natureza. A outra forma possível de investigação metateórica a que podemos denominar por FL entende que o trabalho de investigação pertence por direito ao campo da filosofia da ciência, e que seria, portanto, tarefa do filósofo e não do linguista voltar-se para questões de fundamentos epistemológicos ou ontológicos sobre a linguagem³⁹. Diante desta divisão, acredito que seja preciso fazer, até certo ponto, uma opção por umas das formas de se fazer FL⁴⁰. Ao fazermos uma opção, segundo Borges Neto

³⁹ Ver, por exemplo, Borges Neto (s/d) “O que é filosofia da linguística”, disponível em <<http://people.ufpr.br/~borges/diversos/publicacoes.html>>.

⁴⁰ Na verdade acredito que há mais do que apenas duas formas de se fazer FL, há várias formas. Esta divisão que proponho tem intenções demarcacionistas, no mesmo sentido da divisão que propõe a diferenciação da FL, da filosofia da linguagem e da filosofia linguística. Há, no entanto, determinadas propostas de FL que acredito não se tratarem exatamente disso, apesar de assim se denominarem. Refiro-me, aqui, por exemplo, ao tipo de estudo generalizado a respeito da divulgação científica em linguística que, ao meu ver, é antes de mais nada, não uma investigação de caráter metodológico ou epistemológico ou ontológico, mas o que chamo de resenhístico. É preciso chamar a atenção para o fato de que é possível se fazer ainda uma filosofia da linguística de orientação mais historiográfica do que metodológica. Ver, por exemplo, os trabalhos da escola holandesa (Ketel) e da escola alemã (Koerner) e adjacentes. É preciso lembrar ainda que ao falar de uma FL, estou me referindo a uma abordagem generalizada que pode ou não tratar de particularidades de determinadas

(2004) estamos assumindo uma postura normativista, o que para ele é indesejável. Apesar de concordar com o autor que a FL é uma atividade sobretudo crítica (ver Borges Neto, 2004, p. 9 e Dascal, 1997), Borges Neto entende que para que se exerça o pluralismo teórico necessário para uma FL, não se pode ‘fazer uma escolha metodológica’, o que, de fato, ele faz ao propor o pluralismo como opção metodológica. Diferente dele, assumo a posição metodológica um pouco menos neutralizadora – aquela que pode ser encontrada nas propostas de Dascal para uma teoria da controversias - de que a fim de se evitar o normativismo e o descritivismo reinante em FC no século XX, a opção ‘balanceada’ por uma racionalidade ‘soft’ (dialética, dialógica e pragmática) pressupõe pelo menos um pouco de normativismo e mais um outro tanto de descritivismo.

Ao concluírem seus argumentos, A&K fazem a seguinte afirmação:

The philosophy of language has not, as yet, been replaced by a *philosophy of linguistics*. In other words, **linguistics, the science of language, is not yet considered an obligatory mediation between philosophy and language**” (p. 157, grifo meu).

Esta conclusão torna bastante evidente a razão pela qual a filosofia da linguística ainda não é considerada como a abordagem necessária para fins de desenvolvimento analítico e metodológico para a linguística. Se a linguística ainda não é obrigatoriamente - e veremos os argumentos apresentados pelos autores para a justificativa desta afirmação - a fonte do conhecimento mediador entre os fatos e fenômenos linguísticos e o conhecimento metateórico, se ainda se acredita que o conhecimento filosófico é capaz de produzir resultados positivos a respeito da realidade linguística, então a filosofia da linguagem é preferida e a filosofia da linguística preterida. Desta perspectiva, então, a linguística deveria impor a FL à filosofia, como alternativa para o desenvolvimento do conhecimento metateórico a respeito da linguagem. Se ela não o faz, isto pode ser resultado de dois motivos: primeiro, a linguística e os linguistas acreditam que o conhecimento metateórico é desnecessário e por isso, dispensável; segundo, os linguistas e a linguística acreditam que a TAL é suficiente na produção de conhecimento positivo a respeito

teorias. Talvez fosse interessante ressaltar que a expressão FL é, neste caso, sinônimo com ‘metodologia da linguística’ -“... the subject matter of which is the class of all methods applicable in this discipline, among which the methods of formulation and justification of linguistic theories figure conspicuously” (Poznan, xxxx, p. 2007). A existência de uma FL geral não impede que se desenvolvam filosofias específicas a respeito de partes da linguística, como por exemplo, ver *Philosophy of Syntax: Foundational topics* (Talasiewicz, 2010).

dos fatos e fenômenos linguísticos (FFL). Para A&K esta ‘imposição’ teria lugar uma vez que o campo de investigação linguístico sobre a linguagem estivesse organizado e coeso o suficiente para garantir uma fonte de informações válidas a respeito da linguagem.

Parece-me que um bom número de coisas foram ditas a respeito da legitimidade da HFL diante da TAL e sobre os motivos pelos quais a primeira precisa e pode contribuir para a constituição da segunda. Mas uma questão ainda fica por ser respondida, uma que surge da última afirmação citada de A&K: por que a linguística ainda não é a fonte obrigatória de produção de conhecimento sobre a linguagem e que deverá, por sua vez, servir como mediadora para o conhecimento metateórico sobre a linguagem? A resposta a esta questão parece que devemos encontrar na parte da conclusão em que os autores justificam o porquê de não termos uma FL ‘verdadeira’. A resposta é bastante simples. Para eles a responsabilidade não é apenas dos filósofos que ainda legitimam uma forma de conhecimento que possui acesso direto, sem mediação, a uma determinada parcela da existência, a existência dos fatos e fenômenos linguísticos, como a filosofia da linguagem. A responsabilidade também pertence aos linguistas “devido à condição de extrema confusão que eles conseguiram estabelecer em relação ao seu campo de conhecimento” (Auroux & Kouloughli, 1991, p. 157). Os argumentos de A&K prosseguem desta maneira, procurando demonstrar a falta de coesão teórica e histórica da linguística enquanto campo de conhecimento. A esta altura do artigo os autores parecem confundir o papel das descobertas linguísticas para a reflexão metateórica - função esta relativa e diretamente relacionada à FL - com a relação entre a linguística e a ‘filosofia linguística’, que havia sido deixada de lado no início do artigo. Eles parecem querer dizer que a linguística enquanto disciplina pertencente ao campo de conhecimento científico não consegue satisfazer as necessidades exigidas por questões filosóficas. Ora, mas a este argumento é justamente o que foi anteposto diante da necessidade de uma FL, enquanto a necessidade discutida pelos autores parece dizer respeito à filosofia linguística, como afirmei acima.

A conclusão relevante para a presente reflexão é a seguinte: os autores, em sua reflexão sobre a impossibilidade de uma filosofia da linguística ‘verdadeira’, vinculam esta condição ao fato de um estado geral de desacordo, entre os membros

de uma comunidade científica internacional⁴¹ (voltada para o estudo da linguagem) a respeito dos conceitos fundamentais do campo de investigação linguístico. Todo este estado de coisas representaria, para o campo, uma condição de retrocesso. Contudo, da perspectiva da teoria das controvérsias, este conjunto de informações pode ser interpretado de maneira um pouco mais positiva. Ora, é justamente este estado de desacordo que promove a mudança do conhecimento produzido no campo. Seria preciso investigar, com o objetivo de determinar o tipo de racionalidade envolvida nesta condição apontada pelos autores, a espécie de racionalidade existente em uma condição de epistêmica de desacordo.

2.4 O problema da “migração de proposições” no modelo de “desenvolvimento” teórico em linguística

O modelo proposto em Tomalin (2010) para o problema da mudança teórica em linguística parece, à primeira impressão, funcionar bastante bem, apesar de que a dinâmica proposta pelo autor possui características um tanto mecânicas. Além disso, sua ‘mecânica’ parece impulsionada por alguma força misteriosa. O autor deixa implícito que esta mecânica possui, animando o mecanismo, o proponente da teoria. No entanto, este proponente não aparece como condutor desta mecânica. O modelo de cunho lakatosiano de Tomalin (2010), emprestado de Kuipers (2007) carece de um componente explicativo de natureza dialética (dialógico-pragmático).

Vejamos como funciona a ‘mecânica’ do modelo proposto por Tomalin. Basicamente - pois não vou retomar aqui todas as referências que o autor usa para elaborar sua proposta do que chamo de ‘mudança teórica’ em linguística, elas estarão implícitas e poderão ser inferidas pelos termos do modelo - o modelo possui a seguinte arquitetura: Tradição de pesquisa (Tr.P) > Programa(s) de pesquisa (Pr.P) > Teoria(s) nuclear(es) (Tr.N) > Teorias específicas (Tr.E). Assim, uma Tr.P pode gerar vários Pr.P’s [Pr.P_{1-n}] que, por sua vez, possuem uma única Tr.N cada um e que podem, também, gerar várias Tr.E’s [Tr.E_{1-n}]. Transferindo este modelo da ciência em geral para o contexto da linguística (enquanto ciência específica), Tomalin obtém: Linguística gerativa (LG) > Gramática gerativa (GG) > Teoria nuclear 1 (Tr.N₁) > Teorias específicas (1-n) [sendo n = Gramática relacional (GR)]. Sendo

⁴¹ Comunidade esta que para os autores deixou de existir a partir da metade do século XX.

que a Tr.P, a linguística gerativa (Tr.P = LG), possui, dentre seus vários programas de pesquisa, um dentre eles denominado ‘gramática gerativa’ (Pr.P₁ = GG), o qual, por sua vez, incorpora uma teoria nuclear também específica (por exemplo, a teoria padrão (TP)) (Tr.N₁ = TP).

Então, a gramática relacional, enquanto uma teoria específica, que compartilha os elementos da teoria padrão em um mesmo programa de pesquisa (pertencendo, assim, à mesma tradição de pesquisa que outras teorias específicas incluídas no mesmo programa de pesquisa), tende a se separar (‘migrar’ nos termos do autor) do Pr.P₁ compartilhado para um outro programa (um novo, o seu próprio) com sua teoria nuclear e suas teorias específicas. O que o autor deixa em aberto e quase nos obriga a questionar é o modo como esta ‘conformação’ se organizará na nova arquitetura do novo programa de pesquisa. Além disso, surge a questão a respeito do que é preciso para que se forme uma nova tradição de pesquisa - ou ainda, se um novo programa com nova teoria nuclear poderá coabitar com seu antigo programa de pesquisa e sua antiga teoria nuclear a mesma tradição de pesquisa. Mas não é meu objetivo, neste momento, investigar possíveis respostas a estas perguntas. Apresentado a arquitetura do modelo de Tomalin, a questão fundamental que é preciso perseguir antes de responder às outras, - as quais também são importantes, mas dependentes de uma resposta satisfatória a esta pergunta fundamental - é: dado o impasse a que o autor chega, em sua conclusão, de que “modelos simplistas dificilmente dão conta da complexidade das relações entre programas de pesquisa” (p. 332), como se poderia escapar deste impasse em um modelo que adota um modo de explicação que entende a mudança teórica como um fenômeno ‘mecânico’? A resposta está esboçada no primeiro parágrafo.

Vejamos um dos argumentos iniciais de como o funcionamento deste ‘mecanismo’ apresenta os primeiros indícios de mudança teórica, na perspectiva do autor:

... conforme a gramática relacional se desenvolvia, algumas das suposições centrais da gramática gerativa iam sendo rejeitadas e, como resultado deste processo intrincado, as reflexões teóricas que forneciam os fundamentos para a pesquisa em gramática relacional em meados dos anos 70 começaram a dar origem a um novo programa de investigação. (Tomalin, 2010, p. 322)⁴²

⁴² No original: “... as RG developed, some of the core GG assumptions were rejected, and as a result of this intricate process, the theoretical studies which provided the foundation for the later RG research of the mid to late 1970s began to elaborate a new RP”.

Inicialmente, a GR representa uma teoria específica alternativa no contexto do programa de pesquisa da GG. Gradualmente, porém, para dar conta de determinados problemas sintáticos, algumas hipóteses auxiliares precisam ser desenvolvidas. Esta transformação gradual leva à conseqüente rejeição de certas hipóteses que fazem parte do núcleo do programa. Estamos, então, diante de um ‘desenvolvimento’ (*development*)⁴³ teórico nos moldes ‘mecânicos’ conforme proposto pelo autor.

O problema com esta forma de explicação do ‘desenvolvimento’ teórico na ciência, e em especial na linguística que é o caso em questão, é a atribuição e a pressuposição de um mecanismo automático que atua sobre as teorias e as impele à transformação. Daí o uso do termo ‘mecânico’ pelo autor é justificado. Nesta forma de compreensão da mudança teórica (nos meus termos) os proponentes da teorias assumem papel secundário e são representados como se estivessem a mercê das teorias. Vejamos um afirmação de David Perlmutter (um dos proponentes da gramática relacional, juntamente com Paul Postal) que aparece logo abaixo da parte citada acima, no próprio texto de Tomalin:

Writing in the early 1980s, Perlmutter recalled that **[t]he emergence of relation grammar (RG) in the 1970s was a direct challenge to some of the most basic assumptions of syntactic theory** (Perlmutter 1983: ix). (Tomalin, 2010, p. 321, grifo meu)

É interessante notar como o próprio Tomalin chega muito perto da questão do dialogismo como força motora da mudança teórica e devido ao fato de estar muito preso ao seu modelo ‘mecânico’ - balizado por referências importantes na história da

⁴³ De acordo com Tomalin, as teorias desenvolvem-se (através do processo de ‘migração’). Para se referir a este processo o autor faz uso de dois verbos do inglês: *develop* e *evolve*. Os dois verbos possuem um pequena diferença semântica, sendo que o primeiro representa a idéia de um processo concluído, ou realizado de modo completo; já o segundo indica um processo gradual. Da minha perspectiva da dialética das interações polêmicas na ciência, as teorias ‘mudam’ a partir das trocas argumentativo-dialógicas de seus proponentes. Não existe, nesta abordagem, a possibilidade de uma explicação causal (como se o ‘desenvolvimento’ fosse animado por si mesmo, ou por alguma força intrínseca à configuração teórica. Este modo de compreender a transformação de teorias científicas remete a um modelo de interpretação causal de estrutura profunda, conforme proposto por Dascal, 2003, p. 206-207) para a transformação teórica, como indica o modelo de Tomalin. No modelo das interações polêmicas o que ‘move’ a transformação teórica são os embates argumentativos e a explicação para este fenômeno é fundamentado em um modelo de interpretação pragmática (ver Dascal, 2003, p. 197-199).

teoria da ciência⁴⁴ - não consegue se desvencilhar do determinismo evolutivo que as teorias correntes no século XX lançam mão.

Para Tomalin o ‘desenvolvimento’ da teoria específica (a gramática relacional) em termos analíticos e no contexto do programa de pesquisa da gramática gerativa leva a um incompatibilidade que é responsável pela transformação da GR em um “entidade distinta”. A questão aqui é: o fato de a teoria específica, a gramática relacional (então parte do programa de pesquisa da gramática gerativa e compartilhando a mesma teoria nuclear, a chamada teoria padrão), fornecer “análises diferentes” de fenômenos sintáticos é o suficiente para fazê-la “migrar” para ‘fora’ do programa de pesquisa a que pertence e dar origem a um novo programa? Além disso, as análises diferentes fornecidas representavam os *mesmos* fenômenos sintáticos analisados pelas teorias específicas da teoria padrão? Mas o questionamento de Tomalin não vai nesta direção. O que ele se pergunta é:

Portanto, se a gramática gerativa e a gramática relacional tornaram-se, por volta da metade dos anos 70, entidades distintas, que tipo de entidade era a gramática relacional? Definia ela uma nova tradição de pesquisa, ou ela simplesmente determinava um programa de investigação separado, dentro da tradição da linguística gerativa? (Tomalin, 2010, p. 322)⁴⁵

Como se vê, as suas perguntas questionam a natureza desta nova “entidade” que se diferenciou da GG, mais especificamente se a GR constituiu uma tradição de pesquisa diferente ou se apenas determina um programa de pesquisa em separado, diferente da GG, porém dentro da mesma tradição da LG.

Tomalin afirma que com o desenvolvimento do modelo conhecido por *arc pair grammar* marca a separação da gramática relacional do âmbito do programa de pesquisa da gramática gerativa mas no entanto não cria espaço suficiente para o estabelecimento de uma nova tradição de pesquisa. O autor afirma ainda que embora a proposta da *arc pair grammar* possa ser vista como a elaboração de uma abordagem *model-theoretic* da sintaxe e possuir regras que definem critérios de *well-formedness* para objetos sintáticos e, conseqüentemente, rejeitar pressupostos

⁴⁴ Algum dos nomes mencionados por Tomalin, e nos quais o modelo de Kuipers (o qual ele adota) ‘prazerosamente’ se apoia são: Thomas Kuhn, Imre Lakatos, Larry Laudan, etc. Curioso observar que ele chega a mencionar o modelo de desenvolvimento teórico proposto por Stephen Toulmin, que é um modelo argumentativo-dialógico, mas o rejeita em favor da abordagem de Kuipers.

⁴⁵ No original: “Therefore, if GG and RG had become distinct entities by the mid 1970s, what sort of entity was RG? Did it outline a new and distinct RT, or did it simply determine a separate RP within the GL tradition?”

fundamentais para a GG - como, segundo o autor, hipóteses gerativo-enumerativas -, ainda assim este tipo de regras foi trabalhado nas investigações iniciais de Perlmutter, que eram desenvolvidas dentro do programa da gramática gerativa⁴⁶. No entanto, um tratamento formal como o de Perlmutter (ver nota 3) passou a receber maior privilégio no contexto da GR do que se costumava atribuir a ele no contexto da GG, e Tomalin conclui: “In many respects, then, RG selected, re-emphasised, and refocused particular ideas that had been presented less clearly within the GG program” (p. 325)⁴⁷.

A real dificuldade de Tomalin tem início quando ele procura determinar se este distanciamento da GR do programa da GG, inaugurando um novo Pr.P., dá ou não início a uma nova tradição de pesquisa. Inicialmente ele argumenta que a relação Tr.P.-Pr.P. é de um para muitos e ele afirma não existir um critério de identificação precisa desta relação. Isto é, não é possível determinar com precisão se um certo programa de pesquisa pertence *exclusivamente* a uma tradição de pesquisa. Ao identificar a origem deste problema no simplismo que o modelo por ele adotado (as representações *set-theoretical* de Kuipers) atribui à existência (*ontological stratification*, nos termos de Tomalin) de tradições/programas de pesquisa e teorias, ele encontra recurso para uma possível solução ao simplismo de seu modelo na existência real dos exemplos históricos, e ele diz:

Actual historical examples, such as the emergence of RG, demonstrate that it is quite possible for a given RP to be indeterminately associated with more than one RT (at least for a short period of time), and that it can exist in the twilight zone between several RTs. (p. 325)

Isto é, Tomalin busca a solução para o seu problema na forma de uma resposta (histórico-)empírica, mas ele não desiste tão facilmente e resolve não abrir mão de seus modelos *set-theoretical* abstratos para a transformação das teorias e o desenvolvimento da ciência – a fim de legitimizar a resposta empírica ao seu problema -, lançando mão, agora, de uma forma mais complexa de modelo *set-theoretical*, um que dê conta de “mathematical objects such as non-classical sets

⁴⁶ “However, rules of this kind were initially discussed at length in Perlmutter’s 1968 GG-based Ph.D. thesis where they were introduced as ‘filters’ on SSS, so it would be misleading to claim that this marked a complete break with GG.” (p. 324-325)

⁴⁷ “Em vários aspectos, a gramática relacional selecionou, reenfatiçou colocou novamente em foco ideias particulares que haviam sido apresentadas de maneira não tão clara dentro do programa da gramática gerativa”.

(e.g., fuzzy sets)” (p. 325), isto para obter “maior precisão representacional”. Vejamos se ele alcança seu objetivo, a saber, uma explicação plausível para a mudança teórica em linguística. Caso ele o alcance, o que já conjecturei - mais acima quando mencionei o impasse a que o autor chega em sua conclusão, como veremos em detalhes mais adiante - como não sendo possível dentro da proposta explicativa que ele adota e a tradição em teoria da ciência a que se vincula, será preciso reconhecer quais são os pontos positivos de sua abordagem e que tipo de mudança teórica ele satisfaz no contexto da linguística.

Tomalin explora, então, as duas hipóteses que caracterizam a independência da GR enquanto um programa de pesquisa independente: a hipótese inacusativa (*unaccusative hypothesis*) e a hipótese de alinhamento universal (*universal alignment hypothesis*). O interessante na consideração destas duas hipóteses é o que elas demonstram historicamente do envolvimento entre a GG e a sua teoria do componente semântico (a semântica interpretativa (SI)) e a semântica gerativa (SG). A gramática relacional é uma espécie de consequência do desenvolvimento do debate entre a SG e a SI e ela representa, ainda, o percurso de Paul Postal neste desenvolvimento. Primeiro, Tomalin afirma que a hipótese inacusativa “emphasises the extent to which syntactic considerations depend upon ‘semantic roles’ (Perlmutter & Postal 1984[1978]: 97)” (p. 326); segundo, afirma que para esclarecer esta relação de dependência Perlmutter & Postal (1978) elaboram a hipótese do alinhamento universal. Esta reafirma a importância do componente semântico na organização da estrutura sintática: “The basic insight is that semantic considerations (i.e., the ‘meaning of the clause’) determine the nature of the initial grammatical relations that are present in a given clause ...” (idem). Tomalin identifica as origens desta ideia na propostas da semântica gerativa, no que John Ross (1970) chamou de ‘hipótese da base universal’ (*universal base hypothesis*), que afirmava que a estrutura profunda de todas as línguas naturais possuía a mesma configuração até um determinado ponto da derivação.

O passo seguinte no desenvolvimento deste processo de mudança teórica é o reaproveitamento e recontextualização da hipótese inacusativa no contexto da GG, e Tomalin cita uma série de trabalhos neste sentido, além do percurso interteórico percorrido por hipóteses como as mencionadas, originando-se no contexto da semântica gerativa, reformulado na gramática gerativa e, finalmente, readaptado na

gramática gerativa no contexto da teoria de princípios e parâmetros, chegando até os dias do programa minimalista. (ver pp. 327-329).

Chegamos então à parte em que Tomalin tenta situar as hipóteses que deram autonomia à GR no seu esquema *set-theoretical*. Esta localização o ajudará, assim espera o autor, a determinar se a GR representa um programa de pesquisa a parte (compartilhando ou não a mesma tradição de pesquisa) ou se seria apenas uma teoria específica no contexto da GG, tudo a depender do lugar das hipóteses na hierarquia de seu modelo adotado. A este respeito, Tomalin toma algumas decisões com base em evidências que ele considera relevantes. Por exemplo, para ele, a hipótese inacusativa deve ser considerada como parte do núcleo do programa da GR (da teoria nuclear) pois, após ser introduzida e discutida por Perlmutter em 1978 e ser considerada como uma ‘proposição auxiliar’ (isto é, não ser ‘essencial’ ao programa), ela passa finalmente (*arguably, eventually*) a possuir importância central para o núcleo da teoria. Quanto à hipótese do alinhamento universal, Tomalin acredita que esta não possa ser considerada como parte do núcleo, uma vez que “sua validade foi debatida explicitamente na literatura da GR” (p.330). Após um determinado autor, Carol Rosen (1984), a considerar ‘insustentável’, Tomalin então acredita que a afirmação desta condição determina (*seemingly*) que a hipótese faça parte não do núcleo, mas da periferia do programa, funcionando como uma proposição auxiliar. Importante observar que, no modelo de Tomalin, enquanto ‘hipótese’ uma proposição pode fazer parte apenas da teoria específica (isto é, da periferia do programa), como uma ‘proposição auxiliar’ não podendo pertencer ao núcleo do programa, como proposição nuclear. O autor, no entanto, não explicita os mecanismos que uma proposição, na forma de hipótese ou não, poderá passar (‘migrar’, nos termos dele) de um lugar para outro, da periferia para o centro, etc.

Diante disto, Tomalin explora a possibilidade de ‘migração’ de proposições *intra-* e *intertradições* de pesquisa, migrando, respectivamente, entre programas de pesquisa que pertencem à mesma tradição (*intra-*), ou entre programas que pertencem a tradições diferentes (*inter-*). Em casos extremos é previsto até mesmo o caso da ‘migração’ de programas de pesquisa inteiros de uma tradição para outra. A este movimento o autor denomina ‘estratégia de desenvolvimento de teorias’ (p. 330). E finalmente o autor se pergunta, após mencionar a ‘migração’ sucessiva de proposições, o por que deste movimento. Aqui os limites de seu modelo começam a se mostrar. Para Tomalin, o programa da GR concentrou esforços na descrição de

estruturas gramaticais que não haviam sido exploradas em profundidade suficiente pelo programa da GG, tais como passivas, topicalização, etc. Estes esforços geraram generalizações importantes que foram readaptadas pela GG.

O próprio autor (Tomalin) é o primeiro a admitir as dificuldades do seu modelo analítico para a descrição e explicação da complexidade do fenômeno da mudança teórica em linguística:

... the sheer complexity of the connections that relate GG and RG, during the years 1972 to 1975 in particular, suggest that overly simplistic analytical models of scientific theory development can be unhelpfully misleading. (p. 332)

Acredito que as dificuldades expostas pelo modelo decorrem do fato de ser o caráter normativo da proposta um tanto exacerbado. O modelo *set-theoretical* impõe um descritivo que impede de se perceber o caráter dialógico na dinâmica da mudança teórica. Além disso, a presença implícita dos agentes que promovem estas mudanças através de suas interações polêmicas (seus debates) com o uso de seus argumentos e seu intrincado funcionamento é uma presença que fica em segundo plano na análise possibilitada pelo modelo assumido por Tomalin. Perto do fim de sua análise, o autor afirma que “Little is known for certain about the particular conditions which prompt these sorts of cyclic proposition migrations ...” (p. 333). Da perspectiva de uma análise dialógica das interações argumentativas polêmicas por parte dos participantes, isto é, proponentes e opositores de modelos explicativos, uma grande variedade de detalhes emergiria numa análise deste tipo, sendo que para tal uma análise minuciosa dos argumentos elaborados pelos proponentes no contexto da gramática gerativa e pelos proponentes da gramática relacional deveria ser levado em consideração. O modo como uns reconstruem os argumentos dos outros é um dos recursos comumente utilizados em fenômenos de mudança teórica como os apresentados por Tomalin. Para tanto um modelo dialético-argumentativo é indispensável. Não irei me deter aqui nos casos apresentados pelo autor, mesmo sendo um exercício interessante na confirmação de minha crítica à análise com o seu modelo *set-theoretical*. As evidências desta capacidade que o modelo das teorias das controvérsias apresenta será exemplificada pela análise da controvérsia sobre a estrutura profunda na parte 4.

Ainda um comentário para finalizar: Tomalin afirma que poucos estudos têm se debruçado sobre o problema da mudança (evolução nos termos dele) teórica em

linguística. É exatamente sobre esta questão que o presente trabalho se debruça. Ele AC rescenta ainda que a análise histórica (e historiográfica) detalhada contribui para esta tarefa. Concordo plenamente com esta perspectiva, como já deve ter ficado claro pela minha problematização da relação da história com a filosofia da linguística, herdada, porém adaptada, da mesma discussão que ocorreu no contexto da filosofia das ciências em geral a partir da segunda metade do século XX, tendo como ponto de partida o artigo de Hanson (1962) “The irrelevance of history of science to philosophy of science” (visto acima), em que o famoso *dictum* lakatosiano sobre a cegueira e a vacuidade da relação entre história e filosofia é concebido.

2.5 Por um programa de pesquisa autônomo em filosofia da linguística

Há uma tradição de pesquisa bastante variada voltada para o desenvolvimento da reflexão metateórica em linguística⁴⁸, no entanto esta tradição não parece ter tido, ainda, sua relevância reconhecida para a teoria e análise linguísticas.

Na última parte de seu artigo, Auroux & Kouloughli entram em um argumento surpreendente de defesa de uma filosofia da linguística (FL) completamente relacionada à teoria e análise linguística (TAL). Os autores apresentam duas sugestões⁴⁹: primeiro, com a iniciativa partindo dos filósofos, seria fornecido aos linguistas material histórico detalhado sobre o conhecimento linguístico, o que na opinião dos autores, poderia contribuir na formação de novos pesquisadores⁵⁰. Depois, os filósofos deveriam prosseguir seu trabalho de ‘consultoria’ com uma espécie de auditoria sobre as teorias linguísticas, a fim de ajudar os linguistas a realizarem corretamente suas investigações e formular suas teorias, ajudando-os inclusive a desenvolver métodos adequados de discussão metodológica. Até este

⁴⁸ Sempre que me refiro à área de conhecimento pela expressão ‘em linguística’, estou me referindo a pelo menos duas coisas: primeiro, um certo cânone histórico/historiográfico que tem início com o comparatismo de Schlegel; segundo, a uma tendência de naturalização do objeto de estudo buscando aproximar a linguística dos modelos teóricos das ciências naturais, conforme se inicia em Schleicher.

⁴⁹ O que parece estranho da minha perspectiva é o fato de que o início de um programa de pesquisa para a FL deva começar a partir da perspectiva da filosofia, com os filósofos oferecendo seus serviços aos linguistas, e não, como me parece ideal, os linguistas buscando na filosofia da ciência os parâmetros iniciais para a uma FL linguisticamente orientada.

⁵⁰ Quanto ao ‘mito’ da história como ferramenta para a formação de linguistas, ver a discussão sobre Ketel (1991), acima.

ponto, os filósofos seriam aqueles que tomam a iniciativa e controlam a produção da metateoria em linguística. A partir de então, o panorama começa a se transformar.

Os autores, então, assumem que, na constituição deste programa de pesquisa para a FL, os filósofos não estariam habilitados para contribuir, sozinhos, com a construção de conhecimento linguístico novo (p. 161). Sua função seria a de trabalhar em conjunto com os linguistas: "The philosopher of linguistics does not have to work in the field of linguistics exactly like a linguist" (p. 162). É preciso admitir que a proposta de A&K é bastante curiosa pois, em seguida, eles afirmam que o objetivo dos filósofos da linguística não difere daquele dos linguistas, isto é, gerar conhecimento linguístico novo: "... the important thing for the philosophy of linguistics is not to generate philosophical theories about language but to follow and support the development of linguistic research" (p. 162).

A partir do meu ponto de vista, isto é, aquele que tenta elaborar uma justificativa para uma FL autônoma, as propostas de A&K são interessantes à medida que propõem a criação de um programa de pesquisa para a FL, mas é desinteressante quando propõem que a criação da metateoria linguística esteja sob a tutela de uma filosofia da ciência em geral. Ao mesmo tempo que acredito que a FC em geral pode ser útil para a FL, não penso que esta deva estar submetida àquela. Isto por que, como já foi mencionado, a FC se orienta, historicamente, demasiado em direção às chamadas ciências naturais, principalmente aquelas que suportam um alto grau de formalização, como a física. Não está claro que um alto grau de formalização seja proveitoso para a linguística em geral, com a exceção de alguns setores específicos, e muito menos para a elaboração de uma metateoria, como pressupõe a FL. Um alto grau de formalização afasta a proposta de uma FL baseada em uma teoria geral das controvérsias, que implica em uma racionalidade macia (*soft*) de caráter pragmático. Não que a abordagem pragmática não seja passível de formalização, uma vez que são conhecidas as tentativas de construir modelos de explicação pragmática com estas características. A questão central parece ser a de que para alcançar poder explicativo, uma metateoria sobre a linguagem precisa satisfazer determinados padrões de racionalidade, como a racionalidade pragmática e o funcionamento do contexto dialógico inferencial em que as teorias científicas são propostas, desenvolvidas e justificadas. É sabido, pelo menos desde Grice, que um contexto desta natureza não comporta esquemas de descrição formais baseados apenas nos moldes das inferências resultantes de

argumentos dedutivos estritos. A formalização possível, se desejável, deverá satisfazer a necessidade explicativa de argumentos dos tipos que operam na chamada lógica da descoberta científica, além da dinâmica da mudança conceitual e teórica das disciplinas científicas.

Mas, afinal, como seria este programa de pesquisa em filosofia da linguística? Quais componentes e quais problemas ele se proporia a investigar e encontrar soluções possíveis? Gostaria apenas de mencionar, ainda, que a proposta de um programa de pesquisa para a FL não é nenhuma sugestão estranha no contexto da reflexão metateórica sobre a filosofia das ciências específicas⁵¹.

Apresento a seguir um diagrama que explora as relações entre a ‘teoria e análise linguísticas’ e a ‘metateoria linguística’ enquanto consequência da analogia entre a ‘história e filosofia da ciência’ e a ‘história e filosofia da linguística’ conforme discutida acima:

Metateoria Linguística (MTL)	Teoria e Análise Linguísticas (TAL)
<u>História da Linguística</u> (HL) [fatos e eventos histórico-científicos] <u>Filosofia da Linguística</u> (FL) [argumentos teóricos e científicos]	<u>Teoria Linguística</u> (TL) [teoria e análise linguística] <u>Análise Linguística</u> (AL) [análise e/ou teoria linguística]
<u>História da Ciência</u> (HC) <u>Filosofia da Ciência</u> (FC)	[fatos e fenômenos linguísticos] (FFL)

Quadro 1. Diagrama da relação complementar entre a Teoria e Análise Linguísticas (TAL) e a Metateoria Linguística (MTL)

⁵¹ Ver, por exemplo, a apresentação das propostas existentes de programa de pesquisa para a filosofia da física em <<http://plato.stanford.edu/entries/physics-structuralism/>>. Com base nesta proposta, poderíamos definir para um programa de pesquisa em FL as seguintes linhas de investigação: i. um contexto para a reconstrução de teorias individuais baseado na proposta de descrição e explicação desenvolvido na teoria das controvérsias; ii. características relevantes a serem descritas: a natureza empírica da teoria linguística, a definição de uma metalinguagem, a mudança teórica, a relação inter-teórica, etc.

Como interpretar o conteúdo deste diagrama? Ele propõe pelo menos oito tipos diferentes de relações. Proponho designá-las por letras maiúsculas de (A) a (H)⁵². Vamos a elas.

Relação (A): Os itens representados pela metateoria (MTL) e pela teoria e análise linguística (TAL) encontram-se em relação complementar. É isto o que significa a afirmação da hipótese de que a TAL e a MTL são interdependentes, isto é, ambas contribuem para o desenvolvimento uma da outra. Porém, há nesta relação de interdependência e complementaridade, uma nuance que precisa ser explicitada: o grau de dependência entre as duas partes não é o mesmo, isto é, elas estão em um relação de complementaridade assimétrica. Isto significa dizer que à medida em que é verdade afirmar que a TAL é, de maneira evidente, o objeto de estudo para a MTL, o inverso não é verdadeiro. Este fato é o que leva alguns filósofos da linguística a duvidarem ou questionarem tanto a relevância da MTL para a TAL, quanto a considerarem a filosofia da linguística (FL) - e também a história da linguística (HL)⁵³ - como pertencendo de direito ao campo de estudo da filosofia da ciência (FC)⁵⁴. O máximo que se poderia afirmar quanto à relevância da MTL para a TAL - ou do grau de dependência que a TAL possui em relação à MTL - é que a primeira (MTL) possui uma importância relativa para a segunda (TAL), podendo ou não ser necessária, a depender do nível de elaboração que o analista ou aquele que formula uma teoria necessite de uma metalinguagem de segunda ordem.

Esclarecido este fato da relação de complementaridade assimétrica entre a MTL e a TAL, resta-nos fazer uma avaliação, talvez um tanto frágil, sobre o fato de que o analista ou formulador de uma teoria linguística que faz uso do conhecimento metateórico possui uma grande chance de se sair melhor na sua tarefa, contanto que o conhecimento metateórico não venha a ser um empecilho para que ele alcance o seu objetivo. Tendo isto claro em mente, o analista e formulador de teorias - aquele que se debruça sobre os fatos e fenômenos linguísticos e procura construir

⁵² São elas: **Relação (A)**: [MTL-TAL]; **Relação (B)**: [HFL-MTL]; **Relação (C)**: [TL/AL-TAL]; **Relação (D)**: [HL-FL]; **Relação (E)**: [TL-AL] (ver os níveis de adequação de Chomsky: observacional, descritivo e explicativo); **Relação (F)**: [HFC-HFL] (ver Aurox e Kouloughli, 1991); **Relação (G)**: [FFL-TL/AL] (ver a discussão sobre os níveis metalinguísticos, parte 2.2.5) e **Relação (H)**: [HC-FC] (ver Hanson, 1962).

⁵³ Esta é uma relação de outra natureza que será explicada mais adiante.

⁵⁴ Ver, por exemplo, as posições de Borges Neto (2004), Aurox & Kouloughli (1991) [os quais soam ambíguos a este respeito] e de Jorge Campos (s/d).

um modelo sobre estes fatos e fenômenos - pode se sentir livre para fazer uso do conhecimento metateórico necessário, tendo consciência que a total exclusão deste na realização de sua tarefa o levará, no mínimo, a alcançar seus objetivos de maneira 'automática', sendo que seus resultados precisariam ser auferidos por um mínimo de conhecimento metateórico, já que as teorias podem produzir resultados falso-positivos, ou contraditórios com a teoria. Neste caso - em não sendo capaz de manipular o conhecimento metateórico -, o analista – caso este seja única e exclusivamente um aplicador da teoria - precisará recorrer ao formulador de teorias (o teórico) ou ao especialista em metateorias - aquele que conhece e manipula a metalinguagem dos mecanismos metodológicos de elaboração de teorias. Parece-me que, se estas relações forem aceitas como pressuposto na relação entre MTL e TAL, poderíamos afirmar que a segunda não é 'completamente' independente da primeira. Assim, como a TAL é apenas parcialmente dependente da MTL, seria também válido afirmar que ela é, ao mesmo tempo e apenas, 'parcialmente' independente.

Se esta condição de relação entre a MTL e a TAL for confirmada, posso passar então à segunda parte de meu argumento a respeito da relação entre os itens (1) e (2). A minha perspectiva é a de tomar a FL - no modo como a concebo e como ficará claro até o final desta reflexão - não como uma subárea da FC, mas sim enquanto algo com características de uma 'tradição de pesquisa' (*research tradition*)⁵⁵ pertencente ao campo da investigação empírica sobre a linguagem. Isto é, a natureza da relação entre a (história) e filosofia da linguística (H)FL e a (história) e filosofia da ciência (H)FC é semelhante - afirmar que é análoga seja talvez muito forte - à natureza da relação entre a MTL e a TAL, como explicitada acima. Mas esta questão (a da relação entre a HFL e a HFC - **relação F**), porém, será tratada mais adiante em maiores detalhes. Vale apenas adiantar que a HFL é entendida aqui como sendo a história e filosofia de uma ciência específica (no caso, a linguística) enquanto a HFC tem como seu objeto a ciência em geral⁵⁶.

⁵⁵ Esta expressão é usada aqui, intencionalmente, em um sentido bastante próximo do sentido de Laudan, mesmo que não seja a intenção aqui subscrever ao seu modelo de mudança teórica na ciência.

⁵⁶ Sobre esta questão é preciso lembrar que a ciência que tem servido de modelo para a HFC em geral é, histórica e tradicionalmente, a física, enquanto que outras ciências, consideradas ciências naturais ou exatas servem com maior ou menor interesse. Apenas contemporaneamente é que outras áreas científicas vêm sendo consideradas no quadro da filosofia da ciência em geral (como a

A relação (B), entre a HFL e a MTL, não se apresenta de maneira a suscitar tantas questões e problemas, como a relação anterior. Basta, por hora, deixar claro que a MTL é informada, metodológica e analiticamente pela HFL, sendo que, então, ela será tanto composta por elementos metodológicos e analíticos relativos aos fatos e eventos histórico-científicos, quanto por elementos metodológicos e analíticos relativos à construção e utilização de argumentos teórico-científicos. Da mesma forma, **a relação (C)**, entre a TL/AL e a TAL, apesar de parecer uma relação redundante, não o é completamente. Assumo aqui, para fins analíticos, que a TL e a AL são tarefas que podem ou não serem combinadas, resultando em uma tarefa analítica conjunta na forma da TAL, ou não. Isto é simplesmente o mesmo que afirmar que a tarefa de análise dos fenômenos linguísticos pode ser realizada independentemente de uma preocupação com a elaboração teórica do modelo que se está utilizando. Seria, em outros termos, o mesmo que se falar em ‘aplicação da teoria’ a um fenômeno empírico, tomado como tal, independente da intenção teórica que o constitui. Seria possível apontar aqui um certo realismo simplista que caracterizaria esta abordagem científica. É neste sentido que se poderia falar de uma AL despreocupada dos problemas relevantes para a TL. Por outro lado, a TL não pode abrir mão da AL e está (ou deveria estar), por sua vez, plenamente consciente do seu papel na construção dos fatos linguísticos. Por este motivo é que se poderia afirmar que a TL já é, sempre, TAL. Então, enquanto para a AL os fenômenos e os fatos linguísticos se confundem em uma massa disforme de dados empíricos, para a TL, ou melhor, para aquele que está imbuído da intenção de construção teórica em linguística, fatos e fenômenos não se confundem totalmente. Os FFL podem, da perspectiva da TL, serem entendidos como resultado da própria manipulação teórica.

Já **a relação (D)**, entre a HL e a FL, não se estabelece de modo tão pacífico ao ponto de, ainda hoje, a FL não usufruir, completamente, do reconhecimento de sua autonomia. Quanto à HL, não há dúvidas de que esta se estabeleceu com força no meio acadêmico, praticamente como uma ‘tradição de pesquisa’ autônoma, dando origem a linhas de pesquisa, periódicos, associações, tendo seus pesquisadores e autores reconhecidos e se instalando, com propriedade, nos

biologia), mas é digno de nota observar que a linguística, até hoje, ainda resiste a esta participação. Os motivos para esta condição, serão discutidos adiante. Este desenvolvimento da HFC em geral em história e filosofia das ciências específicas é tratado em Auroux & Kouloughli (1991) (ver item 1.3).

departamentos de linguística, indiferentemente às orientações teóricas que estes possam assumir. Os motivos para este estado de coisas são complexos e variados, mas acredito que o fato de a tarefa e os objetivos da HL poderem se diferenciar das tarefas e objetivos da linguística de maneira bastante clara, a começar pela natureza de seus objetos - enquanto para a linguística o objeto é o conjunto de FFL, isto é, objetos de natureza empírica, para a HL o objeto é de natureza histórica⁵⁷ -, é uma das razões pelas quais a HL conseguiu se desenvolver autonomamente em uma relação de proximidade bastante interessante da disciplina cujo desenvolvimento histórico é seu objeto de investigação. A FL, por si só, é um problema à parte e também o meu foco de interesse na presente tese. A tarefa de delimitar seu objeto de interesse e justificar sua autonomia não é algo que pode ser, de antemão, garantida. Também não é algo que pode ser estipulado na forma de uma hipótese plausível, isto é, não é possível supor que o objeto de pesquisa apropriado para a FL se apresente de maneira natural, já que se confunde, em boa parte com ele⁵⁸. No entanto, é isto o que uma certa forma de entendimento sobre a FL procura estabelecer, isto é, que o objeto de investigação 'natural' para a FL é a reflexão teórica sobre os fenômenos linguísticos, a própria TAL. Fechamos, aqui, de certa forma, um ciclo. Mas antes, é preciso esclarecer a importância da HL para a FL.

A relação entre a HL e a FL, apesar de parecer natural (a partir de alguns resultados obtidos no tratamento da relação entre a HC e as FC) também não é evidente. Muitos estudos em HL não tratam, por exemplo, de problemas epistemológicos relativos ao conhecimento linguístico⁵⁹. Contudo, já se alcançou um certo consenso a respeito da relevância da inter-relação entre estas duas formas de tratamento do conhecimento meta-teórico em linguística, a ponto de se poder parodiar o famoso *dictum* 'lakatosiano' a respeito da relação entre a HC e a FC, dizendo que a HL sem a FL é cega e a FL sem a HL é vazia. Assim, chegamos

⁵⁷ O que para algumas formas de abordagem da linguística, como a linguística histórica, também o é.

⁵⁸ Tocamos aqui no problema da metalinguagem, característica inerente à toda tarefa analítica que tem como objeto a linguagem. Neste sentido, a própria TAL não está livre de sobreposições e de riscos de reduções ao infinito. É a partir desta percepção da condição da TAL que a FL busca elementos na elaboração da justificativa de seu direito à existência autônoma.

⁵⁹ Este, por si só, é complexo o suficiente permitindo uma reflexão bastante extensa. Pense-se, por exemplo, que a expressão 'conhecimento linguístico' pode abranger desde a forma de conhecimento intrínseco à espécie humana, passando pelo conhecimento epilinguístico e metalinguístico, em seus vários níveis, até o conhecimento teórico e metateórico a respeito da linguagem. (ver nota 10).

finalmente ao ponto em que podemos afirmar que a relação (B) expressa uma relação de igualdade com a forma: $HFL = MTL$ ⁶⁰.

A HFL se baseia em um padrão de relação entre a história e filosofia de uma disciplina científica desenvolvido pela FC em geral e sua relação com a HC⁶¹. Quanto ao último elemento do diagrama que nos resta examinar, os ‘fatos e fenômenos linguísticos’ (FFL), precisaremos discutir a respeito da natureza da teoria linguística e sua relação com a TAL, o que por extensão, nos levará a elaborar mais uma vez, uma justificativa, agora um pouco mais completa, sobre a relação entre a MTL e a ATL.

Não é o caso de nos aprofundarmos neste ponto, mas algumas questões de ordem geral precisam ficar estabelecidas. Vamos, então, à pergunta: o que é uma teoria linguística? Possui ela uma forma genérica que pode ser apreendida por um modelo de descrição e explicação metateórico? Ter esta questão respondida em linhas gerais é importante porque estamos tratando da natureza do objeto para a FL. Uma vez que tivermos isto mais ou menos delineado, poderemos indicar a direção que um possível programa de investigação em FL seguiria. Duas correntes se confrontam de saída: o fisicalismo linguístico (na versão de Devitt & Sterelmy, 1999) e o naturalismo metodológico (na versão de Chomsky, 2000). As duas tendências buscam ‘naturalizar’ a teoria linguística, cada uma a seu modo, como veremos de maneira breve⁶².

O naturalismo fisicalista de D&S adota, em parte, a proposta eliminativista de Quine, enquanto o naturalismo metodológico de Chomsky o rejeita. Antes de mais nada, é preciso deixar claro que a proposta de um programa de pesquisa em FL que venho aqui tentando delinear através da contextualização do problema da construção de teorias linguísticas e sua mudança no tempo (ou na história) diz respeito a esta prática no âmbito da investigação da linguagem enquanto fenômeno e objeto natural, ou seja, em relação à linguística enquanto ciência natural. Neste

⁶⁰ Mas atenção, esta é uma relação de igualdade parcial, o inverso não é necessariamente verdadeiro. Em termos de conjuntos, a relação de igualdade entre os dois lados não é de sobreposição completa. Talvez a relação fosse melhor representada da seguinte forma: $HFL \approx MTL$, sendo que neste caso a bidirecionalidade estaria garantida.

⁶¹ Estou pensando aqui, principalmente em Hanson (1962) e Lakatos (1970).

⁶² A proposta antinaturalista de Searle também é interessante de ser lembrada aqui [...]. Devitt, em suas últimas investidas contra Chomsky, tem atacado o psicologismo que a gramática gerativa pressupõe. Este ataque possui alguma influência na diferenciação do naturalismo de Chomsky e o naturalismo fisicalista de Devitt & Sterelmy.

sentido, todas as correntes linguísticas partidárias de uma forma ou de outra deste naturalismo linguístico são objeto desta propostas de um programa de pesquisa para a FL. Certamente, todas as correntes linguísticas compatíveis com a visão naturalista não poderão ser tomadas em conjunto. Isto seria reduzir demais suas particularidades. Elas precisam ser tomadas individualmente e ao mesmo tempo em conjunto. Assim, um programa de pesquisa com este objetivo estabeleceria os aspectos gerais e específicos relativos a cada uma das linhas de investigação que o naturalismo linguístico comporta.

Um exemplo a se considerar seria o da linguística cognitiva⁶³. Poderíamos, por exemplo, propor um raciocínio análogo ao que é proposto por Nirenburg & Raskin (2004) em relação à linguística computacional. Para os autores, no caso da linguística cognitiva, a construção de modelos teóricos do funcionamento da mente no que diz respeito à capacidade linguística envolve a tarefa de fazer escolhas teóricas e metodológicas. Em muitos casos, os seus proponentes não estão conscientes das escolhas que fazem e que precisam fazer.

Mas resta ainda dizer algumas palavras sobre a natureza da FL. Possivelmente, o fato de uma grande parcela da FL, isto é, do conhecimento meta-teórico em linguística, se encontrar no contexto da própria TAL deva-se ao surgimento do que se conhece por 'linguística geral' (LG). Alguns autores, até mesmo chegam a propor que a LG seja entendida como uma forma de FL⁶⁴. De qualquer modo, este é apenas um exemplo de como a FL acaba por ser incluída na prática da ciência linguística, e a HL também possui sua existência em boa parte da prática da TAL.

Um dos papéis que a FL pode requerer para si é o de tratar de problemas relativos às outras ciências ou à ciência em geral, de modo particular, em relação à linguística. Por exemplo, o problema da mudança teórica, assunto amplamente discutido na tradição da FC em geral, e muito pouco explorado na linguística. Até hoje não se formulou um modelo a respeito desta questão no contexto do desenvolvimento teórico na linguística que tenha servido como base para se discutir a grande variedade de desdobramentos que uma tal perspectiva implica. Assim

⁶³ Outra possibilidade seria considerar o tema da língua em uma perspectiva evolucionista.

⁶⁴ Ver por exemplo os trabalhos de interpretação do pensamento saussureano realizados por Simon Bouquet, principalmente Bouquet (1997).

como este, vários outros problemas de ordem metodológica, epistemológica e de fundamentos aguardam por uma abordagem que seja elaborada no próprio contexto da linguística, e não da filosofia da ciência ou de outra disciplina.

Este capítulo que aqui se conclui procurou apresentar, além de um panorama variado de algumas propostas de reflexão metateórica, a sua própria proposta de caminhos a perseguir na busca de se estabelecer uma proposta metateórica de natureza geral para a reflexão linguística. O próximo capítulo apresenta o fenômeno das controvérsias e sua contextualização em relação à linguística.

O que pode ser tomado até este ponto do trabalho como estabelecido e o que precisa ainda ser desenvolvido daqui em diante? Assumi a posição sugerida por Hanson de que a importância do conhecimento histórico para o conhecimento filosófico (a respeito de uma ciência específica) não precisa ser negligenciado, não podendo, contudo, servir como elemento garantidor da validade dos argumentos científicos. São justamente estes, os 'argumentos científicos', que são decisivamente relevantes para a validação do conhecimento científico. Esta reflexão de Hanson se refere ao contexto da filosofia da ciência e de sua relação com a história da ciência. A partir da compreensão desta relação entre conhecimento histórico e conhecimento filosófico, estabeleci uma relação de analogia entre a reflexão de Hanson e a mesma forma de reflexão no contexto de produção do conhecimento especializado sobre a linguagem, isto é, na linguística. Desta forma, pretendo demonstrar, com a aplicação do método de interpretação possibilitado pela teoria das controvérsias, até que ponto o conhecimento histórico sobre o desenvolvimento do conhecimento linguístico é relevante para este mesmo conhecimento linguístico. Para tanto é preciso compreender que este conhecimento linguístico especializado, isto é, as teorias linguísticas, se constitui e se desenvolve de maneira dialógico-pragmática, como previsto pela teoria das controvérsias, sendo que o material sobre o qual este conhecimento se debruça e se constitui se manifesta na forma dos argumentos teóricos construídos pelo discurso científico na linguística.

Assim, se de um lado temos a preocupação de Hanson com a legitimidade da relação entre conhecimento histórico e conhecimento filosófico científico

(metateórico) em geral, de outro temos a mesma preocupação em relação à produção e o desenvolvimento do conhecimento metateórico específico sobre a linguagem, do ponto de vista da linguística. A intenção presente nesta investigação vai na direção de construir um ponto de vista metateórico sobre a produção do conhecimento em linguística, a partir da linguística, e não de uma perspectiva externa, a partir do ponto de vista de uma filosofia da ciência geral. Assim é que compreendo que deva se fazer filosofia da linguística, assim é que compreendo que deva se construir uma metateoria linguística.

3 As controvérsias como objeto de estudo

O objetivo deste capítulo é o de apresentar a Teoria das Controvérsias em sua versão dialógico-pragmática; a tipologia dos debates e a opção preferencial pela controvérsia enquanto modelo metodológico; a utilidade de aplicação da Teoria das Controvérsias como método interpretativo para a Filosofia da Linguística; o papel das controvérsias na construção e desenvolvimento do conhecimento; a relevância de se compreender a história e filosofia da linguística como uma 'tradição de controvérsias'.

3.1 Uma consideração histórica

Algumas considerações iniciais podem ser úteis para fins de contextualização histórica da Teoria das Controvérsias (TC). Que os eventos argumentativos polêmicos ou, simplesmente, debates são característicos do contexto da prática de produção de conhecimento é atestado historicamente desde a antiguidade. A TC em sua versão dialógico-pragmática contemporânea decorre de uma longa tradição de estudos para a qual a produção, desenvolvimento e avaliação do conhecimento é diretamente dependente da forma como ele é comunicado. Esta tradição passou por um período de pouca valorização a partir do final do século XIX e volta novamente ao foco de atenção a partir da segunda metade do século XX, associada ao interesse renovado pelas teorias da argumentação⁶⁵. O estudo dos debates polêmicos na ciência, de acordo com a proposta da TC, é uma destas abordagens. A TC traz novamente para o foco de atenção a valorização dos usos dos argumentos na construção e avaliação do conhecimento⁶⁶. O modelo dialógico pragmático das controvérsias não é o único em desenvolvimento no presente momento histórico. Há outras propostas teóricas de interpretação sobre o funcionamento da ciência (filosofia da ciência) e sobre a natureza do conhecimento (epistemologia) pautadas pela análise argumentativo-dialética.⁶⁷

⁶⁵ As atuais chamadas teorias da argumentação representam versões contemporâneas de antigas tradições de estudo associadas à dialética e a retórica. Ver Rubinelli (2009), Walton (2007) e Plantin (2008).

⁶⁶ Mesmo que eu tenha feito menção neste parágrafo introdutório ao termo 'conhecimento', me referindo ao conhecimento de maneira geral, tenho em consideração específica o conhecimento especializado, em particular o tipo de conhecimento científico que é produzido pela linguística.

⁶⁷ Ver, por exemplo, Machamer, Pera & Baltas (2000), Engelhardt & Caplan (1987), Rescher (1977), Nudler (2011) e outros.

3.2 A Teoria das Controvérsias

Sendo o estudo das interações polêmicas - na antiguidade e na contemporaneidade - amplo o suficiente para servir como tema para um trabalho de investigação dedicado exclusivamente ao assunto, selecionei alguns aspectos que considero importantes de serem tratados a partir do ponto de vista da TC. De modo algum pretendo apresentar uma perspectiva exaustiva do fenômeno, mesmo em sua versão contemporânea. Minha seleção representa alguns dos aspectos mais relevantes para a presente proposta de investigação.

Meu ponto de partida são as três teses que estabelecem a condição epistêmica das controvérsias⁶⁸. Estas três teses delimitam alguns dos principais aspectos do fenômeno das controvérsias: sua 'indispensabilidade', seu 'caráter dialógico' e sua 'condição aberta'. As teses são as seguintes:

A 'tese A' trata da indispensabilidade das controvérsias para a formação, evolução e avaliação (crítica) do desenvolvimento do conhecimento científico. Ela diz:

As controvérsias são indispensáveis para a formação (constituição), evolução (desenvolvimento) e avaliação das teorias e práticas (científicas), pois é através das controvérsias que é realizado o papel fundamental da crítica, a saber, a criação, aperfeiçoamento e controle da relação entre a 'consistência formal (descritiva e explicativa) e o conteúdo empírico' (*well-formedness and empirical content*) os quais garantem a 'objetividade' da teoria e prática científicas. (Dascal, 2010, p. 475)⁶⁹

Como a formulação acima deixa claro, a ideia principal da 'tese A' é a presença indispensável das controvérsias nas principais etapas da formulação e evolução do conhecimento científico, sua formação, desenvolvimento e avaliação. A 'tese A' trata ainda da importância e natureza da crítica para que estas etapas se realizem. Isto é, a crítica possui papel indispensável em todas as etapas de existência de uma teoria científica. A crítica é ainda o contexto fundamental em que se manifesta o aspecto argumentativo polêmico dos debates.

⁶⁸ Ver Dascal (1995, 1998, 2005, 2010).

⁶⁹ No original: "Controversies are indispensable for the formation, evolution, and evaluation of (scientific) theories and practices, because it is through them that the essential role of criticism - in engendering, improving, and controlling the 'well-formedness' and 'empirical content' that grant 'objectivity' to scientific theories and practices - is performed".

A 'tese B' estabelece o estudo das controvérsias - enquanto instância dialógica - como instrumento indispensável para a elaboração de uma interpretação adequada da prática científica. Ela afirma:

O estudo detalhado das controvérsias é um dos meios indispensáveis para o fornecimento de uma descrição e compreensão (interpretação) adequadas da evolução (desenvolvimento) das ideias (teorias e práticas) científicas. Pois as controvérsias constituem, de fato, o 'contexto dialógico' em que estas teorias são elaboradas e no qual o significados destas teorias progressivamente se cristalizam, através do confronto de ideias - entre proposições e objeções. (idem)⁷⁰

Para uma descrição adequada do caráter dialógico do desenvolvimento histórico e filosófico (epistemológico) de uma teoria científica, o método de interpretação pragmático se apresenta como um dos mais adequados para a compreensão das transformações as quais o conhecimento científico está sujeito. Este processo de transformação é entendido como resultado das interações entre modelos concorrentes.

A 'tese C' afirma a característica 'aberta' da dinâmica das controvérsias e que esta característica conduz à formação do contexto favorável à mudança e inovação teórica e conceitual. Ela diz:

Uma vez iniciada, uma controvérsia não possui *a priori* limitações sobre o ponto em que concluirá seus questionamentos a respeito das crenças, conceitos, métodos, modos de interpretação, dados, critérios de determinação de relevância, normas de formulação, aceitação ou rejeição de hipóteses e de outros componentes da atividade científica. Muito menos é garantido que será encontrada uma 'solução' para os problemas dos quais ela trata. Este modo irrestrito de questionamento e tratamento de problemas pode levar a uma situação de *abertura radical* em um determinado campo de investigação, o qual, por sua vez, possibilita o estabelecimento de condições favoráveis - e, talvez, essenciais - para o surgimento de *inovações radicais* em relação ao campo de investigação. (idem, p. 476)⁷¹

⁷⁰ No original: "The rigorous study of controversies is an indispensable means for providing an adequate description of the evolution of scientific ideas and for the understanding of their meaning. For controversies are, in fact, the natural 'dialogical context' where theories are elaborated and where their meaning progressively crystallizes through the challenge of actual objections".

⁷¹ No original: "Once started, a controversy has no *a priori* limits as to where it will stop in its questioning of entrenched beliefs, concepts, methods, modes of interpretation, data, criteria of relevance, norms of formulation, acceptance and rejection of hypotheses, and other components of the scientific enterprise. Nor does it ensure that a 'solution' for the problem(s) it addresses will be found. Such an unrestricted questioning and problem handling may lead to a situation of *radical openness* in a given field, which in turn creates conditions that are favorable - and perhaps essential - for the emergence of *radical innovation*".

O caráter ‘aberto’ das controvérsias pode se estabelecer principalmente de duas formas: em uma delas, ele define a crescente variação de temas em questão que um debate do tipo controvérsia possibilita; em outra, o caráter inconclusivo (não necessariamente conclusivo) de uma interação polêmica deste tipo, o que leva a uma dinâmica de mudança conceitual e teórica.

Um debate – ou interação polêmica – exhibe uma estrutura mínima de análise denominada ‘POPO’. Isto é, um par mínimo de interação composto por duas unidades de proposição/oposição. Esta estrutura mínima também representa uma unidade ideal, já que em debates reais, geralmente, cada parte das unidades que constituem os pares mínimos possuem dupla função. Ao mesmo tempo em que uma proposição apresenta um argumento, este poderá servir, ao mesmo tempo, como uma resposta, isto é, uma oposição a uma proposição diferente. Por este motivo, na atividade de reconstrução de um debate, quanto mais específica for a demonstração dos papéis que cada argumento possui, maior será a compreensão da dinâmica deste mesmo debate.

A natureza dialógica de uma interação polêmica é melhor descrita se adotarmos o modelo conversacional pragmático. Por ser uma interação conversacional distendida no tempo, a caracterização pragmática de uma interação polêmica assume características *sui generis*. Por exemplo, o *timing* dos turnos interacionais nem sempre - ou geralmente não – são manifestados da mesma maneira organizada do que em uma interação conversacional comum face a face. A frequência e organização da troca de turnos de uma interação polêmica na ciência pode se distender por anos a fio, ou então os interlocutores podem nunca ter se encontrado pessoalmente, e, em alguns casos, a troca de turnos nunca chega se dar de maneira unidirecional, isto é, as respostas são dirigidas especificamente às proposições que a antecederam. Como no caso do debate aqui considerado, em que as partes envolvidas representam grupos de constituição complexa, compostos por vários membros, e sobre os quais muitas vezes não se tem muito claro a que lado do debate pertencem⁷², as trocas se dão, muitas vezes, de maneira cruzada,

⁷² O debate sobre a estrutura profunda é sem dúvida multifacetado. Apesar das orientações estarem claramente definidas, seus participantes, muitas vezes participaram enquanto pertencendo a mais de um dos lados envolvidos. Outro aspecto interessante deste debate é o de que, mesmo que para fins de análise eu tenha dividido os envolvidos em dois grupos, há claramente mais de um grupo

algumas vezes até mesmo a resposta (na forma da oposição) antecedendo a proposição⁷³.

Pode ser interessante, para fins de clarificação da noção de unidade mínima de análise, apresentar um esquema padrão da forma da interação polêmica característica dos debates científicos. Existe um encadeamento que de certa forma obriga os participantes a engajarem-se no debate e esta obrigatoriedade – de natureza conversacional – é que caracteriza o aspecto pragmático mais geral em um debate⁷⁴. A natureza pragmática de uma interação polêmica possui, como visto acima (Tese C) um caráter aberto⁷⁵. A estrutura pragmática aberta da interação conversacional polêmica característica dos debates científicos imprime a dinâmica do desenvolvimento em um debate em que a troca de turnos é estruturada pela utilização de argumentos. As formas destes argumentos, caracterizados pelo seu aspecto de plausibilidade são denominados ‘dialéticos’. É esta a característica que será observada mais adiante na análise do debate sobre a estrutura profunda. Por enquanto, vou me limitar a fornecer alguns aspectos diagramáticos da natureza aberta da estrutura pragmática dos debates⁷⁶. O objetivo é explicitar os vários papéis interacionais que podem ser assumidos pelos participantes em uma interação polêmica, além de explicitar o encadeamento dos turnos apresentados por estes mesmos participantes.

Dascal (1977), em sua análise da estrutura pragmática da conversação, ao tratar da máxima de relação de Grice (1975), a considera enquanto mecanismo gerador de implicaturas conversacionais. Nesta ocasião, ele introduz os conceitos de ‘exigência conversacional’ (EC) e ‘reação à exigência conversacional’ (REC). Estas duas noções podem ser conjugadas com a ideia de unidade mínima da interação em

envolvido, e no decorrer do debate vão surgindo facções dissidentes dos dois lados principais e que vão dando origem a propostas minoritárias.

⁷³ Ver por exemplo, o que chamei de ‘início informal do debate’, em que a oposição de Lakoff (1963), antecede a proposição inicial, marcada pela publicação de Aspects. Esta incongruência temporal é resultado da circulação das ideias se dar de maneira informal, antes de sua publicação oficial.

⁷⁴ Aparentemente, a proposta de uma teoria confronta os pressupostos e/ou os argumentos de uma outra teoria que a antecede. Consequentemente, se uma proposta teórica permanece não criticada, ela corre o sério risco de não se desenvolver.

⁷⁵ Aspecto este que vimos se estender para o tipo polêmico característico representado pelas controvérsias.

⁷⁶ Chamo de ‘estrutura aberta’ pelo fato de que tanto o início quanto o fechamento são aspectos formais da interação real para fins de análise. Empiricamente falando, o aspecto dialógico da interação polêmica representado pela unidade mínima POPO não possui conclusão formal definida.

discursos polêmicos, visto acima, o 'POPO', fornecendo assim uma descrição detalhada do mecanismo de 'interação conversacional polêmica'.

Sendo a estrutura mínima da interação conversacional polêmica constituída por dois elementos (A) e (B), chamados locutor-interlocutor (proponente-oponente)⁷⁷, os quais constituem as partes envolvidas na interação conversacional polêmica, cada locutor-interlocutor participante contribui ao mesmo tempo com uma proposição (P) e uma oposição (O). Assim, a unidade analítica mínima pode ser representada da seguinte maneira: $P_A \rightarrow O_B \rightarrow P_B \rightarrow O_A \rightarrow$

A proposição inicial (P_A), na qual está incluída uma exigência conversacional (EC)⁷⁸, demanda uma primeira oposição em resposta contendo a reação (REC) à exigência conversacional inicial. Esta oposição (O_B) possui já a função de uma proposição, esta também contendo uma exigência conversacional. Este encadeamento de proposições e oposições é que originará a unidade mínima de análise POPO, e esta irá, por sua vez, representar a estrutura conversacional aberta do modelo pragmático de interação polêmica.

A intenção desta breve descrição é a de explicitar as funções pragmáticas assumidas pelos participantes em uma interação polêmica, além de esclarecer alguns pressupostos a respeito da unidade mínima representativa em um debate, a saber, seu funcionamento de caráter pragmático, a natureza aberta da interação e a dupla função interacional assumida pelos participantes, representados pelas letras 'P' e 'O'.

3.2.1 O surgimento da versão dialógico-pragmática da Teoria das Controvérsias: Alguns aspectos historiográficos

O estudo sobre a importância das controvérsias para o desenvolvimento e inovação do conhecimento - estudo caracterizado a partir do ponto de vista dialógico

⁷⁷ A denominação 'proponente-oponente' e 'locutor-interlocutor' equivalem-se para fins desta descrição. Algumas vezes, como forma de abreviação, faço referência a esta dupla função argumentativa dos participantes apenas pelo termo 'interlocutor'.

⁷⁸ Ver a definição de 'conversational demand' em Dascal (1977), p. 315. Esta proposição inicial pode ser já uma resposta (oposição) a uma proposição anterior. Dizemos aqui que ela é inicial a fim de estabelecer um início meramente formal (um recorte de delimitação para fins de reconstrução e análise) à interação conversacional.

(a chamada Teoria das Controvérsias) – se inicia por volta do final da década de oitenta com a publicação de Dascal (1989)⁷⁹. Esta abordagem ganha força a partir da publicação de Dascal (1994)⁸⁰ com a proposta de um funcionamento dialógico-pragmático. A partir deste ponto do seu desenvolvimento, o problema das controvérsias é relacionado ao desenvolvimento do conhecimento, e, entre eles, o conhecimento científico. É então atribuída à controvérsia uma função despolarizadora entre as tradições descritivistas e normativistas em filosofia da ciência⁸¹. Em seguida, a esta função despolarizadora –ou, desdicotomizadora – será atribuído um valor epistêmico mais amplo, abrangendo as formas de cognição envolvidas na prática dos debates consigo mesmo e com outros (ver Dascal (2005, 2006). Mais recentemente, o arcabouço teórico e conceitual do modelo de análise de interações polêmicas *via* Teoria das Controvérsias vem sendo ampliado para a inclusão de um modelo de racionalidade pragmática, a chamada ‘racionalidade macia’ (*soft*). Este tipo de racionalidade (pragmática) está diretamente relacionado ao tipo de racionalidade presente no modo de argumentação usado no debate sobre a estrutura profunda, isto é, aos argumentos de tipo plausível, ou cancelável (*defeasible*), como veremos mais adiante.

Para a presente investigação é importante chamar a atenção para a funcionalidade das controvérsias enquanto instrumento analítico para tratar da mudança teórica, aqui, especificamente, o caso da mudança teórica em linguística. É possível identificar, pelo menos, três problemas básicos em relação ao problema da mudança teórica: (i) a mudança/ inovação conceitual; (ii) a mudança teórica propriamente dita (ou o problema da sucessão de programas/tradições de pesquisa); (iii) o avanço/evolução do conhecimento.

Em linguística não existe ainda um estudo satisfatório que trate destas questões. As propostas desenvolvidas em filosofia da ciência, geralmente baseados nas ciências naturais tradicionais, não são apropriados para tratar do problema da mudança do conhecimento em linguística. Os motivos para tal condição são

⁷⁹ Ver Dascal (1989) “Controversies as quasi-dialogues”. Traduzido para o português com o título “Compreendendo as controvérsias” (Dascal, 2006).

⁸⁰ Ver Dascal (1994) “Epistemologia, Controvérsias e Pragmática”. Também em espanhol em *Isegoría* 12, 1995, p. 8-43.

⁸¹ Para Dascal (1995) esta dicotomia representa um sintoma da filosofia da ciência no século XX. Sobre a função despolarizadora (ou, desdicotomizadora) ver, ainda, Dascal (2008) “Dichotomies and types of debate”.

variados, mas em geral os modelos desenvolvidos não consideram a linguística como disciplina relevante, ou não a consideram propriamente uma ciência. Apesar da linguagem ser um tópico de interesse, ele não é considerado como um objeto natural, do modo como o faz a linguística. Por este e outros motivos é que se faz necessário uma filosofia da linguística capaz de explicar o fenômeno da mudança teórica em linguística, tendo em vista os fenômenos indicados no parágrafo anterior.

Por hora, basta indicar que a gramática gerativa é o *locus* ideal para a percepção do fato da linguística se constituir, ao longo de sua história, como uma tradição de controvérsias. Os problemas ‘i’ e ‘ii’ possuem resposta evidente: sim, é evidente que a mudança e inovação conceituais, assim como a mudança teórica ocorrem ao longo da história da linguística. A teoria das controvérsias fornece o instrumental analítico apropriado para a investigação desta mudança. Já o problema ‘iii’, este não possui uma resposta tão evidente. Não está claro que há acúmulo, ou avanço, do conhecimento sobre a linguagem, ao longo da história da linguística. Neste caso a teoria das controvérsias não parece ser de muito ajuda.

3.2.2 Outros aspectos característicos das controvérsias: A sua função desdicotomizadora e o seu tipo específico de racionalidade

Um grande número de investigadores, tanto na filosofia da ciência em geral e na filosofia da ciências específicas, quanto praticantes de determinadas áreas das ciências, desconhece ou não reconhece o papel e a importância metodológica das controvérsias na inovação conceitual e no desenvolvimento do conhecimento teórico especializado. Entretanto, as controvérsias são um fenômeno simplesmente disseminado na prática filosófica e científica⁸². Nas palavras de Dascal, idealizador e proponente deste modelo de argumentação dialética, este fenômeno pode ser percebido em sua manifestação mais genérica do seguinte modo:

⁸² O evento polêmico que será considerado na presente investigação como estudo de caso é um exemplo típico desta condição. A gramática gerativa transformacional – e o pensamento de Chomsky – abundam em exemplos desta mesma natureza polêmica. Esta condição não se passa, de modo algum, despercebida por parte de Chomsky, e em alguns casos ele arrisca até mesmo uma reflexão na tentativa de definir eventos polêmicos na ciência e, em especial, na linguística. Ver, por exemplo, a passagem em Piatelli-Palmarini (xxxx) a respeito da atuação de Chomsky no debate com Piaget em que o próprio Chomsky apresenta suas ideias a respeito da função dos debates no desenvolvimento do conhecimento.

Controversy is an ubiquitous phenomenon in human theoretical and practical life. It manifests itself in various forms, ranging from virulent polemics to polite and well-ordered discussion. It may make use of invective, subtle rhetorical persuasion, or logical argumentation – or a combination of all of these. It may express or lead to irreconcilable conflict or pave the way to conflict resolution. It occurs in private and everyday social life, in the courtroom and in politics, as well as in science, the arts, philosophy, and theology. Wherever it occurs, controversy sharpens critical thinking and prevents mental and social stagnation. It is the engine of progress⁸³.

A linguística, enquanto campo de investigação científico, não constitui uma exceção a esta regra. Para identificar e representar a ocorrência e o uso mais do que corriqueiro desta prática no desenvolvimento do conhecimento nos mais diversos campos da investigação linguística, me aproprio da expressão ‘tradição de controvérsias’ cunhada por Dascal e Chang (2007). Faço, no entanto, uma adaptação da expressão situando-a em um contexto diferente daquele intencionado pelos autores. No contexto em que foi por eles usada, a expressão possui, possivelmente, um significado sociológico ou antropológico. Transporto a expressão para o contexto da história da linguística e atribuo a ela um significado epistemológico. Fica então estabelecido que entendo a história da linguística como uma tradição de controvérsias epistêmicas⁸⁴. A história da linguística é, neste caso, o lugar ideal para a percepção deste fato. Afirmar que atribuo a esta denominação um conteúdo epistemológico significa dizer que entendo as controvérsias - enquanto um tipo específico de debate, como veremos no próximo capítulo - como um fenômeno característico da atividade científica e que possui condição epistemológica da mesma natureza do que os fenômenos de ‘descoberta’, ‘experimento’, ‘refutação’, ‘confirmação’, ‘revolução’, etc. Além desta característica, o fenômeno das controvérsias é também um fato dialógico-argumentativo, isto é, trata-se de um modo de interação linguístico-comunicativo caracterizado por uma racionalidade específica. Em suma, neste trabalho, assumo o fenômeno da ‘controvérsia’, de acordo com sua definição no contexto da teoria das controvérsias, enquanto um

⁸³ Esta passagem faz parte da apresentação da coleção Controvérsias, publicada pela editora John Benjamins.

⁸⁴ Retomarei esta ideia da história da linguística como uma tradição de controvérsias epistêmicas mais adiante para desenvolvê-la melhor e no contexto apropriado. Vale chamar atenção aqui para uma passagem em Kornai (2008), em que este aspecto do pensamento linguístico é ressaltado: “Indeed, [...] the whole field of linguistics may appear to be hopelessly mired in controversy, and neither the formidable body of empirical knowledge about languages nor the standards of linguistic argumentation offer an easy entry point” (p. vii).

debate-tipo (ver adiante) e como um fenômeno característico da atividade científica. A história do desenvolvimento do pensamento linguístico se constitui, portanto, como já afirmei, como uma tradição de controvérsias epistêmicas⁸⁵.

As controvérsias definem um campo de investigação com um método e racionalidade próprios em oposição às outras tradições bem estabelecidas na filosofia da ciência. Estas tradições, em geral propiciam análises monológicas dos argumentos científicos – como veremos alguns exemplos abaixo⁸⁶. A Teoria das controvérsias propõe um modelo de mudança teórica de caráter dialógico, em que a interação polêmica, fundamentada pelo modelo pragmático, é o motor das inovações conceituais⁸⁷. Este modelo reflete e representa a prática científica enquanto realizada por agentes reais. O quadro a seguir procura explicitar algumas das características principais desta relação de oposição entre modelos conhecidos que apresentam características monológicas e dialógicas.

⁸⁵ Desde seu surgimento, a partir do século XIX, a linguística tem incorporado em seu desenvolvimento teórico e histórico uma série de eventos polêmicos. Desde os primeiros debates fundacionais (ver Davis/Lepschy, 1992) em que a oposição era marcada em relação à filologia, passando pelo século XIX, até os dias de hoje. Chega mesmo a parecer que as controvérsias são de fato definidoras do tipo de investigação que caracteriza a linguística.

⁸⁶ Ver ainda o exemplo da proposta de Tomalin, analisada no Cap. 1, acima.

⁸⁷ A Teoria das Controvérsias não é a única proposta de análise epistemológica da mudança do conhecimento de caráter dialógico conhecida. O filósofo Nicholas Rescher (ver, Rescher, 1977) também elaborou um modelo com estas características.

(História e) Filosofia da Ciência					
Filosofia Analítica		Teoria das Controvérsias		Sociologia da Ciência	
Racionalidade Dura (<i>hard</i>)		Racionalidade Macia (<i>soft</i>)		Racionalidade Frouxa (<i>loose</i>)	
Descritivismo	Normativismo	Dialogismo	Desdicotomização	Antidiferencia- cionismo	Contextua- lismo Radical
Dedução (demonstrativo, <i>conclusive</i>)		Abdução (<i>defeasible</i> , <i>presumptive</i> , plausível, não- demonstrativo, [support 'from above'/theoretical support] ^{88,89})		Indução (?) (generalização) ⁹⁰	

Quadro 2. Correntes de reflexão metateórica na ciência, suas formas de racionalidade, características específicas e tipos de argumentos/inferências preferenciais.

Entre os dois aspectos da racionalidade característica das controvérsias, o caráter dialógico e a função desdicotomizadora (ver o quadro acima), o primeiro diz respeito ao seu funcionamento pragmático e, o segundo, ao seu poder de despolarização das posições entrincheiradas que comumente se adota em um debate. Sendo a dicotomização um recurso prático durante uma situação de argumentação a favor ou contra um determinado tópico polêmico, a despolarização serve ainda ao propósito de desenvolver possibilidades não previstas entre os extremos que a dicotomização costuma promover. Os dois aspectos mencionados são importantes para a compreensão da forma argumentativa que estou propondo explorar como característica do debate sobre a estrutura profunda. Esta representa

⁸⁸ Ver Hempel (1966, p. 38-39) e Dascal (1973, p. 354).

⁸⁹ Botha (1973) chama aos argumentos 'não demonstrativos' por 'reduativos' e atribui a eles a propriedade de serem 'formalmente inválidos'. O autor define este tipo de argumento da seguinte forma:

If the premisses of a reductive argument are true, it does not necessarily follow that the conclusion is true. Therefore reductive arguments do not have the property of being truth-preserving. The reason for this is that they are ampliative or context-extending. In reductive arguments the conclusion includes elements of content that are not present in the premisses. The conclusion goes beyond what is stated in the premisses. In view of these considerations, reductive arguments are known as NONDEMONSTRATIVE ARGUMENTS. (p. 284)

⁹⁰ Walton et al (2008, p. 242) se refere a este tipo de argumento por 'generalização indutiva' ou 'modus ponens cancelável' (*defeasible*). Este tipo de generalização pode ser formulada com a forma condicional: "Se x parece ser vermelho para o indivíduo S, então, em geral (mas sujeito a exceções), x é vermelho".

os argumentos não demonstrativos, característico da prática argumentativa do transformacionalismo gerativista. Os dois extremos da tabela representam as tradições normalmente mais populares de abordagem dos problemas de avaliação do desenvolvimento científico. A tradição da filosofia analítica é reconhecida pela sua defesa de uma racionalidade 'dura', em que o tipo de inferência dedutiva – ou conclusiva - é geralmente a preferida. É comum ainda na tradição analítica a opção por modelos monológicos de explicação do desenvolvimento científico. Esta tradição levou, durante o século XX, ao impasse entre descritivismo e normativismo (Dascal, 1995) em filosofia da ciência. Já a tradição da sociologia da ciência, partidária de um tipo de racionalidade que aqui denomino por 'frouxa', pelo fato de pressupor uma forma de racionalidade que não difere em essência daquele que está presente em outras formas de conhecimento, para além do científico⁹¹, privilegia assim a postura antidiferencionista e o contextualismo radical - uma forma extremada de relativismo e de dissolvência de qualquer característica universalista. O tipo preferido de inferência para esta tradição seria manifestada pelas formas indutivistas e processos de generalização semelhantes.

3.2.3 Tipologia (tipos de debates)

O modelo de interpretação da atividade científica proposto pela Teoria das Controvérsias apresenta uma tipologia de formas de interação polêmica baseado no princípio dialógico. Os tipos ideais são chamados 'discussão', 'controvérsia' e 'disputa'. Neste nível de caracterização do modelo, as relações entre os tipos de debate apresenta-se com os mesmos tipos de relação, isto é, o tipo 'controvérsia' se situa em nível intermediário em relação aos tipos 'discussão' e 'disputa' e se caracteriza pelo tipo de racionalidade 'macia' com a função desdicotomizadora, enquanto o oposto caracteriza os outros tipos. Isto é, a 'discussão', caracterizada pela racionalidade 'dura' é o método considerado tradicionalmente científico por excelência, juntamente com os modos monológicos de argumentação caracterizados, por sua vez pelas formas conclusivas de inferência, ou seja, inferências dedutivas. A disputa, regida pelo interesse parcial das partes envolvidas,

⁹¹ Para exemplos de propostas dentro desta tradição ver os trabalhos de David Bloor (o chamado programa forte), Bruno Latour (com seu construtivismo) e Knorr-Cetina (com a abordagem etnográfica).

não se caracteriza como irracional, como se poderia imaginar, pelo contrário à racionalidade que caracteriza o funcionamento do tipo 'disputa' denominei por racionalidade 'frouxa' (*loose*).

Apenas o tipo 'controvérsia' pode levar ao desenvolvimento inovador das teorias científicas e dos modelos conceituais. O tipo 'discussão' prevalece em períodos de ciência normal, em oposição a períodos de transformação radical ou inovadora (revolucionários). Já o tipo 'disputa' dificilmente conduz a alguma transformação, prevalecendo, pelo contrário, a dissolução da situação interacional dialógica. Como foi dito acima, o tipo 'controvérsia' é o tipo privilegiado em períodos de transformação de modelos e de programas de pesquisa. Por este motivo, a controvérsia, o modelo privilegiado na presente investigação, é aquele que melhor pode representar propostas de interpretação do fenômenos da mudança teórica na ciência. Abaixo (seção 2.2.5) apresento a ferramenta desenvolvida a partir do modelo controversial para a análise da mudança teórica em linguística, a partir da consideração de um pequeno momento de trocas polêmicas durante o debate sobre a estrutura profunda em gramática gerativa transformacional.

3.2.4 Ganhos cognitivos

Como vimos acima (tese C), uma das características das controvérsias é o seu aspecto 'aberto'. Isto é, é bastante provável que o fechamento de uma controvérsia, em vez de demonstrar uma conclusão explícita, conduza a uma transformação do problema, ou problemas, em questão. É exatamente isso o que ocorre do debate sobre a estrutura profunda.

O funcionamento, ou a dinâmica de uma controvérsia leva ao questionamento não apenas dos argumentos em defesa de uma determinada posição teórica, mas também ao questionamento de seus pressupostos e, ainda, mesmo à forma dos argumentos, à forma de interação e a todos os níveis do evento polêmico.

A inovação conceitual e teórica é o principal ganho cognitivo propiciado pelo debate caracterizado pela controvérsia. Contudo, os debates e interações polêmicas dificilmente caracterizam-se por apenas um dos tipo ideais previsto pelo modelo dialógico pragmático. É bastante comum a manifestação de tipos variados em momentos diferentes do debate. É possível até mesmo identificar momentos em que

se manifestariam tipos mistos, ou híbridos, que não se definem exclusivamente por um dos tipos ideais. O debate sobre a estrutura profunda é emblemático neste sentido. Apesar disso, pelos resultados que apresenta, eu diria que a forma predominante ao longo da polêmica que ilustrou o contexto da gramática gerativa nos anos 60 e 70 se caracteriza como uma controvérsia.

Assim como os debates iniciam e se desenvolvem de acordo com os princípios da argumentação dialética e do seu funcionamento dialógico-pragmático – regidos por sua racionalidade específica –, privilegiando, ao longo deste processo, uma ou outra das formas típicas apresentadas acima, ao concluírem, suas características respeitam os mesmos princípios de funcionamento. Isto é, cada um dos tipos ideais possui uma forma característica de conclusão, ou fechamento. Enquanto o debate caracterizado pelas formas argumentativas da controvérsia tende, em sua abertura a inovações conceituais, à ‘resolução’ das questões polêmicas que ela envolve, o tipo ‘discussão’ pautado pela racionalidade ‘dura’ tende à ‘solução’ das questões polêmicas envolvidas no debate. Em oposição a este tipo de fechamento, o tipo ‘disputa’ tende à ‘dissolução’ dos problemas em questão.

3.2.5 Teoria das controvérsias e argumentação: Instrumental analítico-metodológico

Nesta seção apresento o modo como concebo o instrumental analítico-metodológico a partir da Teoria das Controvérsias e de que modo ele possibilitará a reconstrução e análise do debate sobre a estrutura profunda.

Para o estabelecimento de uma metateoria fundamentada nos princípios da argumentação dialética, conforme previsto pelo modelo da Teoria das Controvérsias – isto é, nos fundamentos do dialogismo pragmático – é necessário explicitar os níveis metalinguísticos envolvidos na forma de reflexão metateórica aqui proposta. A seguir, ao comentar a proposta metateórica de Rudolf Botha (1970, 1981), procuro explicitar o que denominei por ‘metalinguagem de primeira ordem’ e ‘metalinguagem de segunda ordem’, sendo que a primeira caracteriza a prática analítica e a segunda a prática metateórica em linguística.

Como vimos acima, nos casos discutidos no Capítulo 1, algumas propostas de interpretação metateórica já foram elaboradas para a linguística (o caso de Tomalin, por exemplo), sendo estas, contudo, propostas monológicas. O maior problema que entendo existir neste tipo de interpretação é a suposição de que os conceitos ou modelos teóricos mudam ao longo do tempo devido a alguma força misteriosa, inerente à próprias teorias, ou, então, externas a elas. De fato, não é o que ocorre⁹². Detenho-me, a seguir, em outra proposta monológica de explicação da natureza da investigação científica em linguística. Talvez essa seja uma das propostas mais completas já laboradas e que poderá servir como um bom ponto de partida para a explicitação dos motivos pelos quais se faz necessário elaborar uma reflexão metateórica de caráter dialógico.

O linguista sul-africano Rudolf Botha procura definir e determinar a função do que ele chamou de 'argumento gramatical'. Os chamados 'argumentos gramaticais' possuem uma função heurística característica, de grande importância para a introdução de um tipo de argumento que é o foco de atenção na presente investigação, os chamados 'argumentos plausíveis' ou 'não demonstrativos'.

Argumento gramatical foi o termo que Botha (1970, 1973, 1981) cunhou para se referir ao tipo de dispositivo formal que justificasse as descrições estruturais (*structural descriptions* [SD]) atribuídas às sentenças no âmbito da gramática gerativa transformacional. Ele definiu o termo da seguinte maneira:

(...) grammatical argumentation is a methodologically valid way of demonstrating the correctness or incorrectness of specific structural descriptions. (1970, p. 13)

Para Botha, a argumentação gramatical diz respeito a um tipo de abordagem sobre os dados linguísticos em que:

⁹² Além da Teoria das Controvérsias, outras propostas de interpretação da mudança teórica e da natureza do conhecimento científico já foram elaboradas com base no modelo dialético. Ver, por exemplo, Rescher (1977). Há uma nota em Rescher (p. 113) em que ele menciona o trabalho de William Whewell como sendo um dos primeiros a compreender o caráter dialógico da mudança teórica na ciência. Cito aqui uma passagem de Whewell (1858) para ilustrar esta menção:

The Explication of Conceptions, as requisite for the progress of science, has been effected by means of discussions and controversies among scientists; often by debates concerning definitions; these controversies have frequently led to the establishment of a Definition; but along with the Definition, a corresponding proposition has always been expressed or implied. The essential requisite for the advance of science is the clearness of the Conception, not the establishment of a Definition. (p. 30)

[the] grammarians are primarily concerned with determining and formalizing the grammatical rules that must generate these sentences [those to which they assign specific structural descriptions] and their structural descriptions. (1970, p. 12)

Um ponto importante a se ressaltar é que, ao serem elaborados os argumentos gramaticais, pretende-se que a função destes seja, principalmente, a de justificar aquelas regras gramaticais, e não que sua função seja a de corroborar as descrições estruturais geradas por estas mesmas regras. A este modo de justificativa, Botha chama de ‘abordagem indireta’ do problema da justificação em linguística. É importante ressaltar que em oposição à ‘abordagem indireta’ está uma outra, chamada pelo autor de ‘abordagem direta’. Nesta os argumentos gramaticais não precisam justificar as regras que geram as descrições estruturais que serão atribuídas às sentenças. Os argumentos gramaticais na chamada ‘abordagem direta’ servem para justificar de ‘maneira direta’ as descrições estruturais propostas, sem a necessidade de justificar a regras gramaticais que gerariam as sentenças e suas respectivas descrições. Nesta abordagem não haveria a necessidade de formulação de regras gramaticais propriamente ditas. É a este tipo de abordagem que recorrem autores, como Lakoff, que participam do debate sobre a estrutura profunda. Botha (1970) utiliza uma das intervenções de Lakoff no debate – seu artigo de 1968 “Instrumental Adverbs” que abre o debate, ver capítulo 4, abaixo - para exemplificar sua proposta de análise argumentativa do desenvolvimento teórico em linguística.

Em oposição aos ‘argumentos gramaticais’ encontram-se os ‘argumentos linguísticos’. Esta diferenciação é fundamental para a abordagem metateórica que venho propondo nesta tese. Dascal (1973), em sua detalhada análise da proposta de Botha, chama a atenção para esta diferenciação e a identifica como ‘artificial’, enquanto a separação dos argumentos gramaticais do argumentos linguísticos na tentativa de resolver o problema da justificação teórica em linguística mostra-se falsa⁹³ (p. 357). Em outras palavras, a distinção estabelecida por Botha como

⁹³ Ver ainda a resenha de Georgia Green sobre o mesmo texto de Botha em que ela aponta a mesma condição problemática quanto à separação dos argumentos gramaticais dos argumentos linguísticos: “The distinction is, no doubt, a necessary one, but in discriminating between linguistic argumentation and grammatical argumentation, and considering only the latter, Botha gives **the impression that ‘linguistic’ research and ‘grammatical’ research are much more independent of each other than in fact they are.** There is a constant interaction between the two, resulting in frequent reconsideration of theoretical issues and grammatical analyses. This interaction is vital to both concerns, and would still exist even if most linguists weren’t themselves ‘grammarians’ and vice versa. (Green, 1972, p. 1481, destaque meu RF)

recurso metodológico, além de evidentemente inadequada, contribui para a defesa de um dos principais argumentos desta tese, a saber, a da dependência mútua entre a teoria e análise linguística da metateoria linguística. Vejamos como isso se dá.

Se para Botha a argumentação gramatical – a qual se divide em ‘abordagem indireta’ e ‘abordagem direta’ – se refere, no primeiro caso, à justificativa das regras que geram as sentenças e suas respectivas descrições estruturais ou, então, no segundo caso, à justificativa apenas das descrições estruturais sem se preocupar com as regras que as geraram; a argumentação linguística diz respeito aos princípios mais gerais da teoria linguística, seja qual for sua orientação. Do ponto de vista da presente proposta metateórica, a diferenciação entre argumentos gramaticais e argumentos linguísticos diz respeito a nada mais do que diferentes níveis metalinguísticos. Isto é, a argumentação gramatical, ao se referir exclusivamente ao processo de justificativa das regras e das descrições estruturais atribuídas às sentenças de uma determinada língua, elaboram o que chamo de metalinguagem de primeira ordem, o que nada mais é do que a metalinguagem do nível teórico-analítico de uma disciplina. A argumentação linguística, por sua vez, faz uso de uma metalinguagem de segunda, que se refere ao nível metateórico. As diferenças entre um e outro tipo de metalinguagem se fundamenta na diferença entre os objetos aos quais elas se referem. Sendo o objeto da teoria e análise linguísticas a manifestação do fenômeno linguístico em geral, esta relação define uma metalinguagem específica, podendo ser formalizada ou não, sendo que sua característica principal é a utilização de conceitos e definições especiais, diferentes em significado daqueles de uso comum. Já a metalinguagem utilizada pela metateoria, referindo-se à construção teórica com sua utilização conceitual, diz respeito a um nível organizacional de outra natureza, caracterizada principalmente pelos processos argumentativos referentes à justificativa e defesa de propostas teóricas.

Em 1981, Botha publica, finalmente, o que seria o resultado de mais de dez anos de suas pesquisas no terreno da argumentação em relação às formas de construção na prática da teorização linguística. O livro *The Conduct of Linguistic Inquiry* (1981), publicado originalmente em africâner e posteriormente traduzido para o inglês, apresenta uma extensa exposição do método de investigação em linguística, tendo como foco a gramática gerativa. Além dos conceitos de ‘argumento

gramatical’ e ‘argumento linguístico’ discutidos acima, há dois capítulos que são de interesse para minha investigação da condição de uma metateoria linguística do ponto de vista das controvérsias. Os capítulos 10 e 11, “Criticizing Linguistic Hypotheses” e “Reacting to Criticism of Linguistic Hypotheses”, respectivamente.

Vejamos agora um pouco mais a respeito da estrutura do chamado ‘argumento gramatical’. O ‘argumento gramatical’ (AG) (Botha, 1970, 1981) é, como visto, aquele utilizado para a elaboração da justificativa de uma ‘hipótese gramatical’ (HG). Para o autor, uma HG relacionada a outra HG através de uma relação de ‘suplementação’ (SUPL) constituirá um ‘encadeamento lógico’ (EL). Isto é, EL é um encadeamento de ‘hipóteses gramaticais’ justificadas devidamente por um ou mais ‘argumentos gramaticais’ Representando esquematicamente a estrutura de um EL, teremos:

(Argumento 1)	(Argumento 2)	(Argumento 3)
Premissa maior	Premissa maior	Premissa maior
Premissa menor	Premissa menor	Premissa menor
Conclusão	Conclusão	Conclusão

Ao processo de inter-relação entre as ‘hipóteses gramaticais’ que deverão ser justificadas pelos ‘argumentos gramaticais’ o autor se refere por ‘relação de suplementação’. Isto é, a relação de encadeamento mínimo entre argumentos que servirão como justificativa para no mínimo um par de ‘hipóteses gramaticais’.

As relações entre os elementos dos argumentos apresentados, isto é, entre as premissas menores do primeiro e segundo argumento e as conclusões do segundo e terceiro - sendo que a premissa menor do primeiro argumento funciona como conclusão do segundo e a premissa menor deste como conclusão para o terceiro – constituem o processo de justificativa das hipóteses gramaticais. Dito de outra maneira, a inter-relação de ‘argumentos gramaticais’ em um ‘encadeamento lógico’ no processo de justificativa de ‘hipóteses gramaticais’ - corroboradas pelas

chamadas ‘evidências intuitivas’ (a intuição linguística do falante) - torna válida uma ‘hipótese gramatical’ (Botha, 1981, p. 306-307)⁹⁴.

A proposta de Botha, apresentada acima, mesmo sendo pioneira na consideração do uso dos argumentos na construção teórica em linguística e suficientemente detalhada, no que diz respeito à sua preocupação com o processo de investigação linguística⁹⁵, ainda assim não deixa de, certo modo, hipostasiar a existência das teorias, isto é, as considera como objetos autônomos, independentemente de sua existência empírica em um contexto dialógico. Há outras propostas de análise metateórica em linguística que assumem esta mesma postura metodológica, e mesmo que sejam interessantes e bem detalhadas, não resolvem este problema do ‘fantasma na teoria’ que parece mover, por forças misteriosas, os processos de mudança teórica⁹⁶.

3.3 Conclusão do capítulo [síntese e conclusões parciais]: A história da linguística como uma tradição de controvérsias [indicações para o próximo capítulo]

Alguns críticos, refratários aos métodos e ao papel da análise e avaliação filosófica e argumentativo-discursiva das construções teóricas na ciência, não reconhecem como válidos os resultados deste tipo de interpretação, negando o papel transformador e a sua contribuição ao desenvolvimento do conhecimento científico. Vimos que historicamente, na história da filosofia da ciência, abordagem se justifica.

Muitos dos descontentes com esta forma de abordagem ignoram a função inovadora dos debates no desenvolvimento de um campo de investigação científico, assumindo que o embate de ideias é, ou um embate pela verdade individual (debate-tipo ‘disputa’) ou a busca conjunta pela verdade (debate-tipo ‘discussão’),

⁹⁴ É importante observar a mudança na nomenclatura utilizada em Botha (1970) e (1981). O problema primordial de interesse em 1970 é o da ‘confirmação gramatical’ das ‘hipóteses empíricas’ (isto é, das descrições estruturais atribuídas às sentenças) através dos ‘argumentos gramaticais’. Em (1980) o problema da ‘confirmação’ torna-se em problema da ‘justificativa gramatical’ das ‘hipóteses gramaticais’ pelos ‘argumentos gramaticais’.

⁹⁵ Minha exposição da proposta possivelmente não faz justiça aos esforços do autor, é preciso reconhecê-lo.

⁹⁶ Ver, por exemplo, os trabalhos dos linguistas húngaros András Kertész e Csilla Rákosi.

isto é, concebem este processo como uma dicotomização polarizada. Desconhecem ainda estes críticos o papel da argumentação dialética, da persuasão racional e do avanço das ideias pelo embate característico das ideias (de caráter agonístico), característico do debate-tipo 'controvérsia'. Estes mesmos críticos advogam a validade única e exclusiva de uma racionalidade estrita (dura), limitada a processos inferenciais dedutivos⁹⁷, deixando evidente que desconhecem a natureza persuasiva (e, portanto, de uma racionalidade soft)⁹⁸ de sua própria atividade de investigação científica. Por ora, deixarei da lado as consequências do espírito do fanatismo que advogando uma racionalidade estrita (dura), se aproxima, de fato, da irracionalidade irrestrita.

Gostaria de ressaltar, mais uma vez, que a história e filosofia da linguística ainda carece de sua autonomia metateórica, independente do desenvolvimento análogo nas ciências naturais tradicionais. Este mesmo desenvolvimento histórico, por outro lado, está repleto de exemplos que confirmam a validade da abordagem controversialista para a interpretação da mudança das teorias linguísticas. Desde o século XIX, com August Schleicher –o primeiro controversialista na história da linguística –, até Chomsky temos uma bela tradição que confirma a ideia de Whewell (ver nota 89, acima) de que a inovação teórica se dá pelo debate de posições contrárias, defendidas por aqueles que propõem as teorias e os modelos teóricos. Não há uma força invisível que conduz a história das ciências. A presente proposta de tese não é partidária da hipótese autonomista, elaborada por Robert Merton. A análise a seguir demonstrará claramente que a evolução das ideias científicas depende da interação dialógica polêmica entre aqueles que propõem os modelos teóricos na ciência.

⁹⁷ Como alternativa, ver por exemplo, processos inferenciais característicos da interação pragmática, tais como 'inferências presumidas' (*presumptive*) e processos inferenciais de tipo não-monotônico, além de argumentos do tipo 'defeasible'.

⁹⁸ Ver Dascal (2005), (2008).

4 O debate da semântica gerativa vs. semântica interpretativa considerado do ponto de vista da teoria das controvérsias

Uma breve apresentação da história do conceito de 'estrutura profunda' e a polêmica em torno do conceito no contexto da gramática gerativa transformacional; o questionamento da validade do conceito de estrutura profunda para o modelo gramatical transformacional; a constituição dos grupos opostos: interpretativistas e gerativistas; as mutações dos modelos teóricos; as transformações do conceito de 'estrutura profunda' e o fechamento do debate.

Os participantes do debate sobre o conceito de 'estrutura profunda' parecem estar conscientes da natureza dialógica da sua atividade de investigação e construção teórica a respeito da estrutura gramatical⁹⁹. Apesar de, em alguns momentos, os ânimos exaltados, como registram os historiadores da linguística que se debruçaram sobre esta polêmica, pareçam desejar a eliminação do oponente, as consequências do debate, como veremos adiante, deixam claro que as partes envolvidas priorizavam primeiro suas ideias, e apenas no plano teórico intencionavam "sobrepular o opositor"¹⁰⁰. Estou convencido desta condição pelo fato de que em um evento polêmico, de embate dialético, a eliminação do opositor implica necessariamente na eliminação da possibilidade de transformação da própria perspectiva. Por este motivo é que acredito que estão equivocados aqueles que acreditam que a semântica gerativa perdeu o debate e perdeu seu valor enquanto alternativa teórica¹⁰¹. Aqueles que assim pensam ignoram, como já afirmei, o caráter dialético da transformação das teorias científicas. Pelo contrário, a semântica gerativa, em sua força antagônica, se dissipou em uma série de abordagens¹⁰² e muitos de seus argumentos e ideias de modificação do modelo proposto por

⁹⁹ Ver Katz & Bever (1976) para um argumento contrário à utilidade da dialética no desenvolvimento do conhecimento científico, especialmente em linguística (e em relação ao debate SG vs. SI).

¹⁰⁰ Isto não quer dizer que os participantes não possam ter sofrido consequências que afetassem suas vidas independentemente de sua atuação como pesquisadores, ou que tenham feito uso de estratégias que resultassem direta, ou indiretamente em efeitos sobre a vida pessoal dos participantes. De todo modo, este aspecto do debate será aqui apenas mencionado sem maiores reflexões.

¹⁰¹ Tratarei brevemente na conclusão sobre a questão da proposta de retorno do conceito de estrutura profunda.

¹⁰² Ver, por exemplo, a entrevista com o depoimento de Lakoff em Huck & Goldsmith (1995) para uma enumeração das várias propostas em que cada uma das propostas se desdobrou e para a opinião de Lakoff de que a SG rendeu muito mais frutos do que a SI.

Chomsky e seus seguidores, os representantes da semântica interpretativa, foram por estes incorporados mais tarde aos seus modelos, agora transformados¹⁰³.

O conceito de ‘estrutura profunda’ (EP) foi introduzido por Chomsky em 1962, na ocasião de sua participação no Nono Congresso Internacional de Linguística¹⁰⁴. O artigo apresentado, “The logical basis of linguistic theory”, nos dois anos seguintes, viria a ser publicado quatro vezes. A justificativa histórica e historiográfica para a introdução do conceito de EP no modelo transformacional que Chomsky então apresentava vinha já sendo desenvolvido em trabalhos como *Cartesian Linguistics* e *Language and Mind*, publicados pouco tempo depois.

Possivelmente, uma das ideias linguísticas mais duradouras no pensamento de Chomsky seja a de que a gramática se organiza, em sua estrutura mais fundamental, como um dispositivo responsável pela relação de estruturas sonoras (fonológicas e fonéticas) com estruturas significativas (semânticas). Para ele, neste sentido, a gramática é um dispositivo primordialmente sintático. Para além da justificativa historiográfica, existe uma dupla justificativa de natureza teórica e ao mesmo tempo empírica para a postulação de um nível de estrutura profunda. As duas estão intimamente relacionadas: a justificativa teórica se encontra no fato de que para propor um modelo gerativo transformacional, em oposição ao modelo gerativo de estrutura frasal – como o de *Syntactic Structures* (1957) e de *The Logical Structure of Linguistic Theory* (1955) – é preciso que o percurso gerativo transformacional se divida em níveis de representação estrutural, e esta divisão se apoia na concepção de que a organização estrutural entre som e significação depende da percepção de que o nível superficial – aquele de manifestação fonética da sentença – depende de um nível subjacente responsável pela combinação da sua organização sintática com sua representação semântica. Chomsky vai buscar apoio para estas duas justificativas, na elaboração de sua justificativa historiográfica, apoiando-se em ideias de Wilhelm von Humboldt e nos gramáticos de Port Royal. Assim, um dos exemplos mais conhecidos que confirmariam a justificativa empírica encontra-se na sentença “Deus invisível criou o mundo visível”, utilizado desde os

¹⁰³ Veremos adiante, por exemplo, como finalmente a ideia de estrutura profunda veio a ser descartada na descrição do mecanismo gerativo da estrutura sentencial no modelo interpretativo (de Chomsky), exatamente como propunha a SG.

¹⁰⁴ Ver Newmeyer (1996, Ch. 6) para maiores detalhes historiográficos curiosos a respeito da participação de Chomsky neste evento.

gramáticos de Port Royal. Esta sentença evidencia que deve existir uma estrutura subjacente à sua manifestação (superficial) em que uma série de sentenças mais simples encontra-se ainda presentes antes de serem ‘apagadas’ e ‘combinadas’ no percurso transformacional. Por exemplo, em sua estrutura profunda a mesma sentença teria uma estrutura na forma “Deus é invisível”, “Deus criou o mundo”, “O mundo é visível”.

Toda esta construção será submetida a ataques em várias frentes, a partir de membros participantes do grupo de Chomsky, alunos e colaboradores. Por volta de 1969, a construção historiográfica de Chomsky para a justificativa da noção de EP será atacada por Robin Lakoff na resenha que ela faz da publicação da tradução para o inglês da *Grammaire Générale et Raisonnée*, uma das inspirações de Chomsky e escrita pelos gramáticos da abadia de Port Royal, Claude Lancelot e Antoine Arnauld em 1676. Ao resenhar a referida tradução, Lakoff argumenta que Chomsky está equivocado em sua interpretação, afirmando que se existe uma linguística cartesiana ela não se deve aos monges de Port Royal, mas aos divulgadores da doutrina cartesiana, como aqueles citados extensivamente por Chomsky em seu *Cartesian Linguistics*, como Cordemoy, Du Marsais e outros. Além disto, Lakoff mostra, a partir do estudo filológico detalhado da obra de Claude Lancelot, como que a noção de estrutura profunda não poderia decorrer dos gramáticos de Port Royal, mas sim do gramático espanhol Sanctius, em sua obra *Minerva*, publicada quase cem anos antes da gramática *raisonnée*.

Mesmo tendo se defendido destes ataques, mostrando que estava consciente destas questões apontadas pela crítica de Lakoff, Chomsky sofre um duro golpe com este episódio, o qual terá consequências consideráveis na sua carreira de historiador das ideias linguísticas¹⁰⁵.

A noção de EP passará por várias transformações, como será mostrado na análise a seguir, e estas transformações se devem às intervenções críticas dos participantes no debate que em última instância trata a respeito da natureza do componente semântico no modelo da gramática gerativa transformacional. A seguir

¹⁰⁵ Chomsky sofre também duros ataques de historiadores como Hans Aarsleff e outros. As consequências deste episódio no debate sobre a estrutura profunda serão lembradas por Chomsky na ocasião de sua visita ao Brasil quando relata o duro golpe recebido neste episódio e os efeitos sobre sua carreira de historiador. De fato, as concepções de método de descrição histórica de Chomsky não são nada ortodoxos, como ele mesmo as apresenta em “Conhecimento da História e Construção Teórica na Linguística Moderna” (Chomsky, 1997).

início a contextualização da polêmica que levou à transformação da face da linguística no século XX.

4.1 Um capítulo na história do conceito de estrutura profunda: O debate da semântica gerativa vs. semântica interpretativa

A história da tradição linguística norte americana presenciou, nas décadas de 1960 e 1970, o que alguns historiadores da disciplina se referem por ‘guerras linguísticas’¹⁰⁶. Outros, de forma menos dramática, se referem ao período como sendo o dos ‘debates sobre a estrutura profunda’¹⁰⁷. Também é bastante comum a referência ao período como sendo um de revolução científica¹⁰⁸.

A expressão ‘debates sobre a estrutura profunda’, por um lado, representa melhor o objeto que delimito aqui para análise. A expressão ‘guerras linguísticas’, por outro, devido a sua generalidade, parece sugerir um acontecimento de maior amplitude e de impacto histórico mais amplo do que um debate, talvez uma ‘guerra’ represente toda uma série de debates em torno de várias questões polêmicas. Porém, esta característica de multiplicidade também permeia, em menor escala, o período histórico em que me concentro aqui.

Mas a polêmica sobre a estrutura profunda não é apenas mais uma na série representada pelo termo plural ‘guerras’, ela pode ser tomada como o acontecimento central deste período, e em torno do qual todos os outros acontecimentos polêmicos relativos ao período podem ser organizados. O debate sobre a estrutura profunda veio a ficar conhecido também por um outro nome, o debate da semântica gerativa *versus* semântica interpretativa (SG vs. SI). Estas denominações representam, cada uma recortando e destacando um conjunto de aspectos organizados sob uma

¹⁰⁶ A expressão, cunhada por Paul Postal para se referir ao período, forneceu o título de um estudo sobre o período na forma de um livro intitulado *The Linguistics Wars* (Harris, 1993). A obra, uma tentativa de popularização da produção do conhecimento em linguística (segundo o autor, ver ‘Prefácio’), aborda, de um ponto de vista da retórica da ciência, o debate ocorrido entre praticantes da gramática gerativa. Esta perspectiva, como mostraremos, se mostrou incapaz de superar a interpretação pela polarização do debate tendo como consequência o fato de que o impasse normativismo-descritivismo não foi satisfatoriamente ‘resolvido’.

¹⁰⁷ Ver Huck, G. J. & Goldsmith, J. A. 1995 *Ideology and Linguistic Theory: Noam Chomsky and the Deep Structure Debates*. London and New York: Routledge.

¹⁰⁸ Para muitos historiadores o período também representaria uma ‘revolução científica’ à medida que a proposta de uma linguística gerativa é vista como um capítulo na chamada revolução cognitiva, iniciada por volta do fim da segunda grande guerra.

determinada ordem, as propostas elaboradas no período para tratar do fenômeno da significação em relação à estrutura linguística, especificamente no modelo da gramática gerativa.

Gostaria de observar que este período histórico de desenvolvimento da linguística norte americana, que inclui o debate sobre a estrutura profunda, poderia ainda ser tomado, como representando um dos capítulos na história da tradição teórica da linguística de maneira geral, tradição esta que também pode ser caracterizada pela expressão ‘convulsões metodológicas da linguística contemporânea’. Esta expressão, cunhada em Dascal (1978) para se referir a este debate de que trato aqui e de outros eventos polêmicos na história da linguística, é possivelmente o primeiro trabalho a tratar do assunto de um ponto de vista histórico e filosófico em língua portuguesa¹⁰⁹.

A espinha dorsal deste debate é constituída (motivada e conduzida) pela aparição de três publicações de autoria do linguista Noam Chomsky, que é também seu personagem principal¹¹⁰. A primeira delas, que também pode-se entender como sendo a motivadora do debate, é o livro *Aspects of the Theory of Syntax (ATS)*, publicado em 1965. A partir desta publicação, surge uma série de propostas que questionam determinados argumentos teóricos em relação aos níveis que constituem a estrutura gramatical, envolvendo a relação entre as representações sintáticas e semânticas, propostas estas que algum tempo depois iriam se condensar no que ficou conhecido por ‘semântica gerativa’.

Sendo as duas partes envolvidas neste debate constituídas por dois grupos complexos que pertencem a um mesmo programa de investigação, a análise que irei propor aqui exige necessariamente um recorte seletivo destas participações. Assim, além da espinha dorsal do debate, representada pelas publicações de Chomsky (ver quadro 3, abaixo), uma série de artigos representativos das duas propostas será organizada ao redor desta linha central¹¹¹.

¹⁰⁹ Mais adiante mostrarei como adapto o significado desta expressão a partir de uma outra que é próprio de Dascal & Chang (2007).

¹¹⁰ Esta afirmação da centralidade da figura de Chomsky no debate em questão pode ser justificada com a percepção, elaborada por Borges Neto (2004), de que Chomsky detém uma postura centralizadora em relação às propostas teóricas em gramática gerativa.

¹¹¹ É importante observar que se justifica que a posição de Chomsky no debate seja destacada do próprio grupo que defendia o modelo por ele também defendido, o da semântica interpretativa, pelo

As intervenções por parte dos participantes no debate são constituídas basicamente por artigos, publicados em revistas especializadas ou como capítulos de livros. Uma das poucas intervenções em forma de livro é a publicação de Chomsky, já mencionada, que faz o papel de motivadora do debate¹¹². As outras duas publicações de Chomsky que completam a espinha dorsal do debate são coletâneas de artigos publicados individualmente em intervalos mais ou menos periódicos entre 1965 (ano da publicação de ‘*Aspects*’) e 1977, quando é publicado o último título que constitui a espinha dorsal. Os títulos que constituem a espinha dorsal que centraliza o debate são: o já mencionado *Aspects of the Theory of Syntax* (1965); a coletânea de artigos *Studies on Semantics in Generative Grammar* (SSGG, ou simplesmente ‘*Studies*’), de 1972; e *Essays on Form and Interpretation* (EFI, ou simplesmente ‘*Essays*’), de 1977.

O diagrama a seguir apresenta a organização temporal de uma parte das publicações relevantes para o debate e que representam o recorte por mim elaborado. Este quadro de publicações representa o chamado ‘contexto primário’ (ver explicação a seguir, na próxima seção) em que o debate se desenvolveu. Além dos títulos que compõem o contexto primário, algumas publicações com papel secundário e de variada natureza e função também são incluídos no diagrama, que apresenta assim uma pequena parcela do contexto imediato do debate (ver próxima seção). Muito embora relevantes, grande parte destas publicações, por motivos de delimitação da análise, não será aqui comentada, com a exceção de algumas peças que são estritamente relevantes na construção dos argumentos utilizados no debate e que serão aqui analisados. Além disso, este quadro ilustra, como dito, apenas parte das trocas ocorridas no período do debate sobre a estrutura profunda, entre a publicação da teoria padrão (*Aspects*) e a teoria padrão estendida revisada (*Essays*).

A seguir, o quadro 3 apresenta, sem a intenção de ser exaustivo, o contexto (e o cotexto) do debate da SG vs. SI. O quadro situa, ao centro, a linha de argumentação defendida por Chomsky – um dos proponentes do modelo

fato de que Chomsky não se limitou a assumir sem questionamentos a proposta interpretativista, propondo várias revisões ao modelo por ele proposto.

¹¹² Há outras publicações em forma de livro relevantes para o debate, como Katz & Postal (1964), Katz (1971) e Jackendoff (1972), isto sem mencionar a publicação de livros no formato de coletâneas de artigos de um ou de vários autores, dos quais alguns artigos aqui considerados foram extraídos.

interpretativista, mas, de modo algum, interessado em mantê-lo a qualquer custo -, e, na coluna da esquerda, as publicações do grupo proponente do modelo gerativista para o componente semântico e, à direita, o grupo opositor, os chamados interpretativistas.

Contexto Primário do debate			
Semântica Gerativa vs. Semântica Interpretativa			
Ano	<u>Semântica Gerativa</u>	<u>Gramática Gerativa</u> (Centrada na Sintaxe) Chomsky	<u>Semântica Interpretativa</u>
1963	Lakoff , “Toward a generative semantics” [1976]	(Período pré- <i>Aspects</i> [ST], 1955-1964) ¹¹³	Katz & Fodor , “The structure of a semantic theory”
1964			Katz & Postal , <i>An Integrated Theory of Linguistic Descriptions</i>
1965		<i>Aspects of the Theory of Syntax</i> [Teoria Padrão (ST)] ¹¹⁴	
1966	Lakoff & Ross , “Why you can’t do so into the sink” (“A criterion for verb-phrase constituency”)	<i>Topics in the Theory of Generative Grammar</i> [1964]; <i>Cartesian Linguistics</i>	
1967	McCawley , “The role of semantics in a grammar” [1973, 1968b]; Lakoff & Ross , “Is deep structure necessary?” [1976]		
1968	McCawley , “Concerning the base component of a	<i>Language and Mind</i>	

¹¹³ Ver principalmente a bibliografia em Katz & Postal (1964). A delimitação 55-64 compreende o período desde a elaboração, em 1955, de *The Logical Structure of Linguistic Theory* (publicado apenas em 1975) até a publicação de “Degrees of Grammaticalness” e “Current Issues in Linguistic Theory”, ambos em Fodor & Katz (1964).

¹¹⁴ É com a publicação de *Aspects* que Chomsky põe em prática o conceito de estrutura profunda, elaborando sua proposta de modelo gramatical em níveis, os chamados ‘componentes’. A ideia de EP contudo já havia sido elaborada nas pesquisas realizadas por ele no ano de 1964, e que resultariam na publicação do livro *Cartesian Linguistics* (nesta publicação, contudo, a utilização do termo é de caráter historiográfico). O termo é elaborado conceitualmente em Chomsky (1964) “Some Empirical Issues of Linguistic Theory”, que é uma reelaboração ampliada de uma conferência baseada em um artigo de 1962 intitulado “The Logical Basis of Linguistic Theory”. Dados historiográficos indicam que a conceitualização ‘estrutura profunda’ (EP)/‘estrutura superficial’ (ES) foi sugerida por P. Postal, que em lugar de ES utiliza o termo ‘estrutura rasa’ (*shallow structure*), denominação que foi mais tarde (no modelo de TPER) adotada, com modificações, por Chomsky.

	transformational grammar” [1966]; Lakoff , “Instrumental adverbs and the concept of deep structure”		
1969	G. Lakoff , “Presupposition and relative well-formedness” [1971]; R. Lakoff , “Review of <i>Grammaire Générale et Raisonnée</i> ”	“Some empirical issues in the theory of transformational grammar” [1972]*	
1970	Lakoff , “Global rules”	“Remarks on nominalization” [1967]*	Katz , “Interpretive semantics vs. generative semantics”
1971	McCawley , “Where do noun phrases come from?” [1970, 1967], “IS meets Frankenstein” [1971]; Lakoff , “On generative semantics” [1968]	“Deep structure, surface structure, and semantic interpretation” [1970]*	Katz , “Generative semantics is interpretive semantics” [1970]
1972	Postal , “The best theory”; McCawley , “A program for logic” [1969]; Lakoff , “Linguistics and natural logic” [1969]	<i>Studies on Semantics in Generative Grammar</i> [Teoria Padrão Estendida (EST), 1969-1971]*	Katz , <i>Semantic Theory</i> ; Jackendoff , <i>Semantic Interpretation in Generative Grammar</i>
1973		“Conditions on transformations” [1971]**	Katz , “IS meets the zombies: a discussion of the controversy about DS”
1974		{“Questions of form and interpretation”} [1975]**	Jackendoff , “A deep structure projection rule”
1975		“Conditions on rules of grammar” [1976]** ¹¹⁵ , <i>Reflections on Language</i>	
1976		{“On the nature of language”} [1975]**	Katz & Langendoen , “Pragmatics and presupposition”; Katz , “Global rules and surface structure interpretation”
1977		<i>Essays on Form and Interpretation</i> [Teoria Padrão	

¹¹⁵ *Reflections on Language* resulta de uma série de conferências apresentadas no mesmo ano (Whidden Lectures). É nesta publicação que Chomsky começa a elaborar sua modificação do conceito de estrutura profunda (*deep structure*), sugerindo que, por motivos de incompreensão e atribuição inapropriada o conceito passe a ser chamado ‘initial phrase marker’, e que posteriormente (no modelo de princípios e parâmetros e nas teorias de *government* e *binding*) passará a se chamar ‘D-structures’.

		Estendida Revisada (REST) ¹¹⁶ , 1973-1976]**	
		(Período pós-Essays [REST], 1977-1988) ¹¹⁷	

Quadro 3. Contexto primário (contexto e cotexto) do debate sobre a EP (semântica gerativa vs. semântica interpretativa).

A polêmica da semântica gerativa é bastante conhecida no contexto da história da linguística, além dos praticantes da gramática gerativa. O valor e a importância atribuída ao debate, seu desenvolvimento e suas consequências varia grandemente. Entre os analistas e comentaristas, há os que minimizam sua importância e os que a ampliam. Os que participaram do debate reconhecem sua importância para o desdobramento histórico e desenvolvimento teórico do campo de investigação, com a exceção daqueles que disfarçam sua relevância usando esta forma de avaliação como estratégia argumentativa (mesmo vários anos depois de encerrada a polêmica), como é o caso de Chomsky, que não é o único a minimizar o valor dos acontecimentos mas é o mais emblemático, como veremos no desenrolar desta análise.

Apresentadas estas linhas gerais da contextualização do debate, passo agora a uma tentativa de distinção dos estratos que o compõem: contexto primário, contexto e contexto situacional, indicando as características que os diferenciam e as que lhes são comuns. Apresentarei também as implicações iniciais com que cada um destes estratos contribui para a constituição do debate. Conjuntamente, buscarei justificar o uso da teoria das controvérsias como método de interpretação e compreensão para a filosofia da linguística e esta como perspectiva de análise válida para elucidação de problemas relativos aos fundamentos metodológicos na teorização linguística.

¹¹⁶ Embora as denominações ‘teoria padrão’ (ST) e ‘teoria padrão estendida’ (EST) sejam do próprio Chomsky, a expressão ‘teoria padrão estendida revisada’ (REST) foi cunhada por R. Fiengo (1977) “On trace theory”. Ver Langendoen (1978) Review of Chomsky’s *Essays on Form and Interpretation*.

¹¹⁷ Corresponde aproximadamente ao que Matthews (1993, p. 219) chama de “Período de Transição”, isto é, entre a teoria padrão e o modelo de government-binding (princípios e parâmetros). Aqui, a delimitação 77-88 compreende o período desde a publicação de “On wh-movement” (1977b) até *Language and Problems of Knowledge (The Managua Lectures)* (1988).

Os níveis contextuais, conforme apresentados em Dascal (1990) são: contexto primário, contexto e contexto situacional. A seguir farei a descrição de cada um destes níveis em relação ao debate em questão.

O contexto primário do debate, conforme delimitado, possui basicamente três partes. A sua parte central, a qual chamei de ‘espinha dorsal’ é constituída pela participação de Chomsky, representada pelas suas publicações entre os anos de 1965-1977. Este período inclui o modelo que ficou conhecido por ‘teoria padrão’ (TP) (*standard theory*) e suas modificações, as quais foram concentradas em dois momentos: 1972, com a publicação de *Studies on Semantics in Generative Grammar* (SSGG), que inclui a produção do autor entre 1967 e 1971 e a qual ficou conhecida por ‘teoria padrão estendida’ (TPE) (*extended standard theory*), devido às modificações que propunha ao modelo padrão; e 1977, com a publicação de *Essays on Form and Interpretation* (EFI), que, da mesma forma que o volume anterior, inclui a produção do autor entre 1973-1976, a qual ficou conhecida por ‘teoria padrão estendida revisada’ (TPER) (*revised extended standard theory*), devido às modificações que eram propostas ao modelo de 1972. Esta é a espinha dorsal do debate (ver quadro 1).

Em relação à caracterização do que venho chamando de espinha dorsal do debate, composta pelas três publicações de Chomsky (1965, 1972, 1977), é preciso ressaltar que a primeira delas possui valor exclusivo. Ela é a primeira publicação que traz uma proposta de interpretação conjunta dos componentes sintáticos e semânticos para a descrição da estrutura linguística no modelo da gramática gerativa. É em torno dela e ao modelo gramatical nela proposto (a chamada Teoria Padrão [*Standard Theory*]) que o debate irá se organizar¹¹⁸. A espinha dorsal, representada pela participação de Chomsky no debate, é o que centraliza as trocas entre os participantes. A princípio as propostas de Chomsky parecem se organizar de acordo com o que se chamou de Semântica Interpretativa, mas a leitura e análise dos textos que compõem a espinha dorsal do debate deixam perceber que ele busca a revisão constante não só das ideias daqueles que contribuem para o seu modelo,

¹¹⁸ Na verdade antes mesmo da proposta conhecida por Teoria Padrão ser publicada em ATS, algumas reações a ela já haviam circulado na forma de textos mimeografados entre os participantes do debate, como é o caso de Lakoff (1963). Isto indica que o próprio material de ATS deve certamente ter também circulado antes da sua publicação definitiva.

mas também as suas próprias (ver o prefácio a SSGG). Ela define ainda o contexto primário (ou imediato) das trocas no desenvolvimento do debate.

Adjacente à espinha dorsal, ainda na função de contexto primário, encontram-se as partes envolvidas no debate, ‘semântica gerativa’ (SG) e ‘semântica interpretativa’ (SI), cada uma com seus representantes. A posição geral de Chomsky no debate pode ser entendida como sendo alinhada com a da SI, com as ressalvas conforme visto acima. Cada um dos lados possui seu grupo de representantes chave, os quais são normalmente referidos quando se faz menção ao período. Eles são mais ou menos distribuídos da seguinte forma: a SG é constituída pelos linguistas Paul Postal, James McCawley, John Ross e George Lakoff; enquanto a SI é representada e lembrada principalmente pelos nomes de Jerrold Katz e Ray Jackendoff, além de Chomsky. Uma série de outros nomes poderiam ser aqui elencados. Mas minha intenção aqui não é a de ser exaustivo, absolutamente, mas sim de fornecer uma reflexão minimamente original sobre o período convulsivo em que a linguística gerativa se encontrava, portanto, não parece ser de todo equivocado adotar uma certa recepção canônica, oriunda da historiografia linguística, a respeito da divisão dos grupos envolvidos. Os outros participantes – poderíamos talvez chamá-los de secundários - são autores de artigos, livros e resenhas que de uma forma ou de outra (direta ou indiretamente) participaram do debate. Todos estes, de alguma forma relacionados ao debate, constituem o contexto e o contexto situacional.

Assim, o início formal do debate recai sobre a publicação de *Aspects*. Mesmo tendo havido manifestações antes do livro ter sido editado em sua forma definitiva, como é o caso de Lakoff (1963) “Toward a Generative Semantics”, apenas publicado em 1976¹¹⁹. De qualquer modo, em *Aspects* Chomsky não demonstra reação a qualquer dos argumentos de Lakoff. Os modelos que fornecem substrato teórico para o desenvolvimento conceitual do componente semântico à teoria padrão de *Aspects* são os modelos de Katz e Fodor (1963) e Katz e Postal (1964). A esta altura ainda não havia sido formado o quiasma que caracterizou a polêmica.

¹¹⁹ Em James D. McCawley (1976) *Syntax and Semantics, vol. 7: Notes from the Linguistic Underground*. O artigo de Lakoff é na verdade uma reação, ou tentativa de ataque, aos modelos interpretativistas apresentados em Katz & Fodor (1963) e Katz & Postal (1964).

O desenvolvimento do debate, que começou com uma ideia desenvolvida por Lakoff (ver a seguir), foi aos poucos angariando adeptos. A questão a respeito dos motivos que levaram os investigadores a aderirem às crescentes (em número) propostas que recebiam a chancela da SG pode variar entre a insatisfação do modelo proposto por Chomsky até o seu modo de conduzir as pesquisas relativas ao modelo sintático-interpretativista.

Jerrold Katz, fiel ao modelo interpretativista proposto no modelo da teoria padrão, iniciará uma longa trajetória de distanciamento das propostas chomskianas a partir das revisões propostas pela TPE e TPER. McCawley, talvez o mais lúcido dos opositores do modelo interpretativista, será finalmente persuadido a se juntar às propostas da SG. Paul Postal, antes colaborador, passa a antagonista das propostas chomskianas. De acordo com ele (ver Huck & Goldsmith 1995, p. 138), “after all, it [generative semantics] was a dispute about the *right form* of transformational grammar”. Uma vez que Postal abandonou o projeto transformacional por um de outra natureza, sua participação no debate perdeu a função. Nas próximas seções deste capítulo, detalharei os argumentos de cada uma das partes, procurando mostrar de que forma as trocas argumentativas imprimiram movimento na dinâmica do debate.

4.1.1 Pontos polêmicos do debate (o estado de controvérsia)

A afirmação de Postal, acima, sobre o fato de o debate SG/SI tratar, em última instância, da forma correta (ver Postal, 1970 “The Best Theory”) que a teoria sobre a relação do componente semântico e o componente sintático deveria assumir, chama também a atenção para um outro detalhe a respeito deste debate. Este é um debate interno a respeito da estrutura gramatical no modelo da TP proposto por Chomsky e colaboradores. Não se trata de uma crítica externa, contrária aos pressupostos teóricos que a GG propunha. Esta é também a ideia que faz McCawley a respeito do contexto de debate (ver McCawley, 1995 “Generative Semantics”). Por este motivo, me parece um tanto exagerada a crítica de alguns representantes interpretativistas, como Ray Dougherty, de que a SG representava um retorno às propostas estruturalistas de cunho bloomfieldiano (ver Dougherty,

1974 “GS methods: A Bloomfieldian counterrevolution”¹²⁰. Dougherty classificou a SG de movimento neo-bloomfieldiano de insurgência dentro do modelo da GG. Sua percepção serve contudo para confirmar a interpretação a respeito da SG ser um movimento de crítica ao modelo da GG que surge a partir dos próprios desenvolvimentos do modelo, diferentemente de críticas exteriores, como as contrapostas por Chomsky em seu *Topics in the Theory of Generative Grammar* (1966)¹²¹.

O debate que é foco desta análise pode ser demarcado pela relação entre três pontos polêmicos fundamentais: O primeiro deles trata da validade da concepção de uma estrutura profunda na arquitetura da estrutura linguística, ou seja, da própria gramática. Embasando a ideia da estrutura profunda há outros dois pontos interligados: primeiro, o lugar do componente semântico na teoria linguística e, por extensão, o da significação no modelo da GG; segundo, a tese da centralidade da sintaxe no modelo, que se deve ao fato de se conceber a estrutura linguística como sendo formada pela relação entre a representação semântica e a representação fonética, sendo que esta relação é mediada (formalizada, já que é ela que atribui forma a esta relação) pelo componente sintático.

Minha análise coloca no centro do debate a concepção da estrutura profunda. O conceito de estrutura profunda é apresentado por Chomsky (1965) de forma bastante sucinta: “o nível da estrutura gramatical denominado estrutura profunda é o conjunto de estruturas geradas pelo componente de base e que são subsequentemente modificadas por regras transformacionais e mapeadas sobre as estruturas superficiais” (p. 135-136). Esta operação resulta na determinação da interpretação semântica das estruturas gramaticais (sentenças).

Problemas com a definição de conceitos como: representação semântica, regras semânticas, interpretação semântica, etc. são todos abordados em relação ao lugar do componente semântico em relação à estrutura gramatical. Se esta é inseparável do componente sintática, ou não, e se a antecede ou é dependente dela. Em última instância a divergência básica em questão entre as partes envolvidas no

¹²⁰ A mesma postura é defendida por Katz & Bever (1976) que entendem que a SG é um retorno ao empirismo estruturalista.

¹²¹ Ver, por exemplo, a crítica de Chomsky à defesa que G. Harman faz das gramáticas elaboradas sobre o modelo de estrutura frasal.

debate SG vs. SI trata da questão centralidade (exclusiva) da sintaxe na descrição da natureza da estrutura gramatical e da dependência da semântica, ou não, do componente sintático. Esta diferença é suficiente para justificar uma questão de caráter mais amplo, que é a que trata da própria concepção da natureza da língua que as duas abordagens em debate pressupõem (ver McCawley, 1995 “GS”).

No aspecto mais geral, qual é a posição defendida por cada um dos lados no debate? O que significa, por um lado, afirmar que o modelo semântico relevante para a descrição dos aspectos significativos (isto é, relativo à significação) da estrutura gramatical é ‘interpretativo’ (de onde deriva o título ‘semântica interpretativa’) e, por outro lado, afirmar que este mesmo modelo é, pelo contrário, gerativo (de onde o título ‘semântica gerativa)? Em relação à expressão ‘semântica interpretativa’ defendida pelo grupo de participantes no debate inicialmente alinhados à posição de Chomsky (e o próprio Chomsky), a definição é dada por Chomsky em *Aspects* e decorre da definição de gramática gerativa (GG) àquela altura do desenvolvimento do modelo. Assim, uma GG é definida como um sistema de regras constituído por três componentes principais: sintático, fonológico e semântico (p. 15-16). O componente semântico, que é o que primordialmente nos interessa aqui, é definido da seguinte maneira:

The semantic component determines the semantic interpretation of a sentence. That is, it relates a structure generated by the syntactic component to a certain semantic representation (p. 16)

Esta é a primeira vez que Chomsky incorpora uma descrição de um sistema de interpretação semântica em seu modelo gramatical, e esta elaboração é apropriada por ele do modelo desenvolvido por Katz & Postal em *An Integrated Theory of Linguistic Descriptions* (1964), o qual, por sua vez, representa um desdobramento do modelo semântico anterior desenvolvido em Katz & Fodor (1963). Escreve Chomsky em uma nota ao capítulo introdutório:

Aside from terminology, I follow here the exposition in Katz and Postal (1964). In particular, I shall assume throughout that the semantic component is essentially as they describe it (...) (p. 198, n. 10)

O componente semântico como elaborado por Katz & Postal previa um nível de estrutura profunda independente, o qual era “alimentado” com representações

semânticas. O processo de introdução destas representações na estrutura profunda era mediado por regras chamadas 'regras de projeção'.

Na entrevista que concede para o livro de Huck & Goldsmith, L. relata que no momento em que se encontrava elaborando TGS ele estava em contato constante com McCawley, e que ao apresentarem suas ideias a Paul Postal, que naquele momento estava desenvolvendo com Jerrold Katz o livro *An Integrated Theory of Linguistic Descriptions*, este teria se mostrado bastante cético a respeito das propostas contidas em TGS. E L. revela: "Postal convinced me, after he saw my paper [TGS], that the same evidence I used could equally well be used to support the theory he had developed with Katz" (H&G, p. 109).

Tendo sido adotada por Chomsky em *Aspects*, o modelo Katz & Postal previa uma concepção de estrutura profunda completamente sintática e que era responsável pela determinação total da significação.

Do ponto de vista de L., o grupo formado por ele, McCawley, Postal e Ross, cada um trabalhando independentemente, havia chegado a conclusões bastante semelhantes a respeito da questão da relação entre a significação (isto é, o componente semântico da estrutura gramatical) e as estruturas sintáticas. Da perspectiva histórica de L., tendo participado como parte do grupo dos personagens principais nos anos de formação da perspectiva que viria a ser conhecida por 'semântica gerativa', o referido grupo poderia ser descrito como compartilhando uma certa lista de compromissos (*commitments*). Estes compromissos poderiam ser descritos sucintamente como sendo de natureza cognitiva, de generalização, formal (ou 'compromisso chomskiano), e o chamado 'compromisso fregueano'. L. esclarece que os participantes do grupo inicial da SG não compartilhavam da mesma maneira, com o mesmo grau de prioridade, estes compromissos. No entanto, ele afirma que todos, tanto McCawley (quem ele define como um caso a parte), Postal, Ross e ele próprio, atribuíam menor ênfase aos dois últimos compromissos (chomskiano e fregueano), os quais viriam a ser descartados pelos proponentes da SG em poucos anos.

O 'compromisso fregueano', que é o que mais nos interessa nesta análise, previa que a caracterização do componente semântico na descrição da estrutura gramatical deveria fazer uso dos recursos oferecidos pela lógica formal (p. 109). O que L. chama de 'compromisso fregueano' estava em oposição diametral em relação

ao ‘compromisso chomskiano’, que previa que as “regras em um sistema simbólico formal não poderiam, por definição, fazer referência ao significado destes mesmos símbolos” (p. 111)¹²².

De todo modo, o ‘compromisso fregueano’ viria a ser abandonado pelos propositores da SG a partir do momento em que novos fenômenos linguísticos, como a pressuposição, atos de fala, implicaturas, entraram em cena na constituição do componente semântico. L. afirma que por volta de 1968 o compromisso fregueano já não era mais uma questão a ser considerada, e a ideia de uma forma lógica para a descrição da significação já não se fundamentava mais na lógica formal. No entanto, isto não implicava que o ‘compromisso chomskiano’ ganharia prevalência. Pelo contrário, o compromisso formalista não será a opção de escolha para os proponentes da SG.

A noção e o conceito de ‘estrutura profunda’ não pode ser concebido de maneira independente do conceito de ‘estrutura superficial’. Como foi visto acima, na tentativa de justificativa de introdução do conceito de EP por Chomsky no modelo da Teoria Padrão, é a partir da percepção de uma estrutura superficial como resultado de um processo transformacional que pode-se inferir a existência de uma estrutura profunda.

O principal ponto de divergência entre interpretativistas e gerativistas no debate sobre a estrutura profunda não se encontra, como muitas vezes parece ser, na ideia de que a estrutura profunda precisa, ou pode, ser eliminado do modelo Padrão, ou então de que as estruturas profundas são muito mais abstratas do que supunham os interpretativistas. Mesmo que estas questões digam respeito às divergências e que em algum momento do debate elas foram colocadas em questão, a diferença entre os dois grupos antagônicos encontra-se em uma diferença de natureza mais fundamental, isto é, na concepção do que vem a ser a própria gramática. Enquanto para os interpretativistas, como afirmei ser o caso de Chomsky, a gramática define-se primordialmente como um mecanismo sintático que é responsável por relacionar estruturas sonoras com estruturas de significação, para os gerativistas a base não é, e não pode ser, fundamentalmente sintática, mas sim,

¹²² Ver *Aspects*, p. 65 para a justificativa de Chomsky para sua adoção do ‘compromisso chomskiano’.

pelo contrário, é primordialmente de natureza semântica. Muito embora os dois grupos em oposição compartilhassem uma série de pressupostos teóricos, este ponto, crucial para ambos, não encontrava espaço comum entre os grupos opostos e foi, ao longo do debate, crescendo em importância, até o ponto em que se tornou a questão principal de oposição¹²³. No que diz respeito às suas denominações, os dois grupos se identificavam pela forma como concebiam a função do componente sintático na arquitetura gramatical. Assim, os chamados 'interpretativistas' defendiam que a função do componente semântico era, sobretudo, a de interpretar os dados sintáticos gerados pelo componente de base e organizados ao nível da estrutura profunda; enquanto os gerativistas defendiam a ideia de que o componente semântico não possuía a função de simplesmente interpretar os dados fornecidos pelo componente sintático, mas possuía um papel central no processo gerativo transformacional, a ponto de, como vimos, servir de base no lugar do componente sintático. O diagrama, a seguir, mostra a arquitetura gramatical elaborado pelo modelo da Teoria Padrão.

¹²³ Para as diferenças fundamentais entre interpretativistas e gerativistas ver McCawley (1995).

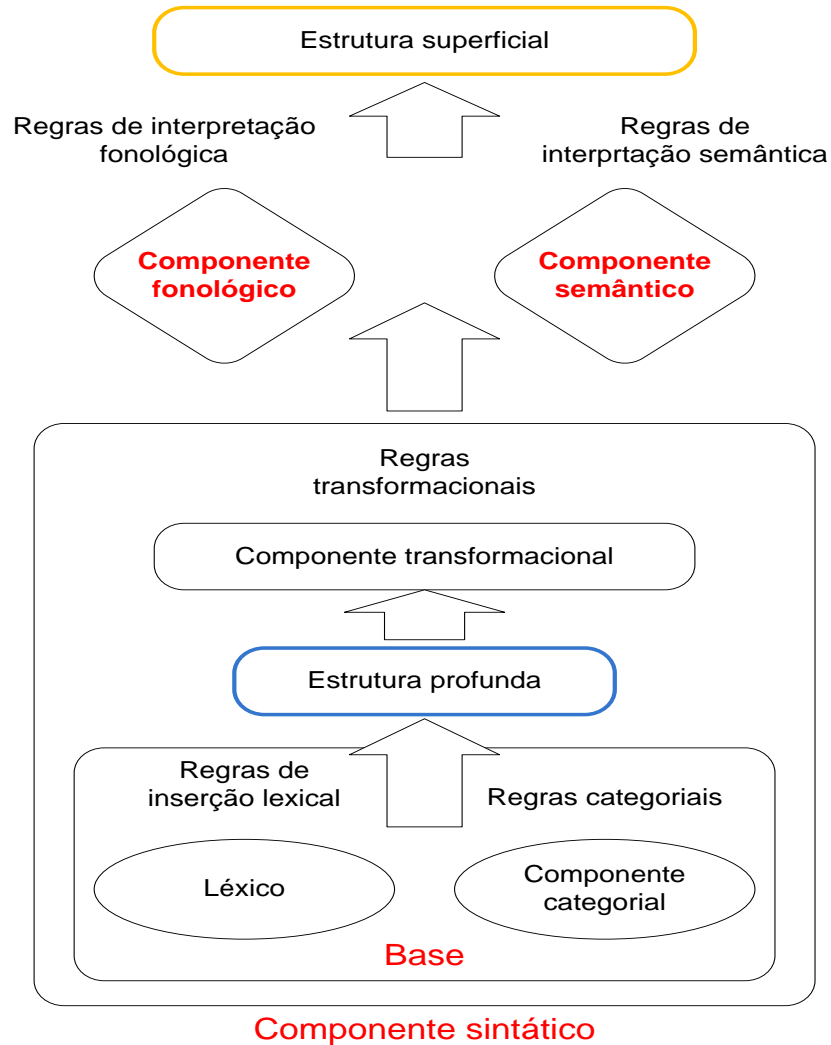


Diagrama 1. Arquitetura gramatical para o modelo da Teoria Padrão.

4.2 A polêmica sobre o conceito de estrutura profunda

A proposta de elaboração de uma programa de investigação forte para a filosofia da linguística - tendo como fundamento uma proposta metodológica elaborada a partir da teoria das controvérsias - parece ser adequada e bastante produtiva na tentativa de superação de alguns problemas relativos à interpretação e compreensão da transformação histórica e epistemológica das teorias linguísticas. Alguns destes problemas podem ser identificados no contexto do debate da semântica gerativa (SG) vs. semântica interpretativa (SI), os quais se desenvolveram ao longo da história da gramática gerativa transformacional (GGT).

A crença comum e disseminada, principalmente entre alguns historiadores da GGT de que a SG – tendo sido originado dentro do contexto da própria GGT - foi um

movimento de contrarrevolução e que sua decadência foi decorrente de uma inconsistência teórica que lhe era inerente e acabou por lhe ser fatal¹²⁴, tendo sido, portanto - como consequência do debate que se desenvolveu em torno do conceito de estrutura profunda -, refutada. Em outras palavras, para estes historiadores da gramática gerativa – os quais idealizam, geralmente, como explicação para o fenômeno da mudança teórica em linguística, modelos kuhnianos de ciência - a semântica gerativa teria sido refutada e invalidada pela suposta prevalência dos argumentos confirmados empiricamente pelos defensores da semântica interpretativa¹²⁵. Porém, nada poderia soar mais fantasioso do que esta tentativa de justificação de uma interpretação do desenvolvimento teórico na linguística através de um argumento, como este, que assume a forma de um argumento *post hoc*¹²⁶,

¹²⁴ Esta visão da SG como um movimento contrarrevolucionário é sustentado por Katz e Bever (1976, pg. 13) (ver também Botha, 1981, pg. 429). O problema do fim da SG, abordado, entre outros, por Huck & Goldsmith (1995), é entendido como tendo sido resultado de forças externas às propostas teóricas, como por exemplo, problemas de coesão de grupo da parte dos proponentes da SG. Esta questão também foi considerada por Borges Neto (1991), a partir de uma perspectiva do modelo de ciência proposto por Lakatos. Ver ainda McCawley (1995), que será discutido na próxima seção. P. H. Matthews também elabora seu argumento sobre a conclusão da polêmica sobre a estrutura profunda. Ele diz:

The last agonies of generative semantics are hard to document. But the natural conclusion was first reached (I think) in a review article by McCawley whose preprint was distributed privately in 1973. At the beginning he says simply that “strictly speaking, generative semanticists are not engaged in ‘generative grammar’”. The reason is that “while there was general agreement about the notion of ‘grammaticality’ around 1967”, they had now “come to dispute the notion that one can speak coherently of a string of words (...) as being grammatical or ungrammatical or having a degree of grammaticality”. Instead they “hold that a surface structure can be ‘grammatical’ only relative to the meaning that it is supposed to convey and the (linguistic and extra-linguistic) context in which it is used” (McCawley, 1975 [1982: 11]). The disintegration of the first Chomskyan school was then complete. (Matthews, 1993, pg. 38)

¹²⁵ Ver Dascal (1978) para uma consideração detalhada da interpretação baseada no modelo kuhniano de mudança das teorias científicas aplicada à linguística, especificamente ao debate SG vs. SI. Ver ainda o item 3.2, acima. Esta alternativa de interpretação conforme o modelo kuhniano de refutação das propostas da SG, trata dos desenvolvimentos do debate que, no período em que foi escrito o artigo mencionado de Dascal, ainda não haviam se sedimentado, apesar de já terem sido concluídos e o conceito de estrutura profunda ter sido reformulado com a denominação de estrutura-P (*D-structure*), em Chomsky (1975). Esta versão do fechamento do debate da SG foi disseminado, sobretudo, em alguns estudos historiográficos sobre o advento da SG. Por exemplo, ver Huck & Goldsmith (1995).

¹²⁶ Um argumento *post hoc* é aquele que estabelece uma relação causal entre dois eventos que se encontram em proximidade temporal. Ele caracteriza uma das formas da falácia genética (ver Hanson, 1962 e a discussão acima). Assim, alguns historiadores da linguística interpretam como refutação científica o resultado de uma relação causal entre o debate sobre a EP e o fim da SG. Pela constatação da interrupção do debate sobre a EP e consequente transformação da proposta de um programa para a semântica gerativa em um programa voltado para outras considerações, conclui-se, através de uma inferência causal de correlação, que a SG foi refutada e, portanto, a SI venceu o debate. Este tipo de argumento, porém, é considerado falacioso em teoria da argumentação. Isto não

por meio do qual alguns historiadores da gramática gerativa divulgam suas reconstruções históricas.

O método de análise utilizado, aqui, para a realização da descrição e explicação da dinâmica do debate sobre a EP e suas consequências na mudança teórica da GGT é fundamentado no modelo de interpretação pragmático (ver Dascal, 2006, principalmente caps. 1, 2, 3, 9 e 24), o qual, combinado com a análise das estratégias argumentativas tem seu poder interpretativo ampliado. O modelo de interpretação pragmático serve, também, como ferramenta para a interpretação do funcionamento inferencial dialógico – amparado pelo funcionamento argumentativo-conversacional - que constitui as interações polêmicas ao longo da história da linguística. Devido à característica dialógica das interações polêmicas, o uso do modelo de interpretação pragmático como ferramenta analítica permite que se perceba o desenvolvimento dialético do modelo teórico em questão (ver Dascal, 2005).

Com o objetivo de investigação de um fenômeno específico na história da linguística – o fenômeno da mudança teórica – a proposta de um método analítico metateórico fundamentado na teoria da controvérsias, informada pelos métodos pragmáticos e da teoria da argumentação, por um lado, e pela proposta de superação de determinados impasses que a teoria geral da ciência apresenta, voltando-se, por outro lado, para os aspectos dialógico e dialético daquela – pretende-se chegar com esta combinação a uma proposta de método de análise metateórico – ao qual chamo, de maneira geral, por filosofia da linguística – capaz de fornecer uma explicação sobre a dinâmica das teorias em linguística.

Assim, o quadro metodológico-interpretativo que delimito inclui, por um lado, a filosofia da linguística sendo informada por dados e métodos produzidos e utilizados pela teoria e análise linguísticas - voltando-se para a filosofia da ciência como forma de encontrar soluções para questões epistemológicas na linguística. Por outro lado, a teoria das controvérsias, informada pelo modelo de interpretação pragmática como ferramenta analítica que atribui o caráter dialógico (e argumentativo) ao tipo de interação que se constitui em um debate polêmico (ver Dascal, 1995), além de

significa, no entanto, que ele seja não válido. Seu problema decorre do fato de apresentar alguns perigos para a integridade da racionalidade da argumentação que faz uso dele (ver Walton *et al*, 2008, p.164-165).

elementos da teoria da argumentação¹²⁷, fornecendo ferramentas que possibilitam a identificação das estratégias discursivo-argumentativas dos participantes no debate (ver Dascal, 1998).

O principal evento de transformação aqui reconstruído é o da relação da estrutura profunda com a função de interpretação semântica executada pelo componente semântico no modelo transformacional. Dentre a miríade de questões polêmicas debatidas entre semanticistas gerativistas e interpretacionistas encontra-se o questionamento sobre a justificativa de um nível de estrutura profunda. A partir da exploração de evidências empíricas, as quais, argumentava-se, refutavam a necessidade de existência de um nível representacional subjacente, ou, então, que sua natureza não seria sintática, mas sim semântica, os defensores do modelo gerativista questionavam a validade do modelo interpretativista. Este fato, se comprovado, deslocaria a natureza do modelo gramatical interpretativista, tornando-o fundamentalmente semântico.

4.3 Apresentação da reconstrução de uma estrutura proposição/oposição (popo) e justificativa para a sua escolha

O recorte apresentado procura reconstruir alguns dos principais argumentos representativos do debate. Estes argumentos dizem respeito à organização dos níveis gramaticais e, mais especificamente sobre a concepção de um nível de estrutura profunda representando um de seus níveis subjacentes. Para tanto, foi selecionado uma sequência de dois turnos de trocas polêmicas – a chamada estrutura ‘proposição/oposição’ (ou ‘popo’) - na qual dois temas principais são abordados: **1.** A questão dos níveis que a arquitetura gramatical deveria apresentar e, por consequência, a legitimidade da estipulação de um nível de estrutura profunda e a questão de sua confirmação empírica; **2.** A mudança na caracterização do conceito de estrutura profunda e na função do componente semântico em relação ao modelo da Teoria Padrão e as suas subsequentes modificações nos modelos da Teoria Padrão Estendida e da Teoria Padrão Estendida Revisada.

Para que a controvérsia a respeito do problema da natureza da significação e a estrutura do componente semântico – problema este que se refletem na história do conceito de estrutura profunda - possa ser abordada de maneira viável, o processo de reconstrução das trocas polêmicas ocorridas no período precisa levar em consideração aquelas interações que representam o núcleo do problema em questão naquele momento da história da gramática gerativa. Qual é este problema e

¹²⁷ Como veremos a seguir, me refiro aqui à tradição dialética que tem na *Tópica* e nas *Refutações Sofísticas* aristotélicas seu fundamento primordial.

quais são as trocas polêmicas que mais se destacam e que podem servir como evidência para a minha tentativa de descrever o fenômeno de mudança teórica que parece ser evidente em relação àquele período na história da gramática gerativa?

A produção historiográfica sobre a polêmica da semântica gerativa é gigantesca e impossível de ser circunscrita em todos os seus detalhes em um único trabalho de tese. Dada a variedade de perspectivas e pontos de vista sobre como deveriam ser tratados os pontos mais polêmicos, ao longo desta investigação os problemas debatidos se multiplicaram de tal maneira que se torna praticamente impossível fornecer um panorama completo sobre todos os problemas relativos à estrutura gramatical e a forma como esta deveria ser descrita naquele período. As portas de entrada, por assim dizer, são muitas. A porta de entrada escolhida no presente trabalho de análise se reduz ao problema da estrutura profunda e a forma como este nível na arquitetura gramatical deveria ser concebido. As relações deste nível com o componente semântico se seguem quase que como consequência lógica, uma vez que o problema dos limites entre os componentes sintático e semântico, durante o período histórico a que me limito aqui, é o que estava em questão. As implicações deste problema dos limites entre os dois níveis gramaticais geraria um dos pontos mais delicados do debate. O problema dos limites entre a semântica e a sintaxe se apresentava como um ponto nevrálgico devido ao fato de que a depender da forma como esta delimitação fosse conceptualizada, haveria implicações diretas sobre a questão de qual dos dois níveis ocuparia a base da estrutura gramatical, isto é a base da hierarquia. Chomsky sempre defendeu a necessidade da centralidade da sintaxe pela simples razão dele conceber a gramática como a relação entre som e significado, relação essa mediada pela estrutura sintática.

Vejamos sob a perspectiva de algumas considerações historiográficas produzidas por alguns dos participantes da controvérsias sobre a estrutura profunda o que eles identificam como sendo o problema em questão. Em 1995, vinte anos depois de a polêmica da semântica gerativa ter arrefecido, James McCawley escreve um pequeno artigo, intitulado simplesmente “Generative Semantics”, para a coleção sobre a história das ciências da linguagem editada por Koerner & Asher¹²⁸.

¹²⁸ Ver Koerner, E. F. K. e Asher, R. E. (Eds.). *Concise History of the Language Sciences: From the Sumerians to the Cognitivists*. Oxford: Pergamon, 1995, p. 343-348.

Para McCawley, que foi um dos participantes centrais na polêmica sobre a semântica gerativa, o problema principal residia em concepções fundamentalmente diferentes, entre interpretativistas e gerativistas, a respeito da natureza da estrutura gramatical. Em seu artigo, McCawley apresenta esta questão da seguinte maneira:

The name 'Generative Semantics' gives undue prominence to one of many issues on which generative semanticists took positions that conflicted with those of more orthodox generative grammarians, an issue that in hindsight seems arcane because it is intelligible only against the background of **the once widely accepted assumption** (shared then by generative semanticists and their adversaries) **that there must be a single level of linguistic structure for which it is appropriate to give a system of 'generative rules'** (i.e., rules giving a complete specification of what structures are well-formed on that level) **and to which all other levels of structure are related by 'interpretive rules'**. The issue commemorated in the name 'Generative Semantics' was that of whether the privileged level was semantic structure (the generative semanticists position) or was a level of syntactic structure as distinct from semantic structure (the position of Chomsky and other 'interpretive semanticists'). (McCawley, 1995, pg. 343, meu destaque)

Isto é, enquanto os defensores da semântica gerativa afirmavam que o nível da estrutura gramatical ao qual seria apropriado atribuir regras que especificassem estruturas bem-formadas (gramaticais, em outros termos) seria o nível representado pelo componente semântico, os interpretativistas, ao contrário, atribuíam ao componente sintático esta função, subordinando, assim, o componente semântico ao sintático reservando ao primeiro apenas a função interpretativa.

Na opinião de McCawley havia, entretanto, entre gerativistas e interpretativistas, outros pontos que foram mais importantes na caracterização das diferenças entre as duas abordagens. Para ele, outras questões teóricas representariam melhor as diferenças entre as duas abordagens, tais como:

- (a) Whether sentences were 'grammatical' or 'ungrammatical' in themselves rather than relative to (linguistic and extra-linguistic) contexts and to possible interpretations;
 - (b) The nature of semantic structure;
 - (c) The nature of syntactic categories;
 - (d) The linguistic level or levels relevant to the choice of the lexical material of a sentence
- (idem, pg. 343)

O quadro abaixo apresenta uma relação (não exaustiva) de publicações que representam a reconstrução das interações polêmicas aqui realizada. Trata-se de

um detalhe, com foco ampliado, do quadro anterior (Quadro 3, acima). Em vez do contexto e cotexto gerais que o quadro anterior representa, este mostra o ‘contexto primário’, em que aparecem as relações polêmicas mais relevantes. A partir desta focalização, mostrada no quadro 4, foi extraído o recorte que fornecerá os elementos para a reconstrução da unidade mínima de interação (destaque em amarelo) e que será analisada a partir da seção 4.4., abaixo.

[I]	[II]	[III]	[IV]	[V]
<u>Chomsky</u> (1964 [1962]) “Current issues in linguistic theory” / “The logical basis of linguistic theory”	<u>McCawley</u> (1968d [1966]) “Concerning the Base Component of a Transformational Grammar”	<u>Chomsky</u> (1972 [1971 / 1970 / 1968]) “Deep Structure, Surface Structure & Semantic Interpretation”	<u>McCawley</u> (1971 [1970]) “Where do noun phrases come from?”	<u>Chomsky</u> (1977/1976/1975) “Conditions on rules of grammar”
<u>Katz & Fodor</u> (1963) “The structure of a semantic theory”	<u>Lakoff & Ross</u> (1976 [1967]) “Is deep structure necessary?”	<u>Chomsky</u> (1972 [1969]) “Some empirical issues in the theory of transformational grammar”	<u>Lakoff</u> (1971 [1969c]) “On generative semantics”	<u>Chomsky</u> (1977/1975/1974) “Questions of form and interpretation”
<u>Katz & Postal</u> (1964) An Integrated Theory of Linguistic Descriptions	<u>Lakoff</u> (1968) “Instrumental adverbs and the concept of deep structure”	<u>Katz</u> (1970) “Interpretative semantics vs. generative semantics”	<u>McCawley</u> (1982 [1975/1973]) “Review article on Chomsky’s Studies on Semantics in Generative Grammar”	<u>Katz</u> (1971) “Generative semantics is interpretive semantics”
<u>Chomsky</u> (1965) Aspects of the Theory of Syntax	<u>McCawley</u> (1968c) “The role of semantics in grammar”		<u>McCawley</u> (1971) “Interpretative semantics meets Frankenstein”	<u>Katz</u> (1973) “Interpretive meets the zombies: A discussion of the controversy about deep structure”

<u>Chomsky</u> (1966 [1964]) “Topics in the theory of generative grammar”	<u>Lakoff</u> (1976 [1963]) “Towards Generative Semantics”			
<u>Chomsky</u> (2006 [1972 / 1967 / 1965]) “The formal nature of language”	<u>Lakoff</u> (1971 [1969]) “Presupposition and relative grammaticality / well-formedness”			
	<u>McCawley</u> (1973 [1967]) “Meaning and the description of language”			

Quadro 4. Quadro representando o contexto primário das relações das trocas polêmicas no período da controvérsia sobre a estrutura profunda entre os defensores da semântica interpretativa e os defensores da semântica gerativa.

Este quadro, no que diz respeito à sua organização, deve ser interpretado da seguinte maneira: a coluna [I] representa a proposição inicial (Pa) em que o componente semântico é pela primeira vez considerado em relação à estrutura gramatical de maneira sistemática. Como diz McCawley, no modelo teórico apresentado em *Aspects*, pela primeira vez a semântica é retirada do armário¹²⁹. O modelo teórico em *Aspects*, também conhecido por ‘teoria padrão’ (TP), propõe a análise da estrutura semântica a partir dos desenvolvimentos analíticos propostos em Katz & Fodor (1963) e Katz & Postal (1964), principalmente a segunda. Chomsky explicita esta ‘adjunção’ que faz ao seu modelo deixando claro que está adotando o modelo proposto por Katz & Postal por ser ele o mais adequado para a consideração de um ‘componente semântico’ à arquitetura gramatical. A proposta de Katz & Postal formula uma regra chamada de ‘regra de projeção’ que será responsável pela interpretação semântica das estruturas sintáticas (marcadores frasais) geradas pelo componente base e presentes na estrutura profunda. Os autores apresentam sua proposta da seguinte maneira:

¹²⁹ Ver McCawley (1976, pg. 6): “One such characteristic [that made the *Aspects* theory a far more stimulating framework] is ... that *Aspects* brought semantics out of the closet”.

Its major aim is to provide an adequate means of incorporating the grammatical and the semantic descriptions of a language into one integrated description. The conception of a linguistic description proposed here combines the generative conception of grammar developed by Chomsky with the conception of semantics proposed by Katz and Fodor. (Katz & Postal, 1964, p. x)

A elaboração de um nível de 'estrutura profunda' ainda não aparece na proposta de K&P, no entanto ela já vinha sendo trabalhada, como vimos, desde aproximadamente 1962, quando Chomsky a introduz pela primeira vez em seu "The logical basis of linguistic theory". Lakoff (1963), texto que 'emerge' pela primeira vez em publicação impressa com ampla divulgação em 1976, circulou sua proposta de uma gramática sentencial - *sentence grammar* em oposição a uma *phrase structure grammar*, como a proposta pela gramática gerativa (GG) - em manuscrito entre seus pares, inclusive Paul Postal, que o desencoraja com o argumento de que o que ele propõe ali não possui nada que já não vinha sendo feito no contexto das pesquisas da GG do início da década de 60¹³⁰.

A coluna [II] representa a primeira oposição (Oa) e a primeira série de artigos que surgem nos anos seguintes após a publicação da TP em *Aspects*. McCawley e Lakoff são os protagonistas neste capítulo do debate, mas não são, porém, os únicos. Por questões de delimitação e por considerar que as objeções levantadas por eles ao modelo da TP são as mais importantes é que estabeleci este recorte. Lakoff (1976 [1963]) é a primeira reação a surgir, antes mesmo da publicação de *Aspects*, mas sem surtir o efeito intencionado pelo autor. McCawley (1967, 1968c, 1968d), enquanto o opositor protagonista mais moderado no período, apresenta algumas tentativas de objeção à proposta de um componente semântico com função interpretativa. Mas é Lakoff (1968) que irá acertar, pela primeira vez, um golpe forte o suficiente para provocar a reação de membros, à época, mais próximos de Chomsky, como é o caso de Katz. Lakoff questiona a forma de tratamento da concepção de um nível de estrutura profunda e a falta de uma definição objetiva para ela.

As colunas [III] e [IV] representam a próxima rodada de trocas e de encadeamento de argumentos. Elas apresentam, respectivamente, a primeira rodada de reações do grupo interpretativista que irá culminar com a publicação de

¹³⁰ Ver a entrevista com G. Lakoff em Huck & Goldsmith (1995), pg. 107-119.

Chomsky (1972) – para a segunda proposição (Pb) – e com a resenha desta mesma publicação por McCawley (1982) – para a segunda oposição (Ob). A coluna [V] representa os desenvolvimentos ulteriores da ‘teoria padrão’, já na forma da ‘teoria padrão revisada estendida’. Esta rodada não será considerada na reconstrução que elaboro, mas é de grande importância para a percepção do desenvolvimento do conceito de estrutura profunda, a qual passa a não ser mais a responsável por fornecer todo o *input* para o componente semântico, mas passa a compartilhar esta função com a ‘estrutura superficial’.

A seguir apresento a análise do contexto primário do debate sobre a estrutura profunda. O recorte bastante seletivo que realizo no conjunto do contexto primário objetiva possibilitar o manuseio e análise dos argumentos apresentados pelas partes envolvidas de maneira minimamente representativa da dinâmica argumentativa envolvida na polêmica sobre a estrutura profunda e a natureza da significação e do componente semântico em gramática gerativa. O objetivo final é ser capaz de mostrar um exemplo do modo como a inovação conceitual e a mudança teórica ocorrem em linguística, sob uma determinada perspectiva. Estabeleci, em minha reconstrução, dois momentos que representam, o primeiro, a abertura do debate, e o segundo, o seu fechamento. Obviamente, o debate não se esgota nos limites destes dois turnos de trocas. Procurei, no entanto, destacar os momentos principais em que os argumentos se concentravam sobre a noção de estrutura profunda, já que em sua dinâmica as controvérsias possuem caráter aberto, isto é, tendem a ampliar seu campo de atenção a um número crescente de tópicos (ver cap. 2).

4.4 Reconstrução da estrutura proposição/oposição (popo) mínima a partir do contexto primário do debate sobre a estrutura profunda

[Pa] Chomsky (1965) Aspects of the Theory of Syntax;

[Oa] Lakoff (1968): “Instrumental adverbs and the concept of deep structure”;

[Pb] Chomsky (1972) Studies on Semantics in Generative Grammar;

[Ob] McCawley (1982) “Review of Chomsky’s Studies on Semantics in Generative Grammar”.

O recorte proposto para representar a abertura do debate estabelece como marco inicial (o início formal) a publicação de *Aspects of the Theory of Syntax* (ATS), por Chomsky, em 1965. A publicação é precedida por duas outras, bastante significativas em relação ao tema da significação semântica e da elaboração de um componente semântico para o modelo transformacional¹³¹. O tema central de ATS, como afirma o próprio Chomsky, é o conceito de estrutura profunda:

My concern in this book [*Aspects*] is primarily with deep structure and, in particular, with elementary objects of which deep structure is constituted (p. 17).

Como vimos anteriormente, o conceito e a ideia de estrutura profunda enquanto um nível de representação sintática fornecendo (todos) os elementos (necessários e suficientes) a serem interpretados pelo componente semântico já vinha sendo trabalhado há alguns anos, desde 1962, quando havia sido introduzido no artigo “The logical basis of linguistic theory”, depois rebatizado de “Current Issues in Linguistic Theory”¹³². Retornando à citação acima a respeito do interesse primordial a ser explorado em *Aspects*, quais são estes objetos elementares que constituem a estrutura profunda, mencionados por Chomsky? Basicamente, no modelo da teoria padrão (daqui em diante, TP), a qual caracteriza a proposta de *Aspects*, estes objetos elementares são os marcadores frasais (*phrasal markers*) gerados pelas regras do subcomponente de base do componente sintático, que é, por sua vez, constituído pelo componente categorial e pelo léxico. O componente sintático, por sua vez, possui a função de fornecer os elementos fundamentais (‘formativos’), de especificar suas propriedades e suas relações para uma determinada sentença:

the syntactic component of a grammar must specify, for each sentence, a deep structure that determines its semantic interpretation and a surface structure that determines its phonetic interpretation. The first of these is interpreted by the semantic component; the second, by the phonological component. (Chomsky, 1965, p. 16)

¹³¹ Trata-se de Katz e Fodor (1963) “The Structure of a Semantic Theory” e Katz e Postal (1964) *An Integrated Theory of Linguistic Descriptions*. Chomsky, explicitamente, se refere a estas duas outras publicações como sendo suas referências principais na elaboração de sua própria proposta.

¹³² Para uma historiografia interessante a respeito deste período do modelo transformacionista, posterior à publicação de *Syntactic Structures* e que antecede a publicação de *Aspects of the Theory of Syntax*, ver Newmeyer, 1996, p. 66-79.

Até este ponto, nenhuma questão polêmica parece emergir da proposta de estrutura gramatical apresentada pelo modelo da TP.

Ao longo do debate, dado a proximidade teórica em que as propostas da semântica gerativa eram desenvolvidas, com frequência surgia a ideia de que a proposta opositora não passava de uma variante notacional do modelo da teoria padrão¹³³. Note-se que o argumento de que a diferença entre o modelo gramatical proposto pela semântica gerativa (SG) e o modelo proposto pela semântica interpretativa (SI) – esta proposta no contexto da teoria padrão – seria, meramente, uma diferença notacional foi utilizado por alguns participantes, ao longo do debate, e também pelo próprio Chomsky, para justificar a perspectiva de que as propostas opositoras não se diferenciavam de maneira considerável dos modelos e suas revisões que vinham sendo propostas por Chomsky e por outros defensores da semântica interpretativa. Alguns anos após o período final da polêmica, Janet Fodor chama a atenção para a questão:

One issue that has generated some heat [in the GS vs. IS debate] is whether the semantic representations of Generative Semantics and of Katz's theory [the interpretive semantics model] are, or are not, mere notational variants (1977, p. 165).

A ideia de que as diferenças entre as propostas da semântica gerativa e da semântica interpretativa se reduzem a diferenças de terminologia e notação foi bastante utilizada por alguns participantes ao longo do debate - ver principalmente Chomsky (1972) e Katz (1970)¹³⁴. Este argumento não deixa de ser verdadeiro, em parte. No entanto, ele reflete sentimentos opositoristas mitigados pela feição de argumento válido¹³⁵. Em 1972, quando o debate já se encaminhava para um

¹³³ Este argumento foi usado também durante o período pré-debate, em sua fase que denominei por 'informal'. Ver abaixo (seção 4.2.1, a seguir).

¹³⁴ Ver ainda Katz (1971), (1973); McCawley (1971).

¹³⁵ Esta ideia de que a SG representava apenas uma variação notacional foi reiteradamente rejeitada pelos membros do grupo que se opunha à proposta da SI, os quais viam a si mesmos como transformacionalistas, porém de uma outra espécie. Note-se que este argumento da 'variação notacional' nunca impediu, principalmente a Chomsky, ao mesmo tempo em que afirmava esta característica das propostas opositoras, de classificá-las como equivocadas. Seriam, portanto, variações notacionais equivocadas. Note-se ainda que quando Chomsky tenta enfraquecer os argumentos opositoristas com esta ideia de variação notacional ele os enquadra em um modelo opositorista de 'discussão', nos termos da teoria das controvérsias (caracterizada por uma racionalidade dura, isto é, dando a impressão de que ambos os lados compartilham pressupostos teóricos), enquanto que ao mesmo tempo, utiliza uma estratégia de rejeição que se aproxima de um

conclusão, Chomsky escreve no prefácio de sua coletânea de artigos que propunham modificações no modelo da teoria padrão (a chamada teoria padrão estendida [TPS (EST)]):

Both the second and third essays compare EST with alternatives, in particular with the approach now often called 'generative semantics' and present evidence that in the areas of difference, EST is to be preferred on methodological as well as empirical grounds. It is also argued that the areas of difference are more slight than much current work suggests and that **many issues that appear to be significant in reality reduce to matters of terminology and notation**, when clarified. (Chomsky, 1972, p. 6, grifo meu)

Ao mesmo tempo que a semântica gerativa era proposta a partir de dentro do programa transformacionalista por uma parte de seus próprios praticantes, e ao mesmo tempo em que Chomsky, na tentativa de proteger seu modelo teórico, não deixava de considerar a proposta opositora, a semântica gerativa expressava, através de seus proponentes, anseios muito mais complexos do que a simples refutação interna de hipóteses teóricas, eles ansiavam por uma reforma radical no modelo transformacional, conforme havia sido proposto pela teoria padrão. Outras questões teóricas estavam em jogo durante a controvérsia. Tratarei de algumas delas durante a análise, a seguir, e ao mesmo tempo apresentarei, em linhas gerais, os modelos teóricos em questão.

Uma relação exaustiva de todas as diferenças envolvidas nas duas propostas de arquitetura semântica para o modelo gramatical torna-se difícil de ser explicitada antecipadamente. Espero que, ao final da análise, o leitor seja capaz de ter em mente, de modo esquemático, pelo menos, os principais elementos em questão, para que possa ele mesmo elaborar a sua própria percepção sobre a dimensão das diferenças em jogo entre as partes envolvidas. Para o momento, sugiro que tenhamos em mente as diferenças listadas por McCawley (1995) (ver acima), as quais para ele revelam diferenças bem mais substanciais do que a questão de se a diferença entre as propostas opositoras seriam, ou não, reduzíveis a 'meras' variantes notacionais. Por exemplo, uma questão fundamental para a presente proposta de reconstrução do clima polêmico é a que dizia respeito à natureza do componente estrutural semântico no conjunto da arquitetura gramatical, conforme entendida pelo transformacionalismo (ver diferença [b]). Esta questão, entretanto,

modelo de 'disputa' (caracterizada por uma racionalidade frouxa, afastando os opositores como sendo completamente incompatíveis em seus pressupostos).

está longe de ser respondida com facilidade, e mesmo a conclusão do debate sobre a estrutura profunda não foi capaz de trazer à luz uma proposta suficientemente satisfatória para ela.

Já para Lakoff (1976 [1963]), outra figura central no debate, pelo menos no período do início informal do debate (ver a seguir), a diferença primordial seria estabelecida com base na ideia de que o componente de base deveria gerar ‘estruturas semânticas’. Vejamos, a seguir, a primeira reação (por parte de Lakoff) à proposta de incorporação de um componente semântico ao modelo gramatical, ainda na fase de elaboração de Katz & Postal (1964).

4.4.1 O início informal do debate

A fim de apresentar o início informal do debate¹³⁶, farei, a seguir, a exposição dos argumentos apresentados em Lakoff (1976 [1963]). Esta breve exposição servirá como uma contextualização da controvérsia sobre a estrutura profunda, já que a discussão proposta no referido artigo, mesmo não tendo recebido uma resposta formal (por escrito, publicada, ou de conhecimento público), tem a função de estabelecer as partes em debate, definindo as relações de oposição. Este artigo de Lakoff pertence então ao contexto do debate (ver Quadro 3, acima).

De acordo com Lakoff, a gênese da SG se deve à conjunção da necessidade de mecanismos de descrição gramatical na tarefa de geração automática de narrativas (*story grammar*). Neste processo, em 1963, Lakoff ainda não propõe o questionamento da validade de categorias e níveis estruturais a respeito do modelo padrão (*Aspects*) da gramática gerativa¹³⁷, os quais ainda estavam aguardando

¹³⁶ Utilizo a expressão ‘início informal’ para me referir a um estágio preliminar ao início propriamente do debate sobre a estrutura profunda. Este estágio preliminar ocorre a partir de uma primeira intervenção de Lakoff (1976 [1963]) e o resultado de sua tentativa inicial não chega a receber atenção formal, por exemplo, por meio de alguma publicação. Primeiro, o artigo de Lakoff não foi publicado formalmente, recebeu circulação apenas informal por meio de cópias mimeografadas, circulando entre os membros do laboratório de eletrônica do MIT, coordenado por Victor Yngve e dele também faziam parte Paul Postal e Jerrold Katz. Segundo, Lakoff apresenta sua ideia de uma semântica gerativa para Postal, que o dissuade de prosseguir com a proposta, convencendo-o de que as questões que Lakoff propunha já vinham sendo tratadas de maneira apropriada em pesquisas em andamento, que resultariam em Katz & Postal (1964) e Chomsky (1965). Para um relato deste acontecimento ver entrevista com Lakoff em Huck & Goldsmith (1995).

¹³⁷ Salvo o desconhecimento que tenho do trabalho de Lakoff relativo a esta questão, que é seu trabalho de mestrado na área da literatura.

publicação de Chomsky na forma de *Aspects*. Já McCawley elabora sua perspectiva sobre a gênese da SG em geral de uma necessidade e momento bastante diferentes daqueles de Lakoff. Em 1976, ao escrever a introdução ao seu volume organizado com artigos relativos à SG que haviam permanecido “subterrâneos” até então, McC afirma que a SG surge a partir de uma controvérsia a respeito da divisão, dos limites entre sintaxe e semântica, e esta controvérsia implica nas seguintes questões:

- Apenas após a publicação de *Aspects* é que surgiu a questão de se identificar a EP com as estruturas semânticas (p. 9);
- Os modelos de descrição das estruturas semânticas conhecidos até então, ou seja, o modelo de Katz & Fodor (1963), propunham um tipo de notação radicalmente diferente daquela usada para a descrição das estruturas sintáticas, e este fato reforçou a ideia de oposição radical entre os dois tipos de descrição, sintática e semântica (p. 9);
- Em última instância, surgiu a questão sobre a vantagem que a separação entre os dois componentes (sintático e semântico), conforme o modelo da teoria padrão em *Aspects*, representaria. Isto é, se não seria mais vantajoso que, assim como no caso das estruturas sintáticas, as transformações regulassem o modo como as estruturas semânticas se relacionavam com as estruturas superficiais, e as regras do subcomponente base determinassem quais estruturas semânticas seriam possíveis (p. 10).

Ainda para McCawley, a característica mais relevante da SG é o fato de ser mais importante o abandono da distinção entre sintaxe e semântica do que a afirmação de que não há distinção entre os dois componentes estruturais (McCawley, 1976, p. 10). Segundo McCawley, para um linguista adepto desta perspectiva, uma gramática se define como a “especificação do tipo de relação entre as estrutura semânticas e as estruturas superficiais” (p. 10). A tese do abandono da distinção significa que dados sintáticos são tão relevantes quanto dados semânticos, na descrição dos fenômenos linguísticos. De fato, conclui McC, o relevante para a SG é que todo dado linguístico é, em última instância, semântico.

No capítulo 1 de *Aspects*, “Methodological Preliminaries”, Chomsky afirma o direcionamento do seu interesse nos desenvolvimentos da proposta da TP que se seguirão:

My concern in this book is primarily with deep structure and, in particular, with the elementary objects of which deep structure is constituted. (p. 17)

Quais são os objetos elementares que constituem a estrutura profunda? São os chamados ‘marcadores frasais’, os quais são gerados pelo subcomponente

sintático de base através de regras transformacionais. Podemos então afirmar que o assunto principal em *Aspects* trata da EP e dos marcadores frasais, que são os elementos que a constituem.

No modelo da teoria padrão (TP), assumia-se que a estrutura profunda (EP) era ‘mapeada’ em representações semânticas pelas regras semânticas. Além disto, assumia-se que a EP continha todos os itens lexicais oriundos do subcomponente base (léxico + componente categorial). Para o modelo da TP a interpretação semântica de uma sentença era determinada pelo conteúdo semântico intrínseco dos itens lexicais e o modo como estes se relacionavam no nível da EP. Isto significava, seguindo K&P (1964), que a EP forneceria os elementos necessários para o seu mapeamento na estrutura superficial a partir das regras de interpretação semântica operadas pelo componente semântico. Como será visto adiante, esta relação da EP com a representação semântica das estruturas gramaticais será modificada no modelo da TPE, em que Chomsky irá argumentar que esta elaboração está correta apenas em parte.

A EP no modelo da teoria padrão precisava satisfazer determinadas condições: 1. determinar a representação semântica das estruturas sintáticas; 2. ser ‘mapeada’ em estruturas superficiais bem formadas por meio de transformações gramaticais, sem a possibilidade de inserções lexicais subsequentes; 3. satisfazer o conjunto das condições formais definidas pelas regras de base (Chomsky, 1965, p. 66). Chomsky define da seguinte forma as características gerais do modelo da TP:

(...) [the] standard theory specifies, for each sentence, a syntactic structure $\Sigma = (P_1, \dots, P_i, \dots, P_n)$ (where P_i is the deep and P_n the surface structure), a semantic representation S , and a phonetic representation P . It asserts, furthermore, that S is determined by P_i and P by P_n under rules of semantic and phonological interpretation, respectively. More generally, the theory is ‘syntactically-based’ in the sense that it assumes the sound-meaning relation (P, S) to be determined by Σ . (p. 66)

Esta representação do modelo da TP não era, segundo afirmava Chomsky, evidente e o modelo como um todo encontrava-se aberto a questionamentos de ordem empírica. Em relação a esta representação do modelo proposto pela TP é que se deu início aos questionamentos ao modelo, na forma de um modelo teórico que veio a ficar conhecido como ‘semântica gerativa’ (SG). Estes questionamentos foram em grande parte dirigidos à necessidade de se postular um nível intermediário

na arquitetura da estrutura linguística, o da EP. A postulação deste nível precisava ser justificada, argumentavam os defensores da SG, já que dados empíricos, segundo eles, mostravam que a estrutura gramatical poderia prescindir da EP tal como era proposta, enquanto um nível do componente sintático.

4.4.2 O conceito de ‘estrutura profunda’ e a significação no modelo da teoria padrão

[Pa]: Chomsky (1965) *Aspects of the Theory of Syntax*

Nesta seção, a análise se concentrará sobre os seguintes tópicos:

(i). O modelo transformacional e o postulado do nível subjacente de estrutura profunda; (ii). a oposição em gramática gerativa entre os modelos transformacional e o modelo taxonômico; (iii). a incapacidade do modelo taxonômico de satisfazer o nível de adequação descritiva; (iv). a inadequação da ‘análise de constituintes imediatos’ para um parecer a respeito da estrutura profunda; (v). a relação da estrutura profunda (componente sintático) com o componente semântico e seu papel na significação; (vi). a estrutura profunda como resultado do componente sintático.

O conceito de estrutura Profunda (EP), o qual havia sido apresentado pela primeira vez em 1962,¹³⁸ é, como vimos acima, o assunto central de interesse em *Aspects*. A proposta do modelo da teoria padrão é uma tentativa de resolver determinados problemas em gramática gerativa impostos pelo modelo taxonômico, o qual se limita à análise das manifestações superficiais das sentenças¹³⁹. Em *Aspects*, Chomsky faz a seguinte comparação entre o modelo taxonômico e o modelo transformacional que serve para explicitar este ponto:

(...) seria possível caracterizar brevemente as teorias sintáticas que se desenvolveram na linguística estrutural (taxinômica) moderna como baseando-se no pressuposto de que as estruturas profunda e de superfície são efectivamente as mesmas (cf. Postal, 1964a, Chomsky, 1964). **A ideia central da gramática transformacional é a de que elas são, em geral, distintas, e de que a estrutura de superfície é determinada pela aplicação repetida de certas operações formais chamadas ‘transformações gramaticais’, sobre objectos de natureza mais elementar. Se isto for verdadeiro (como eu considero a partir deste momento), então a componente sintáctica deve gerar, para cada frase,**

¹³⁸ Durante o nono congresso internacional de linguística, em Cambridge. Ver acima (nota xxx), para a contextualização da introdução do conceito de estrutura profunda no modelo transformacional, a discussão em Newmeyer (1996).

¹³⁹ O modelo taxonômico, também conhecido por modelo de estrutura frasal, não concebia um nível estrutural subjacente – uma estrutura profunda – e o tipo de regra gramatical que ele propunha geravam diretamente as estruturas superficiais.

uma estrutura profunda e uma de superfície, e deve relacioná-las.
(Chomsky, 1965, p. 16-17. Grifo meu)¹⁴⁰

Contudo, o modelo transformacional proposto na teoria padrão não é, de modo algum, um modelo acabado, livre de problemas, como o próprio Chomsky faz questão de ressaltar no prefácio de *Aspects*¹⁴¹. Dois, dentre os quatro capítulos de *Aspects*, lidam diretamente com os problemas e as proposições provisórias – no sentido de plausíveis e revisáveis - que o modelo padrão apresenta, sendo ele mesmo uma proposta de revisão daquilo que havia sido desenvolvido para o transformacionalismo, até então¹⁴². Parte do segundo capítulo trata de aspectos categoriais, funcionais e sintáticos relativos ao nível de estrutura profunda. Já no terceiro capítulo, Chomsky apresenta o que ele considera ser “(...) the most promising direction for the theory of generative grammar to take” (p. vi). Intitulado “Deep structures and grammatical transformations”, encontram-se neste capítulo duas passagens que poderiam ser consideradas, ao mesmo tempo, como servindo de qualificação para a definição, a gênese e a função da EP, e, ainda, como candidatas ao papel de ‘proposições’ (*claims*) na estrutura argumentativa na reconstrução deste debate que se inicia de *Aspects*. A primeira passagem afirma:

Putting aside questions of formalization, we can see that not all generalized Phrase-markers generated by the base will underlie actual sentences and thus qualify as deep structures. What, then, is the test that determines whether a generalized Phrase-marker is the deep structure of some sentence? The answer is very simple. The transformational rules provide exactly such a test, and there is, in general, no simpler test. A generalized Phrase-marker M_D is the deep structure underlying the sentence S, with the surface structure M_S , just in case the transformational rules generate M_S from M_D . The surface structure M_S of S is well formed just in case S contains no symbols indicating the blocking of obligatory transformations. A deep structure is a generalized Phrase-marker underlying some well-formed surface structure. Thus the basic notion defined by a transformational

¹⁴⁰ Ver MEIRELES e RAPOSO, p. 98. No original: “(...) one might briefly characterize the syntactic theories that have arisen in modern structural (taxonomic) linguistics as based on the assumption that deep and surface structures are actually the same (cf. Postal, 1964a, Chomsky, 1964). The central idea of transformational grammar is that they are, in general, distinct and that the surface structure is determined by repeated application of certain formal operations called ‘grammatical transformations’ to objects of a more elementary sort. If this is true (as I assume, henceforth), then the syntactic component must generate deep and surface structures, for each sentence, and must interrelate them”.

¹⁴¹ Ver, entretanto, o cap. 1 [“Assumptions and goals”] de Chomsky (1964/1966) *Topics in the Theory of Generative Grammar* para uma desqualificação das críticas recebidas ao modelo padrão.

¹⁴² Ver o contexto das publicações que antecederam a publicação de *Aspects*. Chomsky de fato modifica (ver *Aspects*, cap. 3) o modelo semântico de Katz & Postal eliminando as noções de ‘marcador transformacional’ e de ‘transformação generalizada’, assim como também a ideia de regra de projeção, que vinham sendo utilizada desde a publicação de Katz & Fodor (1963).

grammar is: *deep structure* M_D *underlies well-formed surface structure* M_S . The notion “deep structure” itself is derivative from this. The transformational rules act as a “filter” that permits only certain generalized Phrase-markers to qualify as deep structures. (Chomsky, 1965, p. 138-139)

E a segunda passagem reitera a afirmação anterior:

The base rules and the transformational rules set certain conditions that must be met for a structure to qualify as the deep structure expressing the semantic content of some well-formed sentence. Given a grammar containing a base component and a transformational component, one can develop innumerable procedures for actually constructing deep structures. These will vary in exhaustiveness and efficiency, and in the extent to which they can be adapted to the problems of producing or understanding speech. One such constructive procedure is to run through the base rules (observing order) so as to form a generalized Phrase-marker M , and then through the transformational rules (observing order) so as to form a surface structure M' from M . If M' is well formed, then M was a deep structure; otherwise, it was not. All deep structures can be enumerated in this way, just as they can all be enumerated in many other ways, given the grammar. As noted earlier, the grammar defines the relation “the deep structure M underlies the well-formed surface structure M' of the sentence S ” and, derivatively, it defines the notions “ M is a deep structure,” “ M' is a well-formed surface structure,” “ s is a well-formed sentence,” and many others (such as “ s is structurally ambiguous,” “ s and S' are paraphrases,” “ s is a deviant sentence formed by violating rule R or condition C ”). The grammar does not, in itself, provide any sensible procedure for finding the deep structure of a given sentence, or for producing a given sentence, just as it provides no sensible procedure for finding a paraphrase to a given sentence. It merely defines these tasks in a precise way. A performance model must certainly incorporate a grammar; it is not to be confused with a grammar. Once this point is clear, the fact that transformations act as a kind of filter will occasion no surprise or uneasiness. (Chomsky, 1965, p. 140-141)

A estrutura profunda é portanto gerada pela base do componente sintático (ver Diagrama 1, seção 3.1.1, acima), sendo a base composta por um subcomponente categorial e um léxico, e, enquanto estrutura subjacente, a EP é que fornece os elementos formativos para a subsequente interpretação pelo componente semântico. Este modelo de arquitetura gramatical se assemelha bastante àquele proposto anteriormente em Chomsky (1964), no texto de *Current Issues*, quando pela primeira vez o nível subjacente de estrutura profunda foi proposto para o conjunto da arquitetura gramatical (ver acima seção 3.1.1). Em *Aspects* encontramos a seguinte caracterização desta inter-relação entre os componentes gramaticais:

The *base* of the syntactic component is a system of rules that generate a highly restricted (perhaps finite) set of *basic strings*, each with an associated structural description called a *base Phrase-marker*. **These base Phrase-markers are the elementary units of which deep structures are**

constituted. I shall assume that no ambiguity is introduced by rules of the base. This assumption seems to me correct, but has no important consequences for what follows here, though it simplifies exposition. **Underlying each sentence of the language there is a sequence of base Phrase-markers, each generated by the base of the syntactic component.** I shall refer to this sequence as the basis of the sentence that it underlies. (Chomsky, 1965, p. 17. Grifo meu)

A partir desta definição e deste conjunto de relações, o conceito de estrutura profunda irá se constituir como o objeto principal de questionamentos por parte daqueles que, de dentro do mesmo programa de investigação no qual o conceito havia sido proposto, a partir de investigações empíricas sobre a gramática específica de uma língua, no caso o inglês, passaram a propor modificações no modelo da teoria padrão, tendo como um de seus principais argumentos o de que o ônus da prova da existência de um nível sintático de estrutura profunda caberia aos seus proponentes, no caso os interpretativistas.

É primordial a importância da tríade *Current Issues/Aspects/Topics*¹⁴³ para a teoria gramatical da teoria profunda (sintática) no tipo transformacional de gramática gerativa que vinha sendo proposto desde 1958¹⁴⁴. Em *Current Issues*, como vimos, temos a introdução do conceito de estrutura profunda; em *Aspects*, aproximadamente metade do texto de *Aspects* é dedicado a aquele nível da arquitetura gramatical e sua relação com os componentes sintático e semântico, e, em *Topics*, temos uma defesa inicial das primeiras críticas que começavam a surgir ao modelo transformacional da teoria padrão.

Aspects traz duas partes dedicadas à estrutura profunda: o §2 (“Aspects of deep structure”) do segundo capítulo (“Categories and Relations in Syntactic Theory”), e o terceiro capítulo (“Deep Structures and Grammatical Transformations”). A ideia de estrutura profunda está intimamente relacionada à de ‘marcador frasal’ (*phrase-marker*). Este conceito foi, possivelmente, introduzido por Katz & Postal (1964). Uma estrutura profunda corresponde, *grosso modo*, a um marcador frasal gerado pelo componente base. No processo de geração de uma sentença, uma série de marcadores frasais se sucedem, pela aplicação sucessiva de regras

¹⁴³ *Current Issues in Linguistic Theory* (Chomsky, 1962/1964); *Aspects of the Theory of Syntax* (Chomsky, 1965) e *Topics in the Theory of Generative Grammar* (Chomsky, 1964/1966).

¹⁴⁴ Ver o artigo “A transformational approach to syntax” de Chomsky, publicado nos anais da *Third Texas Conference on Problems of Linguistic Analysis in English* em 1958, editado por Archibald A. Hill (1962), p. 124-158.

transformacionais, até o nível de estrutura superficial que é, igualmente, representado por um outro marcador frasal. A esta série de marcadores frasais Chomsky deu o nome de ‘marcador transformacional’ (ou simplesmente *T-marker*). Este elemento é o que mais se aproxima de uma estrutura profunda no modelo gramatical anterior à teoria padrão. Ao retomar esta noção de marcador transformacional, na introdução ao seu *The Logical Structure of Linguistic Theory* (LSLT), em 1975, ele afirma que “The nearest analogue to the notion ‘deep structure’ in the LSLT theory is the T-marker of the generated sentence” (p. 16). Surge, então, uma aparente contradição conceitual: se a estrutura profunda é uma espécie de marcador frasal em um determinado ponto da arquitetura gramatical, de que modo ela poderia se aproximar da noção de marcador transformacional uma vez que este representaria o conjunto dos marcadores frasais ao longo do processo derivacional? Uma possível resposta a esta contradição aparente seria a de que a estrutura profunda, de fato, possui em germe, toda a cadeia derivacional que uma sentença sofrerá até sua manifestação na forma de uma estrutura superficial, isto é, até que a estrutura profunda seja finalmente mapeada em uma estrutura superficial. A ideia de que um marcador transformacional seria responsável pela interpretação semântica foi introduzida em Katz & Fodor (1963). O modelo por eles elaborado é descrito por Chomsky (1964/1966) nos seguintes termos:

The first attempt to develop a theory of semantic interpretation as an integral part of an explicit (i.e. generative) grammar is in Katz and Fodor (“The Structure of a Semantic Theory”). This is the first study that goes beyond the assertion that the base phrase-markers underlying a sentence are, in some sense, the basic content elements that determine its semantic interpretation. (...) Katz and Fodor argue that the semantic component of a grammar should be a purely interpretive system of rules that maps a deep structure (a T-marker) into a semantic interpretation, utilizing in the process three sorts of information: (i) intrinsic semantic features of lexical items; (ii) the grammatical functions defined by the base rules; (iii) the structure of the T-marker. The semantic component should have two sorts of ‘projection rules’. The first type assign semantic interpretations (‘readings’) to categories of the base phrase-markers in terms of the readings previously assigned to the elements dominated by (belonging to) these categories, beginning with the intrinsic readings of the lexical items and using the grammatical functions defined by the configurations of the base phrase-markers to determine how the higher level readings are assigned; and, ultimately, assigning a reading to the dominant category S. The projection rules of the second type utilize the readings assigned in this way to base phrase-markers, and, in terms of the elements and configurations represented in the T-marker, determine the semantic interpretation of the full sentence. (Chomsky, 1964/1966, p. 58-59)

Contudo, o modelo transformacional de *Aspects* propõe o abandono de várias noções introduzidas nos modelos anteriores – incluindo Katz/Fodor e Katz/Postal – (ver nota 112 acima). De qualquer modo, o importante é ressaltar que a partir dos anos 60, a proposta de uma gramática gerativa de natureza transformacional impôs a necessidade de uma arquitetura gramatical em dois níveis representacionais, a saber, estrutura profunda e estrutura superficial. Esta necessidade surge, primeiro, do interesse de Chomsky pela tradição da gramática filosófica – que resultaria na publicação de *Cartesian Linguistics* -, segundo pela necessidade de satisfazer um nível de adequação mais amplo do que o nível descritivo, o qual, segundo Chomsky, um modelo taxonômico não daria conta de satisfazer (Ver Chomsky, 1964, 1966).

Em *Topics*, Chomsky já havia fornecido uma definição para a estrutura profunda nos mesmos termos de *Aspects*:

Let us define the ‘deep structure of a sentence’ as that aspect of the SD [structural description] that determines its semantic interpretation, and the ‘surface structure of a sentence’ as that aspect of the SD [structural description] that determines its phonetic form. (Chomsky, 1964/1966, p. 16. Grifo meu)

Em *Aspects* fica claro que o componente semântico é dependente do funcionamento sintático que rege os elementos formativos e as regras transformacionais. Tanto o componente semântico quanto o componente fonológico são meramente interpretativos, enquanto “(...) the syntactic component of the grammar (...) constitutes its sole ‘creative’ part (p. 136). Assim fica mais uma vez afirmada a centralidade do componente sintático na arquitetura gramatical, que é um dos aspectos do modelo padrão que será questionado pelo movimento da semântica gerativa. Uma breve e direta definição deste componente é assim apresentada:

Assim, a componente sintática será composta por uma base que gera as estruturas profundas e por uma parte transformacional que as converte em estruturas de superfície. A estrutura profunda de uma frase será submetida à componente semântica para a interpretação semântica e a sua estrutura de superfície entra na componente fonológica onde é sujeita a uma interpretação fonética. (Chomsky, 1965, p. 135)¹⁴⁵

¹⁴⁵ Ver MEIRELES e RAPOSO, p. 225. No original: “Thus the syntactic component consists of a base that generates deep structures and a transformational part that maps them into surface structures. The deep structure of a sentence is submitted to the semantic component for semantic interpretation, and its surface structure enters the phonological component and undergoes phonetic interpretation”.

A partir desta configuração na inter-relação entre os componentes sintático e semântico em que o primeiro componente coordena as outras funções, não apenas semânticas, mas também fonológicas, fica determinado o papel da estrutura profunda na constituição da interpretação semântica e consequente determinação do significado de uma sentença:

It is also clear that the manner of combination provided by the surface (immediate constituent) structure is in general almost totally irrelevant to semantic interpretation, whereas the grammatical relations expressed in the abstract deep structure are, in many cases, just those that determine the meaning of the sentence. (Chomsky, 1965, p. 162)

É importante ressaltar que, neste ponto da apresentação do argumento a favor da estrutura profunda em *Aspects*, neste estágio de desenvolvimento em que se encontra a proposta transformacionalista, a significação depende por completo da estrutura profunda. Esta condição é afirmada por Chomsky tanto em *Aspects* quanto em *Topics*. Vejamos como em *Aspects* o papel das estruturas superficiais na constituição da significação é descartada a favor da estrutura profunda:

É (...) evidente que o modo de combinação apresentado pela estrutura de superfície (de constituintes imediatos) é, em geral, quase totalmente não pertinente para a interpretação semântica, ao passo que as relações gramaticais expressas na estrutura profunda abstracta são, em muitos casos, precisamente aquelas que determinam o sentido de uma frase. (Chomsky, 1965, p. 162)¹⁴⁶

E este papel é reafirmado em *Topics*:

It is clear, however, that the deep structure must be quite different from this surface structure. For one thing, the surface representation in no way expresses the grammatical relations that are, as we have just observed, crucial for semantic interpretation. (...) The inability of surface structure to indicate semantically significant grammatical relations (i.e. to serve as deep structure) is one fundamental fact that motivated the development of transformational generative grammar, in both its classical and modern varieties. (Chomsky, 1964/1966, p. 17)

Em suma, parece estar claro que enquanto Chomsky se preocupava em corroborar os modelos semânticos de Katz & Fodor/Katz & Postal e, ao mesmo tempo, justificar seu modelo alternativo de uma gramática gerativa transformacional

¹⁴⁶ Ver MEIRELES e RAPOSO, p. 254. No original: "It is (...) clear that the manner of combination provided by the surface (immediate constituent) structure is in general almost totally irrelevant to semantic interpretation, whereas the grammatical relations expressed in the abstract deep structure are, in many cases, just those that determine the meaning of the sentence".

– descartando algumas das funções propostas nos modelos anteriores -, em oposição a um modelo de gramática gerativa taxonômica, estava garantida a existência do nível sintático de estrutura profunda.

Este é, em síntese, o argumento central em *Aspects* no que diz respeito à justificativa de um nível estrutural subjacente denominado ‘estrutura profunda’. Note-se que fica bem claro que, além da significação ser um problema exclusivo da relação entre a estrutura profunda e o componente semântico, a existência de um nível subjacente é reafirmado. Sem ele não há transformacionalismo possível, e, conseqüentemente, a possibilidade de um tratamento adequado para a questão semântica em linguística.

É importante ressaltar que o argumento pela existência de uma estrutura profunda – representado acima - ainda não se refere à polêmica da semântica gerativa, movimento que ainda se encontrava em gestação. No entanto, como foi mostrado, as críticas ao modelo padrão já começavam a surgir. Apesar de Chomsky deixar claro que o material abordado em *Topics* não representa nada de novo ao que já vinha sendo explorado em pesquisas anteriores, em várias passagens do texto há a inserção de afirmações importantes, como a seguinte passagem:

Os únicos comentários significativos (i.e. afirmações fatuais) que fiz até aqui em relação a este contexto teórico [o transformacional] são os de que a estrutura superficial é um esquema classificatório e as estruturas profundas devem, em geral, ser distintas das estruturas superficiais. (Chomsky, 1964/1966, p. 18)¹⁴⁷

Trata-se de uma afirmação valiosa e que sintetiza, como já foi dito no início desta seção, o foco do interesse para o desenvolvimento de um modelo que possa satisfazer a necessidade de uma adequação explicativa. Este ‘comentário’ de Chomsky, apesar de parecer despretensioso, é fundamental, a ponto de figurar como um forte candidato à proposição (*claim*) principal no argumento em defesa do chamado modelo padrão.

¹⁴⁷ No original: “The only substantive comments (i.e. factual assertions) that I have so far made within this framework [the transformational one] are that the surface structure is a labeled bracketing and that deep structures must in general be distinct from surface structures”.

4.4.3 O argumento sobre a correta formulação do conceito de ‘estrutura profunda’ e sua comprovação empírica

[Oa]: Lakoff (1968) “Instrumental adverbs and the concept of deep structure”

Em Lakoff (1968) “Instrumental adverbs and the concept of deep structure” (IA) a definição de ‘estrutura profunda’ que se pode depreender a partir do modelo transformacional da teoria padrão é o de que ela representa um nível de análise linguística determinado pelas seguintes condições:

- (i). Relações gramaticais básicas (sujeito de, objeto de, etc.) são representadas neste nível em termos de categorias gramaticais fundamentais (NP, VP, etc.);
- (ii). A partir deste nível podem ser estabelecidas as generalizações corretas a respeito das ‘restrições de seleção’ e de ‘coocorrências’;
- (iii). Neste nível os itens lexicais são atribuídos às categorias gramaticais apropriadas;
- (iv). As estruturas presentes neste nível servem como input para as regras do componente transformacional.

Para Lakoff, a existência de um nível de estrutura profunda definido pelas quatro condições acima estabelece um fato empírico. Assim, através de um teste empírico com a categoria de advérbios (advérbios instrumentais, como “com uma faca”, ver exemplo a seguir) Lakoff pretende, além de confirmar a existência de um único nível sintático de estrutura profunda definido pelas quatro condições depreendidas do modelo padrão - uma vez que seu teste empírico se mostre válido -, demonstrar que (a) há menos categorias gramaticais no nível de estrutura profunda do que se supunha - por exemplo, o nível não comportaria a categoria dos advérbios instrumentais, ou os de modo¹⁴⁸ -; (b) as estruturas profundas de sentenças contendo este tipo de advérbios seriam muito mais abstratas – no sentido em que estariam (transformacionalmente) mais distantes de suas respectivas estruturas superficiais.

¹⁴⁸ Como ele afirma ter demonstrado em Lakoff (1965), uma vez que estes tipos de advérbios seria derivados transformacionalmente a partir de outras categorias mais básicas.

Lakoff (p. 6) fornece então duas sentenças que, segundo ele, seriam tratadas pelo modelo transformacional padrão como possuindo estruturas profundas diferentes, enquanto ele pretende demonstrar o contrário. As sentenças são:

(1) [Seymour_(NP1) [sliced_(V) [the salami]^{NP2} [with_(P) [a knife]^{NP3}]^{I(A(PP))}]^{VP}]^S

(2) [Seymour_(NP1) [used_(V1) [a knife]^{NP3} [Seymour_(NP1') [sliced_(V2) [the salami]^{NP2}]^{VP2}]^{S2}]^{VP1}]^{S1}

À partir da análise destes dois exemplos, Lakoff concluirá (p. 23) que: (a) respeitando a condição (ii), haveria generalizações importantes a respeito de restrições de seleção e de coocorrência que seriam deixadas de lado, a menos que se considerasse que os dois exemplos possuíssem estruturas profundas em comum; (b) que em relação à condição (i), a menos que se tivesse as mesmas relações gramaticais nas estruturas profundas das duas sentenças, haveria a perda de generalizações importantes a respeito das regras semânticas relativas ao modelo da teoria padrão. Diante destas observações, Lakoff afirmará a necessidade de existência de um nível de estrutura profunda conforme as condições (i-iv) por ele apresentadas.

A primeira vista, Lakoff parece não confrontar a proposição que postula a existência de um nível de estrutura profunda. Seu objetivo é outro, como vimos, o de demonstrar empiricamente que ou o nível de EP não comporta tantas categorias gramaticais como suposto no modelo padrão, ou o nível de EP possui estratos mais 'profundos' (mais abstratos) do que anteriormente proposto (p. 5). E, de fato, Lakoff não coloca ainda em questão, neste momento do debate, a necessidade de existência de um nível de estrutura profunda. Além de reconhecer que se trata de uma questão empírica a suposição de um nível de estrutura profunda definido pelas quatro condições (acima), argumento que será contrariado por Katz (1970), seus objetivos parecem ser outros: como vimos acima na exposição da proposta de Botha (seção 2.2.5), Lakoff afirma seu reconhecimento de que dada a natureza da estrutura profunda – como postulada pelo modelo da teoria padrão – pode-se modificar o modo de justificativa das hipóteses empíricas, não mais propondo regras gramaticais, mas elaborando generalizações corretas a respeito da natureza das estruturas profundas. Foi a este procedimento metodológico que Botha (1970) denominou por 'argumento gramatical'. Lakoff apresenta assim a justificativa para

sua modificação metodológica no que diz respeito aos procedimentos analíticos válidos em gramática gerativa transformacional:

Due to the nature of the definition of deep structure, one can provide arguments for *identity* of deep structures without proposing what those deep structures are and without proposing any transformational derivations. This type of argument differs considerably from the type of argument that has been used in transformational research so far. To date, research in transformational grammar has been oriented toward proposing rules. Arguments concerning generalizations of deep structure selectional restrictions and co-occurrences have been brought up only in support of some given set of rules. What we have done here is to show that arguments of this sort can be used by themselves without discussion of rules at all. In showing that (3a) and (3b) have the same deep structure we have shown that transformational rules relating those constructions must exist, though it is not known yet what they are. Similarly, we have shown that the common deep structure must exist, though we do not know what it is either. Note, however, that although we do not know exactly what that deep structure is, we do know a lot about it: that all the above co-occurrence constraints must hold for it. By looking closely at the co-occurrence constraints that hold between synonymous constructions, we have opened up a new area of research, and one which extends well beyond a single pair of constructions. (Lakoff, 1968, p. 24)

A questão que de fato está sendo proposta é uma outra forma de se propor justificativa empírica para um fenômeno linguístico específico - a identidade de EP de sentenças contendo advérbios instrumentais. Lakoff concentra sua análise sobre duas das condições que definem a EP, condições (i) e (ii) e ele conclui que quase a totalidade das regras propostas no modelo transformacional derivam da observância da condição (ii), a qual trata das condições de coocorrência de elementos categoriais e das seleções de restrição (*selectional restrictions*).

O artigo de Lakoff recebeu uma resposta direta em Katz (1970), o qual iniciou uma troca de turnos polêmicos à parte com McCawley que lhe respondeu (McCawley, 1971) e foi respondido (Katz, 1973) (ver Quadro 4). Esta troca entre McCawley e Katz encerra, praticamente, o debate em sua manifestação no contexto primário. Desdobramentos posteriores serão manifestados ainda pelos participantes principais, como Chomsky e Lakoff, mas o debate, assume definitivamente, um direcionamento diferente. Em Chomsky (1975 e 1977), o conceito de 'estrutura profunda' é rebatizado, no primeiro caso (1975), recebendo a denominação de 'estrutura-d' (*d-structure*), enquanto esta reformulação é consequência da 'ampliação' da teoria padrão, no segundo caso (1977), na sua versão que ficou conhecida por 'teoria padrão revista ampliada'. Os aspectos erísticos

(disputacionais) do debate haviam, então, dissolvido-se, mas as consequências de seus aspectos controversiais ainda perdurariam por mais de uma década.

3.4.4. A reformulação do modelo da teoria padrão

[Pb]: Chomsky (1972) *Studies on Semantics in Generative Grammar*;

[Ob]: McCawley (1982) "Review of Chomsky's *Studies on Semantics in Generative Grammar*".

Chomsky faz a seguinte afirmação no prefácio de sua coletânea de artigos intitulada *Studies on Semantics in Generative Grammar* (SSGG) (1972): "O estatuto da estrutura profunda é a principal preocupação em todos os três ensaios" (p. 5). Qual é o estatuto do conceito de estrutura profunda a que se refere Chomsky em relação aos temas de cada um dos três ensaios? Cada um dos ensaios aborda um tema diferente em relação ao modelo transformacional conhecido até então pelo nome de 'teoria padrão'. São eles: (i) A questão da nominalização em inglês; (ii) A interpretação semântica e seu funcionamento no circuito estrutura profunda/estrutura superficial; (iii) Questões empíricas relativas à teoria da gramática transformacional.

A coletânea de artigos SSGG inaugura a primeira revisão no modelo da 'teoria padrão', principalmente no que diz respeito à condição do componente semântico, e rebatiza sua versão transformacional da gramática gerativa de 'teoria padrão estendida'. Nesta versão 'estendida' de seu modelo de gramática transformacional, Chomsky irá insistir na necessidade de manutenção de um nível de estrutura profunda para a arquitetura gramatical. Enquanto o primeiro artigo "Remarks on nominalization" introduz o que veio a ficar conhecido como a 'hipótese lexicalista'¹⁴⁹, o segundo e terceiro artigos abordam mais diretamente o problema relativos ao debate sobre a estrutura profunda e compõem uma resposta interpretativista aos seus opositores. O segundo artigo "Deep structure, surface structure, and semantic interpretation", como diz o próprio Chomsky em seu breve prefácio à coletânea, trata de inadequações relativas à interpretação semântica no

¹⁴⁹ A chamada hipótese lexicalista diz respeito, principalmente, à inserção de itens lexicais no percurso transformacional. Segundo a hipótese, operações transformacionais não afetariam itens lexicais, isto é, não exerceriam influência sobre questões flexionais e derivacionais. Esta hipótese também não ficou livre de polêmicas e muito se debateu sobre sua forma e funcionamento, além de sua validade.

modelo da ‘teoria padrão’ e é então proposto o modelo ‘estendido’, com uma teoria semântica mais ‘refinada’. Chomsky diz:

(...) the grammatical relations of the deep structure remain fundamental for semantic interpretation, determining what have been called "thematic relations" or "case relations", but other aspects of meaning are determined by surface structure. (p. 5)

Para o terceiro artigo na coletânea, “Some empirical issues in the theory of transformational grammar”, Chomsky apresenta mais evidências que, segundo ele, levam à conclusão de que é de fato necessária que seja postulado um nível de ‘estrutura profunda’. Embora irei focalizar no segundo artigo para fins de análise, tanto o segundo quanto o terceiro elaboram respostas a modelos concorrentes, incluindo a semântica gerativa. Chomsky conclui seu prefácio com o conhecido argumento de que os modelos concorrentes são meras variações terminológicas e de notação.

Uma das características do estilo argumentativo em gramática gerativa transformacional, não apenas durante o período do debate sobre a estrutura profunda¹⁵⁰, é o de apresentação de postulados (assim como o postulado sobre a existência da estrutura profunda) e a subsequente elaboração teórica, com a construção de hipóteses e sua elaboração em direção à justificação empírica baseadas nos postulados sem que estes tenham sido verificados. Vejamos como exemplo a seguinte passagem em “Remarks on nominalization” e que Chomsky fornece uma caracterização do nível de estrutura profunda no contexto da arquitetura gramatical:

I will assume that a grammar contains a base consisting of a categorial component (**which I will assume to be** a context-free grammar) and a lexicon. The lexicon consists of lexical entries, each of which is a system of specified features. The nonterminal vocabulary of the context-free grammar is drawn from a universal and rather limited vocabulary, some aspects of which will be considered below. The context-free grammar generates phrase-markers, with a dummy symbol as one of the terminal elements. A general principle of lexical insertion permits lexical entries to replace the dummy symbol in ways determined by their feature content. The formal object constructed in this way is a deep structure. (Chomsky, 1972, p. 12. Grifo meu)

¹⁵⁰ Com a intenção de ser mais preciso e também mais fiel à minha observação empírica dos textos aqui referidos, eu poderia dizer que esta característica a que me refiro é propriamente do estilo de Chomsky e de seu modo de argumentação teórica, que está relacionado com a forma como ele entende que deva ser a construção de hipóteses e teorias científicas.

Foi a partir da desta constatação generalizada que aproximei este tipo de estilo argumentativo da caracterização como argumentos plausíveis. Pois, de todo modo, o próprio Chomsky é o primeiro a afirmar – em sua compreensão da refutação popperiana - que suas hipóteses teóricas são todas passíveis de serem ‘revisadas’ e, por que não, abandonadas em favor de outras melhores. É a esta série de ‘suposições’ (*presumptions*) –um dos elementos que caracterizam a argumentação dialética (ver Rescher, 1977, p. 35 ss.) –, característica do estilo argumentativo de Chomsky, que identifico como o elemento que transforma as hipóteses em linguística gerativa em argumentos plausíveis¹⁵¹. Se o exemplo na citação acima não parecer suficiente para justificar minha consideração, posso mencionar o segundo artigo da mesma publicação “Deep structure, surface structure and semantic interpretation” em que a fim de justificar a importância das estruturas superficiais para a composição da representação semântica, Chomsky propõe que se ‘assuma’ (mais uma indicação do uso das *presumptions*) pelo menos sete argumentos que oferecem hipótese plausíveis a respeito da estrutura gramatical. Não irei citar todas as passagens, pois de pouco serviria mostrar que são de fato sete o número de hipóteses propostas pelo autor para justificar sua outra – mais outra – hipótese de que agora, ao contrário do proposto pela teoria padrão, as estruturas superficiais possuem um papel na determinação da interpretação semântica de uma sentença¹⁵². Em vez disso, irei me concentrar nos argumentos que Chomsky

¹⁵¹ A plausibilidade é, juntamente com as ‘suposições’, o outro elemento que segundo Rescher (1977) define a argumentação dialética.

¹⁵² Disponho aqui as sete *presumptions* para aqueles que quiserem conferi-las sem precisar ir ao artigo (os grifos são todos meus):

1. “Let us **assume** given two universal language-independent systems of representation, a phonetic system for the specification of sound and a semantic system for the specification of meaning”. (p. 62)
2. “I will, however, **assume** here that such a system can be developed, and that it makes sense to speak of the ways in which the inherent meaning of a sentence, characterized in some still-to-be-discovered system of representation, is related to various aspects of its form”. (p. 62-63)
3. “Let us **assume** further that the grammar in some manner specifies an infinite class of surface structures, each of which is mapped onto a phonetic representation by a system of phonological rules”. (p. 63)
4. “I **assume** further that the grammar contains a system of grammatical transformations, each a mapping of phrase-markers onto phrase-markers”. (p. 63)

apresenta contrariando as propostas, apresentadas pelos gerativistas, de uma arquitetura gramatical de base semântica.

O início de “Deep structure, surface structure and semantic interpretation” apresenta as linhas gerais do que seu autor pretende fazer:

I will outline a general framework within which much of the discussion of these questions in the past few years can be reformulated, and alternatives compared as to empirical content and justification, and I will discuss some empirical considerations that suggest a choice among these alternatives that is different, in some respects, from either the theory of grammar outlined in Chomsky (1965) or the proposals of a more ‘semantically-based’ grammar that have been developed in the important work of the past few years. (Chomsky, 1972, p. 62)

Chomsky passa brevemente pela proposta alternativa de Wallace Chafe e a desclassifica como inválida na sua tentativa de “obliterar” a separação entre sintaxe e semântica, mais uma vez, como mero problema terminológico. Chomsky entra então na consideração de críticas ao modelo padrão e considera em detalhes as propostas de McCawley (1968a, 1968b, 1970)¹⁵³. Como não vou me deter, neste

5. “Let us **assume** further that the grammar contains a lexicon, which we take to be a class of lexical entries each of which specifies the grammatical (i.e., phonological, semantic, and syntactic) properties of some lexical item. (p. 64)

6. “**Suppose**, furthermore, that all lexical items are inserted into a phrase-marker before any nonlexical grammatical transformation applies”. (p. 64)

7. The theory outlined in Chomsky (1965) **assumes** that in addition to a lexicon, a system of grammatical transformations, and a system of phonological rules, the grammar contains a system of rules of semantic interpretation and a context-free categorial component with a designated terminal element Δ . (p. 65)

8. It is **assumed** that the grammar meets condition (3), so that a class of post-lexical structures is defined. A general well-formedness condition is proposed for surface structures. (p. 65)

9. It is natural (though I shall argue, only in part correct) to **suppose** that the semantic interpretation of a sentence is determined by the intrinsic semantic content of lexical items and the manner in which they are related at the level of deep structure. (p. 65-66)

10. **Supposing** this (following, in essence, Katz and Postal, 1964), it would follow that deep structures determine semantic representation under the rules of semantic interpretation. (p. 66)

Em vez de sete, citei dez passagens em que o recurso da ‘suposição’ (*presumption*) é amplamente utilizado para a construção, não só de hipótese, mas do próprio modelo teórico, já que Chomsky afirma que estas dez ‘suposições’ representam o arcabouço teórico da ‘teoria padrão’ (p. 66).

¹⁵³ Estranhamente, antes de entrar nos detalhes das propostas das críticas de McCawley, Chomsky faz a seguinte afirmação em relação ao modelo por ele elaborado chamado ‘teoria padrão’: “Evidently, there is no a priori argument against these views, as there is no a priori necessity for a

momento, nas críticas de McCawley, passo diretamente á próxima etapa do artigo em que Chomsky responde às oposições de Lakoff (1968) – que compõe o turno ‘Oa’, acima.

Chomsky caracteriza a crítica de Lakoff, ao meu modo de ver, de maneira correta: “(...) whether deep structures can be defined in the sense of the standard theory without loss of significant generalization (...)”. É exatamente disto que trata a conclusão de Lakoff – a perda de capacidade de generalização por parte da teoria (ver acima) -, caso a não atribuição de estruturas profundas idênticas a sentenças (quase) sinônimas (ou paráfrases) poderia levar à perda de generalizações teóricas importantes.

Vimos que Lakoff (1968) propôs uma delimitação para o conceito de ‘estrutura profunda’ baseada em quatro condições:

- i. Enquanto nível de representação das categorias gramaticais fundamentais;
- ii. Enquanto nível que garantiria as corretas generalizações a respeito das restrições de seleção e de coocorrência;
- iii. Enquanto nível em que os itens lexicais são atribuídos às suas categorias adequadas;
- iv. Enquanto nível que definiria as estruturas apropriadas para servirem de *input* para as regras transformacionais.

A partir de um exemplo paradigmático (sentenças 1 e 2, acima) concluiu que sentenças sinônimas (ou paráfrases) contendo advérbio de instrumento deveriam ter estruturas profundas praticamente idênticas, para que ficasse garantido o poder de generalização de determinadas regras semânticas e, especialmente, de regras de coocorrência e de seleção de restrição. Nesta proposta, Lakoff apresenta um novo modo de fornecer justificativa para determinados postulados teóricos, ou *presumptions*, em gramática gerativa transformacional, como o da existência de um nível de estrutura profunda. A novidade encontra-se na ideia de que é possível fornecer argumentos a favor da existência de determinados fenômenos gramaticais

grammar to define systems of deep and surface structure in the sense of the standard theory” (p. 68). E digo ‘estranhamente’ pelo fato dele ter no prefácio feito a seguinte afirmação: “The status of deep structure is discussed again in the third essay, where further evidence is presented leading again to the conclusion that a level of deep structure (in the sense of the standard theory and EST) **must** be postulated” (p. 5, grifo meu). É bastante provável que alguma nuance me escape, nesse caso de aparente contradição. Porém, são bastante conhecidos os misteriosos modos das afirmações de Chomsky neste sentido. Acredito que este caso, como outros, não mereça maior atenção.

e linguísticos sem a necessidade de formulação de regras que justifiquem (descrevam) aqueles mesmos fenômenos. Chomsky chama de ‘indireto’ a este modo de justificação.

Chomsky afirma ser incompleta a análise de Lakoff e descarta os contra-argumentos apresentados para a modificação do modelo padrão sem maiores detalhes, fornecendo apenas contraexemplos que, segundo ele, são suficientes para tornar evidente que as conclusões de Lakoff são inválidas (ver p. 80-84).

Após considerar as possíveis propostas de uma gramática de base semântica nos argumentos de Lakoff, McCawley, Jackendoff e Fillmore - propostas estas que sugeririam a necessidade de modificação do modelo da teoria padrão – e descartar todas elas, Chomsky conclui que determinados fenômenos gramaticais relativos à estrutura semântica, tais como ‘foco’ e ‘pressuposição’, ‘tópico’ e ‘comentário’, ‘referência’ e outros seriam, pelo menos em parte, determinados a partir de propriedades da estrutura superficial. Chomsky chega a esta conclusão após a análise de uma série de exemplos que demonstram propriedades estruturais para tal conclusão. Ele irá reafirmar sua tese de que, a partir das propostas apresentadas e descartadas, o componente semântico não pode ser aquele que fornece a base para a arquitetura gramatical: “We have already noted, (...) that it is impossible to construct a ‘semantically-based’ syntax along the lines that have been proposed in recent discussion (p. 114).

É difícil sintetizar os argumentos de Chomsky, nesta sua intervenção no debate. O que pode-se afirmar com certeza, como já fiz, é que a partir de SSGG determinados aspectos da estrutura semântica passam a ser dependentes da estrutura superficial. Chomsky não vai muito além, em “Deep structure, surface structure...”, de apresentar alguns dados empíricos que justificam a dependência das estruturas superficiais por parte da estrutura semântica, a qual era antes completamente informada pelas estruturas profundas. A esta redefinição do modelo transformacional padrão, ele rebatizou de ‘teoria padrão estendida’.

McCawley (1982 [1975]) elabora uma longa resenha com mais de cem páginas da coletânea em que Chomsky propõe pela primeira vez a revisão da ‘teoria

padrão’, rebatizada de ‘teoria padrão estendida’. O texto funciona, no debate entre gerativistas e interpretativistas, como uma espécie de intervenção final por parte do grupo que iniciou os questionamentos ao modelo padrão em favor de uma arquitetura gramatical baseada na semântica, ou em que a separação entre os componente semântico e sintático fosse menos marcada.

Na interpretação de McCawley (p. 10), nos anos que se seguiram à publicação de *Aspects*, as chamadas estruturas profundas foram se tornando cada vez mais abstratas e também mais próximas da própria representação semântica, a ponto de sugerirem uma indistinção entre os componentes sintáticos e semânticos.

Das mais de cem páginas da resenha de McCawley, trinta são dedicadas à análise dos argumentos de Chomsky em “Deep structure, surface structure...”, e dentre estas, ele dedica três páginas às considerações de Chomsky a respeito dos argumentos contidos em Lakoff (1968). A conclusão de McCawley não é animadora. Para ele Chomsky falha em apresentar argumentos convincentes contrários a Lakoff e ele acredita que a proposta de Lakoff merece um voto de confiança até que objeções mais concretas sejam apresentadas. Por motivos desta natureza, a presente análise e reconstrução também fica prejudicada.

Para McCawley, as críticas de Chomsky contidas em “Deep structure, surface structure...” configuram um argumento do tipo ‘falácia do espantalho’ (*straw man fallacy*)¹⁵⁴. Isto é, Chomsky está contra-argumentando uma posição que não é exatamente aquela defendida pelo seu opositor. Chegamos a um ponto crucial desta análise.

A reconstrução para fins de análise se encerra neste ponto, mas o debate não. Ele continuará em vários outros turnos – alguns já mencionados mais acima -, como por exemplo, Chomsky (1975), e reemergirá ainda algumas vezes e, desconfio, esteja ainda em aberto.

¹⁵⁴ Para uma definição da ‘falácia do espantalho’ ver Walton (2008, p. 18): “This fallacy [straw man] is the tactic of exaggerating or distorting the opponent’s argument to make it more vulnerable to refutation”. Neste sentido, as chamadas ‘implicaturas polêmicas’ são uma variação da ‘falácia do espantalho’.

Neste ponto desta proposta, que se prolongou até aqui, parece-me ser este o momento apropriado para tecer alguns comentários que ao mesmo tempo em que concluem a reconstrução e interpretação desta amostra do debate sobre a estrutura profunda, dão também início ao seu fechamento.

A reconstrução do desenvolvimento desta amostra do debate sobre a estrutura profunda se mostrou inesperadamente, porém sem surpresas, difícil de submeter a uma análise formal, homogênea e em que os argumentos utilizados pelos participantes fossem representados por um modelo uniforme. Muitos menos o seu encadeamento se mostrou tratável desta maneira. A cada um dos turnos participantes, os argumentos assumem formas inesperadas, fragmentadas, ou então extremamente incrustados no discurso teórico como um todo. Este fenômeno aponta para uma série de conclusões a respeito da reconstrução e análise de debates polêmicos na ciência, o quais descreverei alguns na conclusão. Agora, para finalizar, gostaria de apresentar uma visão panorâmica da minha percepção das estratégias argumentativas neste turno reconstruído do debate:

Inicialmente, temos a proposição de Chomsky (1965) com a defesa da necessidade de um nível sintático de estrutura profunda, sendo que este aspecto é o diferencial da versão transformacional da gramática gerativa que ele está propondo naquele momento. A forma geral do argumento a favor da existência de um nível de estrutura profunda é, como foi visto, a de uma hipótese plausível com base em uma suposição (*presumption*) que é a de que 'algo' deve se passar em um nível subjacente, em termos estruturais, para que a superfície possa se comportar como aparenta¹⁵⁵. A esta proposição, Lakoff (1968) contrapõe o argumento de que se as estruturas profundas precisam de fato existir, elas devem assumir uma forma determinada baseada em quatro critérios gramaticais inferidos pelo autor a partir do modelo padrão. O que há de diferente no argumento de Lakoff é que ele não propõe a necessidade de justificativa empírica de suas afirmações. Em resposta a Lakoff, minha reconstrução selecionou uma passagem de réplica em Chomsky (1972). Neste caso, Chomsky recorre a um recurso curioso de ao mesmo tempo em que

¹⁵⁵ Gostaria de chamar atenção para um detalhe ainda não mencionado em relação à esta *assumption* de existência do nível de estrutura profunda na arquitetura gramatical: esta forma de compreensão da estrutura gramatical em níveis, profundo e superficial, se enquadra no modelo de interpretação que Dascal (2006) chama de 'modelo de interpretação causal ou de estrutura profunda' (Ver Dascal, 2006, p. 230).

procura rejeitar a proposta de Lakoff, vai na direção de uma reformulação do modelo padrão, porém não nos mesmos moldes propostos por Lakoff. Finalmente, McCawley identifica que os argumentos de Chomsky assumem a forma de ‘argumento espantalho’ (*straw man*) em que Chomsky ataca uma oposição ao modelo padrão que não é exatamente a posição defendida, no caso, pela proposta de Lakoff.

A proposta inicial de relacionar os pressupostos da Teoria das Controvérsias enquanto aparato teórico e metodológico para uma Filosofia da Linguística enquanto reflexão metateórica em linguística parece ter se realizado de maneira indireta. Tratarei desta questão, a seguir, nas considerações finais.

5 Considerações finais

Avaliação da proposta de conjunção dos pressupostos teóricos e metodológicos da teoria das controvérsias como ferramenta para a história e filosofia da linguística; da necessidade da metateoria linguística para a teoria e análise linguísticas;

Ao longo deste trabalho meu objetivo foi o de apresentar alguns problemas metodológicos relacionados à proposta de uma reflexão metateórica em linguística e apontar algumas possíveis soluções para estes problemas. O problema específico principal, ao lado do problema mais geral de efetivamente delimitar um programa de investigação para a meta reflexão linguística, foi o de tentar uma descrição mínima a respeito do problema da mudança teórica em linguística. Para a realização desta tarefa que agora percebo maior do que poderia imaginar, propus a reconstrução e reavaliação do debate sobre a noção de estrutura profunda, que é parte da polêmica a respeito da estrutura semântica em gramática gerativa transformacional. Ao final da elaboração desta proposta, a concretização dos objetivos geral e específico me parece ter ficado um tanto aquém das expectativas. Isto se deu por vários motivos. Entre eles, por exemplo, a impossibilidade de capturar na análise dos argumentos das trocas polêmicas do debate a evidência empírica que justificasse a percepção do fenômeno da mudança teórica. Porém, apesar dos resultados alcançados não terem se mostrado tão sólidos quanto foi imaginado a princípio, ao longo do percurso, muitas outras questões acabaram por se mostrar produtivas. Por exemplo, a percepção de que embora as interações polêmicas não se mostrassem tão facilmente tratáveis, mesmo assim se manteve forte o pressuposto de que a mudança do conhecimento teórico depende, entre outros fatores, da troca de argumentos entre os proponentes de ideias e teorias científicas. Isso me parece ser alguma coisa de relevante. A manutenção deste pressuposto fundamental da Teoria das Controvérsias é um fato observável, pois é inegável que as teorias científicas se transformam. E mesmo que este movimento possa não ter sido explicitado pela análise aqui apresentada, este fato não cancela a hipótese principal, enquanto um fenômeno observável. Esta hipótese foi também reforçada pela contato com uma variedade de outras propostas de interpretação do fenômeno da mudança do conhecimento a partir de uma perspectiva dialógica.

Parece-me que os resultados positivos alcançados, ao final deste trabalho, apresentam-se na forma de um ganho cognitivo complexo. Uma das novidades aqui

testadas foi a de que a partir do modelo da forma silogística tradicional é impossível capturar o fenômeno da mudança teórica, uma vez que a partir do modelo inferencial dedutivo as teorias parecem animadas por uma força misteriosa¹⁵⁶. Pelo contrário, o modelo inferencial pragmático deixa explícita a atuação dos agentes que promovem estas mudanças através das interações em situações polêmicas. Isto também ficou claro em relação à análise da polêmica sobre a natureza do componente semântico em gramática gerativa transformacional.

O modelo pragmático de interpretação parece-me ser a opção urgente a ser desenvolvida para compreensão de vários fenômenos capturados pela reflexão metateórica em linguística. Talvez o desenvolvimento do modelo inferencial pragmático na interpretação metateórica consiga reverter a condição irrelevante que ocupa a linguística no contexto da filosofia da ciência. A presente proposta não pretendeu fornecer mais do que um delineamento de uma proposta de filosofia da linguística com base neste modelo.

As modificações conceituais no modelo transformacional em relação à natureza do componente semântico e o conceito de estrutura profunda levaram, finalmente, ao abandono deste conceito e, conseqüentemente, a se propor uma arquitetura da estrutura gramatical sem a intermediação de um nível de estrutura profunda entre os níveis de representação sintática e a estrutura superficial - com seus níveis de representação fonológica e semântica. Além desta transformação, outras modificações nos sucessivos desenvolvimentos no programa de investigação da gramática gerativa sugerem que algumas das propostas defendidas pela semântica gerativa vieram a ser adotadas pela corrente interpretativista. Entretanto, este fenômeno de mudança teórica na gramática gerativa dificilmente poderia ser entendido como tendo sido resultado de uma apropriação indevida ou ilegítima.

Uma das prováveis justificativas a ser elaborada na explicação deste fenômeno é a de que justamente através do embate polêmico de perspectivas diferentes as posições são levadas a se modificarem. O exercício mútuo da crítica parece ser mesmo o motor de mudanças desta natureza. O fato de teses

¹⁵⁶ Talvez fosse possível dizer que o fenômeno da mudança teórica, neste sentido, parece 'misterioso' porque parece animado por um mecanismo puramente semântico, como se as teorias existissem em um mundo independente daqueles que as propõem.

semelhantes às defendidas pelos proponentes da semântica gerativa terem sido adotadas pelos proponentes da semântica interpretativa, demonstra, antes de mais nada, que a segunda considerava a primeira como um 'interlocutor válido'.

Proponho, nesta parte, a conclusão provisória desta proposta metodológica. A história do debate da semântica gerativa vs. semântica interpretativa é a história da linguística gerativa no período que compreende o período de desenvolvimento teórico que as propostas de interpretação e explicação da estrutura linguística havia alcançado antes da publicação de *Aspects* até os desdobramentos relativos ao período imediatamente anterior ao modelo de princípios e parâmetros. Em suma, representa boa parte do transformacionalismo gerativista.

Parte de meus esforços analíticos tiveram como motivação a tentativa de elaboração de uma interpretação intermediária. Entre a opinião exaltada dos que desqualificam a importância deste debate e um certo senso comum (acadêmico e pedagógico), que muito rapidamente encontra respostas definitivas para os acontecimentos históricos que aqui são apresentados. O método meta-analítico de abordagem dos discursos polêmicos propiciado pela teoria das controvérsias tornou possível uma interpretação renovada a respeito dos resultados do debate SG vs. SI. A conclusão ou o fechamento de uma controvérsia é possivelmente a parte mais interessante, interpretativamente falando, do seu desenvolvimento. As consequências de um debate são, comumente objeto de outros debates. É pela análise do fechamento de uma controvérsia que pode-se obter um diagnóstico da mudança/evolução do conhecimento teórico em questão em um debate.

Talvez seja mesmo verdade, como afirma Dascal em duas ocasiões, que a consciência metodológica entre os linguistas seja mais saliente do que em outros grupos disciplinares semelhantes. Mas uma coisa fica ainda a se desejar, que a consciência metateórica floresça para a linguística em seu potencial, a partir desta consciência metodológica, e finalmente, possamos ter uma linguística que será considerada no contexto da filosofia da ciência e que nos ajude a superar um certo complexo de inferioridade, o qual também assola os linguistas.

Não foi minha intenção, ao longo deste trabalho, buscar classificar a polêmica sobre a estrutura profunda enquanto um dos tipos ideais previstos pela teoria das

controvérsias. O motivo para isto encontra-se no fato de que a realização empírica de uma polêmica, um debate, nunca assume única e exclusivamente a forma de um dos tipos ideais previstos (ver Dascal, 1995). No caso do debate sobre a estrutura profunda, este revela características de todos os tipos ideais. Isto é, há momentos em que o tipo 'discussão' parece de fato estar em andamento, por exemplo quando ambos os lados envolvidos na polêmica reconhecem que as proposições e oposições apresentadas dizem de fato respeito ao desenvolvimento da gramática gerativa e, especificamente, ao modelo da teoria padrão. Em certos turnos, entretanto, há características evidentes de que se configura um tipo 'disputa'. Ver por exemplo, as animosidades e ataques pessoais decorrentes das interações durante o debate e, em nível propriamente argumentativo, o argumento de desqualificação das intervenções opostas. Já as características do tipo 'controvérsia' preponderam em vários momentos do debate.

A ideia principal do trabalho é a investigação das condições de estabelecimento de um programa de investigação metateórico para a linguística. Em outras palavras, interessou aqui a construção de uma perspectiva metateórica sobre a investigação linguística a partir do próprio conhecimento linguístico, não a partir do conhecimento filosófico sobre a linguagem.

FIM

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AARSLEFF, Hans. "Bréal vs. Schleicher: Reorientation in linguistics during the later half of the 19th century". In: _____. **From Locke to Saussure: Essays in the study of language and intellectual history**. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 1982 [1979], p. 293-334.
- ALLAN, Keith. "Linguistic metatheory". *Language Sciences* 25 (6), 2003, p. 533-560.
- AUROUX, Sylvain e KOULOUGHLI, Djamel. "Why is there no 'true' philosophy of linguistics?". *Language and Communication* 11 (3), 1991, p. 151-163.
- AUROUX, Sylvain *et al* (Eds.) **History of the Language Sciences: An international handbook on the evolution of the study of language from the beginnings to the present. Vol. 3**. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2006.
- AUROUX, Sylvain. "Catégories de métalangages". *Histoire Épistémologie Langage* 1 (1), 1979, p. 3-14.
- BANCZEROWSKI, Jerzy. "The axiomatic method in 20th century European linguistics". In: AUROUX, Sylvain *et al* (Eds.) **History of the Language Sciences: An international handbook on the evolution of the study of language from the beginnings to the present. Vol. 3**. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2006, p. 2007-2026.
- BARBER, Alex (Ed.). **Epistemology of Language**. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- BEAUGRANDE, Robert de. "Linguistic theory and metatheory for a science of texts". *Text* 1 (2), 1981, p. 113-161. Versão revisada (2005) disponível em <<http://www.beaugrande.com/LinguisticTheoryMetaTheory.htm>>.
- BIERWISCH, Manfred e HEIDOLPH, Karl E. (Eds.). **Progress in linguistics: A collection of papers**. The Hague: Mouton, 1970. 344 p.
- BLOOMFIELD, Leonard. "A set of postulates for the science of language". *Language* 2 (3), 1926, p. 153-164.
- BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. London: George Allen & Unwin Ltd, 1933.
- BORGES NETO, José. "Chomsky e a Teoria das Idéias Inatas". Em Paz, F. M. (org) *As Aventuras do Pensamento*. Curitiba: Editora UFPR, 1993, p. 173-187.
- BORGES NETO, José. "O Empreendimento Gerativo". Em Mussalim, F. & Bentes, A. C. (orgs) *Introdução à Linguística, vol. 3: Fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez Editora, 2004, p. 93-129.
- BORGES NETO, José. "Um capítulo da história da linguística: A Semântica Gerativa". Em Negri, L. *et al* (Orgs.). *Sentido e Significação: Em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Editora Contexto, 2004, p. 181-216.
- BORGES NETO, José. *A Gramática Gerativa Transformacional: Um ensaio em filosofia da linguística*. Campinas/UNICAMP: Tese de doutorado não publicada, 1991.
- BORGES NETO, José. *A Revolução Chomskiana: Um ensaio em filosofia da linguística*. Tese de doutorado inédita. Campinas: Unicamp, 1991.

BORGES NETO, José. **Ensaio de Filosofia da Linguística**. São Paulo: Parábola, 2004.

BORGES NETO, José. *Ensaio de Filosofia da Linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BOTHA, Rudolf P. e WINCKLER, Walter K. (Col.). **The Justification of Linguistic Hypotheses: A study of non-demonstrative inference in transformational grammar**. The Hague and Paris: Mouton Publishers, 1973, 350p.

BOTHA, Rudolf P. **The Conduct of Linguistic Inquiry: A systematic introduction to the methodology of generative grammar**. The Hague: Mouton/De Gruyter, 1981.

BOTHA, Rudolf P. **The Methodological Status of Grammatical Argumentation**. The Hague and Paris: Mouton Publishers, 1970.

BUNDY, David. "On the origins and early developments of Chomskyan linguistics: The rise and fall of the standard model". In: AUROUX, Sylvain et al (eds.) **History of the Language Sciences: An international handbook on the evolution of the study of language from the beginnings to the present**. Vol. 3. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2006, pp. 2034-2039.

CARR, Philip. **Linguistic Realities: An autonomist metatheory for the generative enterprise**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

CHOMSKY, Noam. 1977. *Essays on Form and Interpretation*. The Hague: Mouton, 1977.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: The MIT Press, 1965.

CHOMSKY, Noam. *On Language*. New York: The New Press, 1998.

CHOMSKY, Noam. *Studies on Semantics in Generative Grammar*. The Hague: Mouton, 1972.

CHOMSKY, Noam. *Topics in the Theory of Generative Grammar*. The Hague: Mouton, 1966.

COHEN, Morris R. e NAGEL, Ernest. **An Introduction to Logic and Scientific Method**. New Delhi: Allied Publishers, 1998 [1968 (1st Indian reprint), 1937 (1st ed.)], 467 pp.

DASCAL, Marcelo. "A dialética na construção coletiva do saber científico". In: REGNER, Anna Carolina. e ROHDEN, Luiz. **A Filosofia e a Ciência Redesenham Horizontes**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2005, p. 15-31.

DASCAL, Marcelo. "Critique without critics?". *Science in Context* 10 (1), 1997, p. 39-62.

DASCAL, Marcelo. "Dichotomies and Types of Debate". In: van EEMEREN, Frans H. e GARSSSEN, Bart. (Eds.). **Controversy and Confrontation: Relating controversy analysis with argumentation theory**. Amsterdam: John Benjamins, 2008, p. 27-49. Disponível em: <<http://www.tau.ac.il/humanities/philos/dascal/publications.html>>.

DASCAL, Marcelo. (Org.). **Fundamentos Metodológicos da Linguística, 4 vols.** São Paulo e Campinas: Global, 1978-1982.

- DASCAL, Marcelo. "As Convulsões Metodológicas da Linguística Contemporânea". In: DASCAL, Marcelo. (Org.). **Fundamentos Metodológicos da Linguística, vol. 1**. São Paulo: Global, 1978, p. 15-41.
- DASCAL, Marcelo. "Compreendendo as Controvérsias. Em Dascal, M. *Interpretação e Compreensão*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, (2006), p. 301-313.
- DASCAL, Marcelo. "Epistemologia, Controvérsias e Pragmática". *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência (SBHC)*, n. 12, 1994, p. 73-98.
- DASCAL, Marcelo. "Models of Interpretation". In: _____. **Interpretation and Understanding**. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 194-210.
- DASCAL, Marcelo. "Observaciones sobre la dinámica de las controversias". Em Gómez, A. V. (comp) *Racionalidad y Cambio Científico*. Barcelona/México, D. F.: Paidós/UNAM, 1997, p. 99-121.
- DASCAL, Marcelo. "Review of Botha's 'The Methodological Status of Grammatical Argumentation'". *Philosophia* 3 (2-3), 1973, p. 351-364.
- DASCAL, Marcelo. "The Study of Controversies and the Theory and History of Science". *Science in Context*, 11 (2), 1998, p.147-154.
- DASCAL, Marcelo. "Types of Polemics and Types of Polemical Moves". Em Čmejrková, S. *et al* (orgs) *Dialoganalyse VI, vol. 1*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998, p. 15-33.
- DASCAL, Marcelo. **Interpretação e Compreensão**. Tradução de Marcia Heloisa L. da Rocha. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2006. 729 p. Título Original: Interpretation and Understanding.
- DASCAL, Marcelo. **Interpretation and Understanding**. Amsterdam: John Benjamins, 2003.
- DASCAL, Marcelo; GARHARDUS, Dietfried; LORENZ, Kuno; MEGGLE, Georg (Eds.). **Philosophy of Language: An international handbook of contemporary research**. 2 vols. Berlin: De Gruyter, 1992.
- DAVIDSON, Donald e HARMAN, Gilbert. (Eds.). **Semantics of Natural Language**. 2nd ed. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1972
- DAVIES, Anna P. **History of Linguistics, vol. IV: Nineteenth-Century Linguistics**. Coleção em 6 volumes editada por Giulio Lepschy. London: Longman, 1992.
- DEVITT, Michael & STERELNY, Kim. "What is a theory of language?" In: _____. **Language and Reality: An introduction to the philosophy of language**. 2^a ed. Oxford: Blackwell Publishers, 1999, p. 9-11.
- DEVITT, Michael e STERELNY, Kim. **Language and Reality: An introduction to the philosophy of language**. 2^a ed. Oxford: Blackwell, 1999.
- DILLINGER, Mike. "Linguistic metatheory: The neglected half of the linguist's training". *Innovations in Linguistics Education* 3 (1), 1983, p. 13-25.
- DINGWALL, William O. (Ed.). **A Survey of Linguistic Science**. College Park: Linguistics Program/University of Maryland, 1971.
- DOUGHERTY, Ray C. "A survey of linguistic methods and arguments". Review of **Modern Studies in English: Readings in Transformational Grammar** by David A. REIBEL e Sanford A. SCHANE. *Foundations of Language* 10 (3), 1973, p. 423-490.

- ESCRIBANO, José Luis G. "El concepto de 'modularidad' en la meta-teoría lingüística". *Linguistic Inquiry: Applications*, special issue of *RCEI*, Adelaida Jurado Spuch, ed., Universidad de La Laguna: Servicio de Publicaciones, 1994, pp. 25-43.
- ESCRIBANO, José Luis G. "On syntactic meta-theory". *Atlantis* 15, 1993, pp. 229-267.
- ESCRIBANO, José Luis G. "Parámetros para una meta-teoría sintáctica: Un primer esbozo". *Actas del V Congreso de Lenguajes Naturales y Lenguajes Formales*, Universidad de Barcelona, 1990, pp. 167-190.
- ESCRIBANO, José Luis G. "Semantocentric Minimalist Grammar". *Atlantis* 27(2), 2005, pp. 57-74.
- FIGUEROA, Esther. **Sociolinguistic Metatheory**. Oxford: Pergamon Press, 1994.
- FODOR, J. D. 1977. *Semantics: Theories of Meaning in Generative Grammar*.
- FODOR, Janet D. **Semantics**: Theories of meaning in generative grammar. Cambridge: Harvard University Press, 1980.
- FORMIGARI, Lia. **A History of Language Philosophies**. Tradução de Gabriel Poole. Amsterdam: John Benjamins, 2004 [2001]. 250 p. Título original: **Il linguaggio**: Storia delle teorie.
- GELDER, Timothy van e KORB, Kevin B. "Interview with Tim van Gelder". *The Reasoner* 4 (2), 2010, p. 19-21. Disponível em <<http://www.thereasoner.org/>>.
- GELDER, Timothy van. "Argument Mapping". In: PASHLER, Hal. (Ed.). *Encyclopedia of the Mind*. Thousand Oaks: Sage, 2011 (a sair). Disponível em <<http://sites.google.com/site/timvangelder/>>.
- GERVAIN, Judit. "When Chomsky meets Searle". In: KERTÉSZ, András. (Ed.). **Approaches to the Pragmatics of Scientific Discourse**. Frankfurt: Peter Lang Verlag, 2001, p. 113-133.
- GREEN, Georgia M. "Review of Botha's 'The Methodological Status of Grammatical Argumentation'". *American Anthropologist* 74 (?), 1972, p. 1481-1483.
- HANSON, Norwood Russell. The Irrelevance of History of Science to Philosophy of Science. **The Journal of Philosophy**, v. 59, n. 21, p. 574-586. 1962.
- HARRÉ, Rom e HARRIS, Roy (eds) **Linguistics and Philosophy: The controversial interface**. Oxford: Pergamon Press, 1993.
- HEMPEL, C. G. Scientific Rationality: normative versus descriptive construals. In **The Philosophy of C. G. Hempel**, p. 357-371. 2001/1979.
- HEMPEL, Carl G. **Philosophy of Natural Science**. 1966, p. 38-40.
- HUCK, G. e GOLDSMITH, J. *Ideology and Linguistic Theory*. London: Routledge, 1995.
- HUCK, Geoffrey J. e GOLDSMITH, John A. **Ideology and Linguistic Theory: Noam Chomsky and the deep structure debates**. London: Routledge, 1995.
- ITKONEN, Esa. *¿Qué es el lenguaje? Introducción a la filosofía de la lingüística*. Tradução revisada e ampliada de Itkonen (2003), por Araceli López Serena. Madrid: Biblioteca Nueva, 2008.

- ITKONEN, Esa. *What is language? A study in the philosophy of linguistics*. University of Turku: Publications in General Linguistics 8. 2003 (pp. 226).
- KADVANY, John. **Imre Lakatos and the Guises of Reason**. Durham: Duke University Press, 2001.
- KATZ, Jerrold J. (Ed.). **The Philosophy of Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 1985.
- KATZ, Jerrold J. *The Philosophy of Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1985.
- KERTÉSZ, András e RÁKOSI, Csilla. "Inconsistency and plausible reasoning in an analysis of German affricates: A case study in the philosophy of linguistics". *Language Sciences* 28 (4), 2006, p. 386-423.
- KERTÉSZ, András. (Ed.). **Approaches to the Pragmatics of Scientific Discourse**. Frankfurt: Peter Lang Verlag, 2001.
- KERTÉSZ, András. **Philosophie der Linguistik: Studien zur naturalisierten wissenschaftstheorie**. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2004, 439 p.
- KETEL, Els Elffers-van. **The Historiography of Grammatical Concepts: 19th and 20th-century changes in the subject-predicate conception and the problem of their historical reconstruction**. Amsterdam/Atlanta: Rodopi, 1991. 357 p.
- KOERNER, Konrad K. "American Structuralist Linguistics and the Problem of Meaning". Em *Toward a History of American Linguistics*, 2002, p. 75-104.
- KOERNER, Konrad K. *Toward a History of American Linguistics*. London: Routledge, 2002.
- KUIPERS, Theo A. F. (Ed.). **General Philosophy of Science: Focal Issues**. Amsterdam/Oxford: Elsevier/North-Holland, 2007.
- LAKOFF, George. "Linguistics and natural logic". In: DAVIDSON, Donald e HARMAN, Gilbert. (Eds.). **Semantics of Natural Language**. 2nd ed. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1972, p. 545-665.
- LAKOFF, George. Instrumental Adverbs and the Concept of Deep Structure. **Foundations of Language**, v. 4, p. 4-29. 1968.
- LAUDAN, Larry et al. "Scientific Change: Philosophical models and historical research". *Synthese* 69, pp. 141-223. D. Reidel Publishing Company, 1986.
- LEECH, Geoffrey N. "Some assumptions in the metatheory of linguistics". *Linguistics* 6 (39), 1968, p. 87-102.
- LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. **Sintaxe Gerativa do Português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação**. Belo Horizonte: Vigília, 1986. 558 p.
- LUND, Matthew D. "N. R. Hanson on the Relation Between Philosophy and History of Science". *Integrated History and Philosophy of Science* 1, 2007. Disponível em <<http://philsci-archive.pitt.edu/archive/00003908/>>.
- LUND, Matthew D. "N. R. Hanson on the relation between philosophy and history of science". In: **[2007] &HPS1: Integrated History and Philosophy of Science 1**. Disponível em <<http://philsci-archive.pitt.edu/3908/>>.
- MAGRO, Cristina. "O que é uma teoria da linguagem". Em Pinto, P. M.; Magro, C.; Santos, E. P. F. e Guimarães, L. (orgs), 1998, p. 177-189.

MATTHEWS, Peter H. **A Short History of Structural Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

MATTHEWS, Peter H. **Grammatical Theory in the United States from Bloomfield to Chomsky**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

MCCAWLEY, James D. "A program for logic". In: DAVIDSON, Donald e HARMAN, Gilbert. (Eds.). **Semantics of Natural Language**. 2nd ed. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1972, p. 498-544.

MCCAWLEY, James D. "Interpretative semantics meets Frankenstein". *Foundations of Language*, 7, 1971, p. 285-296.

MCCAWLEY, James D. "The role of semantics in a grammar". In: BACH, Emmon e HARMS, Robert, T. (Eds.). **Universals in Linguistic Theory**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968, p. 124-202.

MCCAWLEY, James D. **Grammar and Meaning: Papers on syntactic and semantic topics**. Tokyo: Taishukan Publishing Company, 1973.

MONK, Paul M. e van GELDER, Timothy J. "Enhancing our grasp of complex arguments". 2009 [2004]. Disponível em <<http://sites.google.com/site/timvangelder/>>. Traduzido para o espanhol por Fernando Leal Carretero com o título "Cómo aumentar nuestra comprensión de los argumentos complejos". In: CARRETERO, F. M. L; GONZÁLES, C. F. R. e VEGA, V. M. F. *Introducción a la Teoría de la Argumentación*. Universidad de Guadalajara: Editorial Universitaria, 2010, p.113-132.

NEWMeyer, Frederick J. Em coautoria com ANDERSON, Stephen R.; CHUNG, Sandra; MCCLOSKEY, James. "Chomsky's 1962 programme for linguistics: A retrospective". In: NEWMeyer, Frederick J. **Generative Linguistics: A historical perspective**. London: Routledge, 1996, p. 66-79.

NEWMeyer, Frederick J. **Generative Linguistics: A historical perspective**. London: Routledge, 1996.

NIRENBURG, Sergei & RASKIN, Victor. "Prolegomena to the Philosophy of Linguistics". In: _____. **Ontological Semantics**. Cambridge: The MIT Press, 2004, pp. 33-92.

OLMSTED, D. L. Resenha de *Mentalism and objectivism in linguistics: The sources of Leonard Bloomfield's psychology of language* de Erwin A. Esper. *Language*, 46 (1), 1970, p. 131-140.

PARTEE, Barbara H. "Linguistic metatheory". In: DINGWALL, William O. (Ed.). **A Survey of Linguistic Science**. College Park: Linguistics Program/University of Maryland, 1971, p. 650-680.

PERELMAN, Chaïm e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação: A nova retórica**. Tradução de M^a. Ermantina de A. P. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PERICLIEV, Vladimir. "On heuristic procedures in linguistics". *Studia Linguistica* 44 (1), 1990, p. 59-69.

PINTO, P. M.; MAGRO, C.; SANTOS, E. P. F. e GUIMARÃES, L. (Orgs.). *Filosofia Analítica, Pragmatismo e Ciência*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, p. 177-189.

- PLANTIN, Christian. **A Argumentação: História, teorias, perspectivas**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008. Título original *L'Argumentation*.
- RUBINELLI, Sara. **Ars Topica: The classical technique of constructing arguments from Aristotle to Cicero**. Dordrecht: Springer, 2009.
- SEARLE, John R. (Ed.). **The Philosophy of Language**. Oxford: Oxford University Press, 1971.
- SLOANE, Thomas O. (Ed.). **Encyclopedia of Rhetoric**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- SUPPE, Frederick (Ed.). **The Structure of Scientific Theories**. 2^a ed. Urbana: Illini Books, 1977.
- TALASIEWICZ, Mieszko. **Philosophy of Syntax: Foundational topics**. Dordrecht: Springer, 2010.
- TOMALIN, Marcus. "Migrating propositions and the evolution of Generative Grammar". In: KIBBEE, Douglas A. (Ed.). **Chomskyan (R)evolutions**. Amsterdam: John Benjamins, 2010, p. 315-336.
- TOMALIN, Marcus. "Migrating propositions and the evolution of Generative Grammar". In: KIBBEE, Douglas A. (Ed.). **Chomskyan (R)evolutions**. Amsterdam: John Benjamins, 2010, p. 315-336.
- TOMALIN, Marcus. **Linguistics and the Formal Sciences: The origins of generative grammar**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. 233 p.
- URIAGEREKA, Juan. **Syntactic Anchors: On semantic structuring**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- WALTON, Douglas *et al.* **Argumentation Schemes**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- WALTON, Douglas. **Dialogue Theory for Critical Argumentation**. Amsterdam: John Benjamins, 2007.
- WALTON, Douglas. **Informal Logic: A pragmatic approach**. 2^a ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- WASOW, Thomas e ARNOLD, Jennifer. "Intuitions in linguistic argumentation". *Lingua* 115, 2005, p. 1481-1496.
- ZWICKY, Arnold M. "Litmus tests, the bloomfieldian counterrevolution, and the correspondence fallacy". Second Annual Linguistic Metatheory Conference Proceedings. Michigan State university, Dept. of Linguistics, 1977.